

Paul Raskin é o fundador presidente do Tellus Institute e fundador diretor da Great Transition Initiative (GTI). Desde 1976, o Instituto Tellus conduz projetos ao redor do mundo, trabalhando para promover justiça e sustentabilidade por meio de produção de conhecimento, pesquisa e parcerias. Já a GTI, fundada em 2003, publica uma revista online e mobiliza renomada rede internacional para explorar visões e estratégias para um futuro civilizado. Em 1995, Raskin coorganizou o Global Scenario Group, o pioneiro da GTI, e foi o autor principal do influente ensaio de 2002, *Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead*. Em apoio a essas buscas, realizou pesquisa pioneira em análise de cenários integrados socioecológicos, criou modelos muito utilizados (LEAP, WEAP e PoleStar), foi o autor principal em avaliações de sustentabilidade de grande visibilidade e publicou amplamente. Cedo em sua carreira, Raskin ocupou posições de docência na State University of New York at Albany e no City College of New York. É PhD em Física Teórica pela Columbia University.

Apoio



CHARLES STEWART
MOTT FOUNDATION®

JORNADA PARA TERRALANDA - A Grande Transição para a Civilização Planetária

PAUL RASKIN

JORNADA PARA TERRALANDA

*A Grande Transição
para a Civilização
Planetária*

PAUL RASKIN

ibase.

APRESENTAÇÃO DE CÂNDIDO GRZYBOWSKI

JORNADA PARA TERRALANDA

*A Grande Transição
para a Civilização
Planetária*

PAUL RASKIN

ibase.

APRESENTAÇÃO DE CÂNDIDO GRZYBOWSKI

Uma publicação
Ibase – Instituto Brasileiro de
Análises Sociais e Econômicas
www.ibase.br

VERSÃO ORIGINAL EM INGLÊS

Tellus Institute
www.tellus.org

EDIÇÃO BRASILEIRA

Cândido Grzybowski
Iracema Dantas

TRADUÇÃO

Peter Lenny (supervisão)
Marcia Balsam Niskier
Tania Balsam Niskier

REVISÃO

Rose Zuanetti

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Guto Miranda/Inventum

Distribuição dirigida.

IBASE

CONSELHO CURADOR

Dulce Pandolfi – *presidenta*
Sonia Carvalho – *vice-presidenta*
Alan Brum Pinheiro – *1º secretário*
Nádia Rebouças – *2ª secretária*
Maria de Fátima Moreira de Souza – *3ª secretária*

DIREÇÃO

Athayde Motta
Rita Correa Brandão

ASSESSOR DA DIREÇÃO

Cândido Grzybowski

COORDENADORES(AS)

Antonia Rodrigues
Francisco Menezes
Itamar Silva
Marina Ribeiro
Nahyda Franca
Sandra Plaisant Jouan

CIP – Catalogação na Publicação Elaborada pela bibliotecária Gabriela Faray (CRB7-6643)

R225 Raskin, Paul, 1942-
Jornada para Terralanda : a grande transição para a
civilização planetária / Paul Raskin ; apresentação de Cândido
Grzybowski. – Rio de Janeiro : Ibase, 2018.
120p.; il. ; 23cm.

ISBN 978-85-89447-29-4.

1. Globalização. 2. Cidadania. 3. Movimentos sociais globais.
4. Sustentabilidade. 5. Civilização planetária. I. Título.

CDD – 330.91

Aos guardiões e guardiãs da visão – os de ontem, que desbravaram o caminho para um mundo tornado inteiro; os de hoje, multidões que o levam adiante; e os de amanhã, viajantes que talvez avistem o destino.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| PREFÁCIO DO AUTOR | 10 |
| PRÓLOGO – NO MESMO BARCO | 13 |
| PARTE I – PARTIDA – ENTRANDO NO TURBILHÃO | 17 |
| O longo prelúdio – A partir do cosmos | 18 |
| <i>O segundo Big Bang</i> | 19 |
| <i>Macrotransformações</i> | 20 |
| A Fase Planetária – Uma formação unitária | 22 |
| <i>Prenúncios</i> | 24 |
| <i>Um tempo turbulento</i> | 27 |
| Terras do amanhã – Cenários ramificados | 29 |
| <i>Dramatis personae</i> | 31 |
| <i>Quem fala por Terralanda?</i> | 34 |
| PARTE II – CAMINHO – UMA PASSAGEM SEGURA | 37 |
| Perigo, o novo normal | 38 |
| Tríades de transformação | 45 |
| Fios condutores | 48 |
| <i>Quadro econômico</i> | 50 |
| O levante – Cidadania sem fronteiras | 58 |
| <i>Dimensões da ação coletiva</i> | 62 |
| <i>Imagine todas as pessoas</i> | 63 |

| | |
|--|------------|
| PARTE III – DESTINO – CENAS DE UM FUTURO CIVILIZADO | 67 |
| Cem anos que abalaram o mundo | 68 |
| O que importa | 71 |
| Um Só Mundo | 72 |
| Muitos Lugares | 73 |
| Governança – O princípio do pluralismo com restrições | 76 |
| Economia | 78 |
| Comércio mundial | 81 |
| O jeito que somos | 82 |
| <i>Povo</i> | 83 |
| <i>Tempo</i> | 84 |
| <i>Educação</i> | 85 |
| <i>Espiritualidade</i> | 87 |
| <i>Justiça social</i> | 88 |
| <i>Meio ambiente</i> | 89 |
| Em louvor às gerações passadas | 90 |
| | |
| EPÍLOGO – VIAJANTES AGONISTAS | 93 |
| | |
| NOTAS | 97 |
| | |
| AGRADECIMENTOS | 101 |
| | |
| ÍNDICE REMISSIVO | 102 |



APRESENTAÇÃO

Com a globalização econômica e financeira, as grandes corporações capitalistas impuseram ao mundo inteiro um padrão de produção, organização e vida que atende, acima de tudo, à sua busca incessante e crescente por acumulação de riquezas. Tudo passou a ser medido pelo valor de mercado, levando à mercantilização completa dos bens comuns, dos produtos e serviços, da cultura, da política e até da fé. Cresce, porém, de forma exponencial, a desigualdade social nas sociedades e no plano mundial, mais e mais gente se sentindo totalmente excluída e sem perspectivas. Ao mesmo tempo, a base tecnológica e energética do capitalismo globalizado se tornou a maior ameaça à integridade dos sistemas ecológicos do Planeta.

Estamos num limiar civilizatório que demanda mudanças profundas, tanto no modo como nos relacionamos entre nós, como humanidade, quanto no modo como tratamos nosso grande bem comum, o planeta Terra. Os nossos corações e mentes foram colonizados por imaginários, visões, valores e desejos consumistas que nos ofuscam o olhar e a busca de alternativas a tudo que está aí. As resistências e emergências por todo o mundo mostram possibilidades nas contradições do presente. Necessitamos, porém, agir com a perspectiva de criar outro mundo, imaginá-lo para desejá-lo. Precisamos fortalecer a vontade coletiva na busca de estratégias e na construção de caminhos de transição a partir de nossas trincheiras. Enquanto isso, vendo a conjuntura atual, como evitar a barbárie a que o capitalismo globalizado nos está levando? Crescem as disputas geopolíticas e as guerras. Os velhos nacionalismos, fascismos e autoritarismos parecem ganhar força por toda parte. Grassam as intolerâncias e os ódios, o racismo e a xenofobia. Novas muralhas são erguidas para evitar migrantes, defender privilégios e negar direitos. Como criar esperança num mundo assim?

O livro do Paul Raskin, *Jornada para Terralanda*, é acima de tudo um convite para pensar e sonhar com uma Civilização Planetária, um cenário possível e plausível que podemos fazer nascer e crescer a partir do aqui e agora. É uma potente visão, com texto cativante e bem fundamentado, que tem por base um longo esforço de investigação pessoal e coletiva. Paul Raskin e o Instituto Tellus estão no centro de uma iniciativa cidadã que, em rede, dedica-se a in-

investigar e a desenhar possibilidades de transição capazes de desarmar a bomba da economia capitalista impulsionada pela forças do mercado e que favoreçam a plena constituição de uma nova era planetária. No centro de sua reflexão está o reconhecimento de que a transição para um novo mundo necessariamente deverá combinar a força dos sistemas ecológicos com a capacidade e inovação coletiva da humanidade na moldagem do planeta Terra. Estamos entrando numa era ecossocial. Essa visão holística não nega outras possibilidades, inclusive a barbárie ou até a pura e simples implosão do Planeta. Aposta, porém, nas possibilidades que emanam de uma nova consciência ética e política, que permite pensar e sentir-se como uma única humanidade em nossa fantástica diversidade de culturas diante do Planeta uno, ele também maravilhosamente diverso. Tarefa historicamente possível se a cidadania ativa, também diversa, assumir o seu papel: ser força instituinte e constituinte de outro mundo. Aqui, porém, já entramos no ponto em que o Ibase começa a dialogar com o pensar estratégico presente no livro do Paul Raskin.

O Ibase tem no seu DNA, como organização de cidadania ativa, o enfrentamento e a transformação do capitalismo pela ação da cidadania. Trata-se de uma aposta no poder instituinte e constituinte da cidadania movida pelos princípios e valores éticos da liberdade, igualdade, diversidade, solidariedade e participação na busca do bem viver e sustentabilidade socioambiental para todas e todos, do local ao mundial. Desde a sua fundação, em 1981, o Ibase se inspira numa visão ao mesmo tempo democrática radical e cosmopolita, em que a referência sejam os direitos humanos, em sua integralidade, vistos como direitos de cidadania planetária. Como organização que trabalha em rede, considerando-se um nodo de extensa rede do local ao mundial e do mundial ao local, o Ibase participou de muitas iniciativas na busca de outro mundo. Foi particularmente importante interna e externamente seu engajamento no processo do Fórum Social Mundial. Hoje, o Ibase lamenta a perda de vitalidade do Fórum, mas continua buscando caminhos de construção coletiva, mundial, de alternativas para outro mundo.

Com este legado deixado pelos fundadores, o Ibase acabou se aproximando do Instituto Tellus e da Great Transition Initiative (GTI). Apoiar tais iniciativas e lhes dar difusão é o modo de ser do Ibase. Pensamos também ser fundamental difundir o livro do Paul Raskin entre organizações e movimentos sociais no Brasil. Para o Ibase, isso é exercer o papel de organização de cidadania ativa. No momento de desmanche de tudo o que conquistamos no país, que nos obriga a montar trincheiras de resistência cidadã, o livro pode se tornar poderoso estímulo para forjar um olhar mais além da conjuntura. Esta é uma aposta do Ibase.

O Ibase pensa o livro também como subsídio a uma nova iniciativa com ativistas e pensadores no Brasil. Em outubro de 2017, realizamos a primeira reunião do Grupo de Reflexão Estratégica (GRE), para pensar coletivamente o depois, além das resistências que a conjuntura política nos impõe. Formou-se um grupo inicial, um embrião por assim dizer, para pensar a transição demo-

crática transformadora de modo sistemático. Esperamos que o GRE contribua para os debates no seio de organizações, grupos de base, movimentos, universidades, institutos, centros culturais, redes sociais e a própria mídia. Nossa tarefa principal é o Brasil, mas com uma visão de mundo que nos exige pensar “que Brasil o mundo precisa?”. Não podemos mais tentar domesticar o capitalismo selvagem, algo que frequentemente insiste em se apresentar como a única alternativa para o Brasil. Pensar estrategicamente é criar pensamento e vontade para uma disputa mais profunda e longa, que exige ousadia e engajamento desde aqui e agora, com sentido planetário. A ideia teve forte acolhida e, acreditamos, vai crescer muito.

O livro do Paul Raskin é subsídio fundamental para o GRE, mas também para pensarmos em uma cidadania mais ampla, ávida de inspiração. O *Jornada para Terralanda* vai ser, acreditamos, uma pérola na estante virtual que o Ibase lançou recentemente. Chamada Cidadania Ativa Online¹, a estante tem a finalidade de promover a livre difusão e o fácil acesso a ideias e “modos de pensar diferente”, explicitamente comprometidos com a democracia e a cidadania de dimensões planetárias. Esperamos que o livro do Paul e a estante nos fortaleçam na disputa de hegemonia intelectual e política, cosmopolita, humanista, socioambiental e planetária, diante do bárbaro capitalismo que nos é oferecido como única alternativa. Boa leitura!

Cândido Grzybowski

Sociólogo do Ibase

1 www.cidadaniaativa.online

PREFÁCIO DO AUTOR

Parafraseando Ray Douglas Bradbury*, escrevo não para descrever o futuro, mas para impedi-lo. Mesmo que você e eu, sondando nossas bolas de cristal, vejamos mundos diferentes adiante, certamente podemos concordar nisto: temos muito a impedir. No século XXI, qualquer avaliação sincera das perspectivas globais enfrenta, entre outros presságios, mudanças climáticas, polarização cultural, volatilidade econômica, esgotamento de recursos e disparidade social. Mesmo que essas ameaças nos façam sentir desconforto ou presos a um barril de pólvora prestes a explodir, a questão do futuro exige respostas.

Em qualquer época, algumas das mais importantes histórias nunca são escritas: os futuros evitados que poderiam ter acontecido. Durante minha vida, o mundo se esquivou de tiroteios de megatoneladas e de tiranos colossais. Em muitos aspectos, esses anos foram trágicos, de crueldade genocida, flertes da Guerra Fria com a aniquilação e marcha acelerada para a beira do ecocídio. No entanto, poderia ter sido muito pior se o fascismo tivesse triunfado, uma guerra nuclear tivesse irrompido ou um movimento ambiental não tivesse retardado os rios de veneno. A civilização sobreviveu para ir em frente cambaleando – mas para onde?

Desejoso de fazer parte da resposta, deixei a academia na década de 1970 e, com um pequeno grupo de colegas que partilhavam da mesma opinião, criei um instituto comprometido com pesquisas rigorosas a serviço da mudança social progressista. O Instituto Tellus realizou milhares de projetos em todo o mundo sobre amplo espectro de questões ambientais, de recursos e sociais. Meu próprio trabalho evoluiu em consonância com as rápidas mudanças da agenda de um mundo em transição: energia, água, mudanças climáticas, ecossistemas, sustentabilidade, globalização, cenários do futuro.

Na lida com problemas de complexidade e interconexão sempre crescentes, minha perspectiva se ampliou e se aprofundou. Comecei a encarar os desdobramentos assombrosos das últimas décadas como capítulos de uma narrativa abrangente – sinais discretos de uma transformação unitária na maneira

* Nota de edição: Escritor norte-americano de ficção científica.

como o mundo opera e o planeta funciona. Olhando por aberturas estreitas, observadores concentraram-se em dimensões únicas dessa mudança holística – globalização econômica, mudança climática, revolução da informação, terrorismo transnacional, cultura cosmopolita e assim por diante. O mundo, inundado por relatórios especializados, vem sendo privado de exames sistêmicos e visão panorâmica sobre o futuro.

Em 1990, motivado pelo déficit de marcos conceituais abrangentes, organizei o Projeto PoleStar com o objetivo de imaginar e modelar futuros contrastantes de longo prazo para o sistema socioecológico global. Esse trabalho levou à criação de um grupo internacional, interdisciplinar, o Global Scenario Group (GSG), que eu coorganizei em 1995, e ao lançamento de um programa plurianual de pesquisa, reforçando minha convicção de que uma transformação histórica mundial estava em andamento. A essência dessa Fase Planetária da Civilização (nossa expressão para a era emergente) é o aprofundamento da interdependência, vinculando a humanidade e a Terra em uma só comunidade de destino. O drama da evolução socioecológica que se desdobra neste século terá seu desfecho num palco mundial, um envoltório de crise e luta.

Essas ideias foram resumidas em *A grande transição: a promessa e a atração dos tempos à frente*¹, de 2002, ensaio de despedida do GSG, que instou a uma mudança fundamental no paradigma do desenvolvimento – na verdade, no próprio significado do progresso humano. “A grande transição” faria da solidariedade, da realização e da resiliência o coração e a alma do empreendimento humano. Nos anos tumultuados, desde sua publicação, a compreensão científica cresceu rapidamente, a consciência evoluiu e ocorreram fenômenos assombrosos e terríveis. Quem poderia imaginar que teríamos computadores poderosos em nossos bolsos e *Big Data* em nossas salas de estar, cidades aterroizadas e guerras horríveis, bolhas financeiras e grandes recessões, Primaveras Árabes e, em seguida, outonos amargos, além de impactos climáticos na extremidade mais distante do espectro da incerteza?

Ainda assim, as principais conclusões do ensaio *A grande transição* resistem: o conceito da Fase Planetária, o perigo que cresce ao longo do caminho convencional, o risco real e cada vez maior de Barbarização e a possibilidade, contudo, de uma guinada em direção a um futuro de vidas enriquecidas e a um planeta saudável. Como agora sabemos mais do que em 2002, incluindo a necessidade urgente e sempre mais intensa de mudanças sistêmicas, chegou o momento de continuar.

Jornada para Terralanda revisita e atualiza o quadro conceitual de *A grande transição* e prossegue no estudo de três questões principais, tirando proveito das minhas publicações e apresentações ao longo da última década. Em primeiro lugar, o ensaio esclarece o significado da conjuntura histórica, introduzindo a ideia de “*Terralanda*” para caracterizar a nascente comunidade

¹ *Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead.*

supranacional, que começa a se movimentar. Em segundo lugar, ele se concentra na ação coletiva, em que um vasto e plural Movimento Global de Cidadania (MGC) torna-se o ator social chave para levar a transformação adiante. Finalmente, o ensaio oferece a visão de uma civilização resiliente, um mundo em potencial após a Grande Transição – se, juntos, pudermos assumir o leme e navegar com sabedoria através de um século irrequieto.

Tive a sorte de meu trabalho exigir reflexões sobre o significado maior deste século fatídico. Das reflexões surgiu a *Jornada*, a um só tempo ensaio, narrativa e manifesto, apresentando uma mistura de gêneros que busca persuadir o intelecto crítico, estimular a imaginação social e inspirar a ação coletiva. Ofereço estas meditações em um momento crítico: a odisseia da transição planetária está em curso, porém o destino final ainda depende de decisões humanas e lutas por vir. Nosso trabalho deve começar atuando para impedir os futuros que nos apavoram. Mas a sobrevivência não é suficiente: a maior tarefa é fomentar a melhor Terralanda, a que nós e nossos descendentes merecemos.

PRÓLOGO

NO MESMO BARCO

Estamos juntos e interligados em uma travessia precária para uma terra desconhecida e sem nome. Mesmo um cão vadio tem melhores chances de sobreviver quando recebe um nome, como já constatou Hannah Arendt. Do mesmo modo, o futuro global – o lugar para o qual nos dirigimos – precisa de identidade para nos encorajar a apropriá-lo e cuidar dele. Um nome adequado deveria evocar a natureza da coisa: uma comunidade sem fronteiras entrelaçando os destinos de todas as criaturas terrestres, vivas e ainda por nascer. Como um país hierarquicamente superior, essa formação incipiente está abraçando todos os países em uma esfera integral de terra, mar e céu. Vamos chamar esse protopaís de Terralanda.

Sem plano de voo ou destino claro, estamos planando através de uma tempestade de incertezas rumo a esse mundo diferente. A forma da nova ordem à frente ainda não é visível, enquanto a antiga, juntamente com suas conhecidas desilusões e consolações, vai desaparecendo na distância. O anseio pela terra firme do passado persiste, mas não há volta ou desembarque de uma nave dotada apenas de marchas para frente e luzes de atenção que piscam Sem Saída em cada porta.

A bordo, passageiros assustados, despertando para seu dilema existencial, seguram-se como podem. Perguntam tremulamente sobre localização e direção, e comissários perplexos conseguem fornecer apenas informações desconexas e garantias nada convincentes. Na cabine, comandantes despreocupados lançam olhares esporádicos às telas de voo ou cochilam, aguardando instruções de controladores desnorteados.

Tais circunstâncias inquietantes suscitam o arsenal completo de respostas psicológicas: o descarte dos perigos em uma doce negação, a distração encontrada em diversões transitórias e quinquilharias e a busca de ajuda nas falsas panaceias dos mercados livres, do êxtase religioso ou da beatitude individual. Algumas almas desanimadas enfrentam o dilema de olhos abertos, mas, não vendo saída, dão as costas em desespero fatalista. A maioria só está tentando dar um jeito, protegendo-se e torcendo pelo melhor.

Essas são respostas humanas naturais quando se vive um momento perturbador e desconcertante. Contudo, a denegação, a distração e o desespero

– os três dêes de uma cultura ansiosa – não podem oferecer *insight* ou solução. Correndo para um futuro duvidoso, não podemos nos dar ao luxo de apenas aproveitar o passeio. Se fôssemos meros passageiros nessa expedição, então o desenlace, quer seja cruel ou iluminado, mereceria apenas um interesse especulativo. A viagem acabaria e desembarcaríamos. Mas somos mais do que isso: nossas formas de ser e atuar determinam o rumo e influenciam o desfecho nesse planeta, nossa única casa.

Ao longo do caminho, a indiferença e a aquiescência são certamente escolhas tanto quanto a conscientização e a ação, todas moldarão o destino. Essas grandes apostas exigem atenção urgente e, por isso, cada vez mais, as pessoas ficam alertas e tornam-se questionadoras. A pergunta passiva do passageiro – Para onde estamos indo? – não tem uma resposta consistente. Em vez disso, colocamos as questões primordiais do passageiro sobre a visão e a intenção: Para onde queremos ir? Como chegaremos lá?

A busca de sentido e de esperança no destino humano é fundamental para a experiência humana, a condição *sine qua non* de uma espécie que lembra e imagina, sonha e teme. Fábulas sobre a providência permearam a mitologia de todas as culturas, expressando um anseio transcendente por orientação e redenção. Enquanto a mentalidade moderna amarra a imaginação profética aos rigores do conhecimento secular, persiste o anseio por narrativas convincentes sobre quem somos e o que poderíamos vir a ser.

Ao que previamente pode ter movido especulações sobre o futuro – curiosidade, proveito, ansiedade, uma busca de sentido –, pode ser acrescentada uma preocupação nitidamente contemporânea: transmitir um mundo intacto para a posteridade. Os distúrbios na biosfera que as gerações recentes e atuais iniciaram, passados os limiares críticos, são difíceis de reverter. Antagonismos sociais em combustão lenta podem ficar gravados de forma indelével na memória institucional e cultural. Crises manifestam-se de repente ou gradualmente e então se arrastam por muito tempo. É possível ouvir fracos apelos para atenuá-las, se os escutarmos, de todos aqueles que não têm voz: de netos por nascer aos avôs e avós que ainda serão, dos excluídos e empobrecidos aos protegidos e privilegiados, e das criaturas ameaçadas, companheiras da espécie humana.

O sonho de uma comunidade mundial amigável tem instigado, há muito, a imaginação social, mas, ao longo de nossa história fraturada e sangrenta, permaneceu como uma abstração utópica. Os que a ela aspiravam foram incapazes, até agora, de definir um empreendimento viável de evolução social e cultural para transformar o castelo de areia em realidade. No interdependente século XXI, a visão cosmopolita nos desafia não como ideal inacessível, mas como imperativo histórico – e uma oportunidade única.

Imersos na turbulência de um mundo em transição, temos dificuldade para discernir o modelo mais amplo que unifica e dá sentido às mudanças extraordinárias que se desenrolam ao nosso redor, tal como criaturas do mar incapazes de perceber o vasto e turvo oceano onde nadam. Felizmente, não

somos peixes (ainda que infelizmente para eles). Podemos empregar o intelecto e a imaginação para avaliar a crise e definir um rumo. A jornada para Terralanda começou interrompendo a continuidade histórica, enfraquecendo velhas estruturas sociais e flexibilizando restrições culturais, expandindo, assim, o âmbito de escolha e liberdade humanas.

Neste momento-chave, a ação coletiva pode fazer uma diferença revolucionária na busca por uma civilização planetária convivial e resiliente. Em algum lugar adiante, dificilmente discernível para além da névoa e do tumulto, encontra-se uma terra de sete oceanos, sete continentes, sete bilhões de pessoas e sete maravilhas a cada passo, um lugar onde as vidas são ricas e a natureza convidativa. Andando à deriva, na direção do abismo, ainda podemos voltar atrás: há um mundo a conquistar.

PARTE I

PARTIDA_ ENTRANDO NO TURBILHÃO

A jornada começa com a inquietante sensação pairando no ar, a sensação de viver em um momento perigoso e crucial. Todas as rupturas e convulsões que enfrentamos são as dores do parto da entidade global aqui batizada de Terralanda. Podemos observar sua forma embrionária e especular sobre sua forma final, mas não prever que tipo de criatura nascerá. Talvez uma demorada provação de dores do crescimento esteja por vir. Muito depende de nós, os guardiões de seu futuro, que temos o dever de encontrar respostas originais para questões fundamentais: Quem somos? Como devemos viver? Como será a Terralanda?

O longo prelúdio – A partir do cosmos

O foco principal deste ensaio é o significado do presente e a anatomia do futuro, não o passado. Ainda assim, a fim de avaliarmos melhor onde estamos e para onde poderíamos ir, seria bom fazer uma pausa desde já para recordar. Afinal, Janus, o deus da transição, olha simultaneamente para trás e para frente. Da mesma forma, nós também precisamos ter em mente que o hoje é um limiar movediço onde o ontem encontra o amanhã.

Abordagens mais abrangentes conseguem situar a transformação em curso no planeta Terra como a cena mais recente de um vasto espetáculo de surgimento cósmico. Um panorama cosmológico nos leva para além dos limites da vida cotidiana, e até mesmo além do âmbito maior da história humana, oferecendo um ponto de vista privilegiado para refletir sobre a crise contemporânea. Essa visão ampla, um lembrete de onde estamos na imensidão do espaço, os éons do tempo e a majestosa evolução da existência fomentam um sentimento de reverência e humildade, estimulando a determinação de renovar a vitalidade de nossa preciosa ilha de vida. Tais reflexões revelam nitidamente um desafio transcendente: navegar em direção a uma nova ordem de complexidade em nosso canto do universo, uma sociedade global próspera e resiliente¹.

A história do cosmos começa há aproximadamente 14 bilhões de anos com a colossal erupção de energia do *Big Bang*. Do caos primordial desse prodigioso evento, estruturas se consolidaram em estágios distintos, cada qual adicionando nova complexidade ao grandioso desdobramento da existência: quarks e partículas básicas se formaram a partir do caldeirão de energia radiante na primeira fração de um segundo; átomos simples se estabilizaram após cerca de 300.000 anos, à medida que o universo esfriava; galáxias se fundiram em torno de assimetrias aleatórias na distribuição da matéria, dando à luz, por fim, estrelas e planetas; e, cerca de 3,8 bilhões de anos atrás, a vida surgiu na Terra inaugurando um novo capítulo na história do universo.

A evolução biológica tem sido uma maravilhosa aventura de tenacidade e criatividade graças a episódios titânicos de aniquilamento e proliferação. Na plenitude do tempo evolutivo, apareceram criaturas com cérebros, usufruindo de aprimorada habilidade para repelir o perigo e garantir a subsistência. Finalmente, nossos diminutos antepassados mamíferos entraram em cena, personagens secundários escapulindo discretamente entre contemporâneos mesozoicos maiores e mais espertos. De algum modo, eles encontraram nichos durante os longos reinados dos trilobitas, peixes e répteis. A probabilidade atuarial de sobrevivência desses mamíferos primitivos não poderia ter sido boa, e as chances de tirar a sorte grande na loteria da evolução seriam de fato muito pequenas.

Tudo mudou há uns 65 milhões de anos, quando a Terra colidiu com um enorme asteroide, no dia mais singularmente cataclísmico neste planeta. Esse

deus ex machina de dez quilômetros, vindo do espaço sideral, bateu com a força de um bilhão de bombas de Hiroshima, alterando repentinamente o cenário, o enredo e o elenco de personagens no teatro da história natural. O impacto levantou imensas nuvens de poeira que taparam o Sol e destruíram a vida vegetal. O toque de finados dos soberbos dinossauros (e de três quartos das espécies então existentes) foi o som da oportunidade para nossos ancestrais peludos, que construíram uma boa existência catando insetos e caramujos que proliferaram nos detritos maciços dos campos globais da morte.

No amanhecer da Era Cenozoica, ser mamífero e pequeno era altamente adaptativo. Multiplicando-se e diversificando-se, a classe dos mamíferos foi povoada por animais de sangue quente e respiração pulmonar, com incontáveis variações de design. A magnitude daquela variedade, desde baleias do tamanho de uma escuna até morcegos-abelhão do tamanho do dedo mindinho, continua à mostra nas cerca de 5.000 espécies de mamíferos existentes, que ainda se agarram aos habitats cada vez menores do planeta atual, ecologicamente empobrecido.

O SEGUNDO BIG BANG / Uma linhagem habilidosa – os primatas – mostrou-se particularmente consequente, dando origem aos homínídeos, os primeiros mamíferos bípedes desenvolvedores de ferramentas. Essas criaturas brilhantes, sociáveis, saltaram para a faixa rápida da evolução e nunca mais olharam para trás. O advento da consciência humana marcou tanto uma culminância como um início: foi, ao mesmo tempo, o coroamento da evolução biológica e o alicerce da evolução social.

O aparecimento da cultura humana desencadeou um segundo *Big Bang* na geração de formas originais de existência no universo conhecido. A evolução cultural (incluindo tecnologia, estruturas sociais, rituais e símbolos) entrou em uma dança com a evolução física e cognitiva. A seleção em função da fabricação de ferramentas, da linguagem e da cooperação social produziu seres de engenhosidade e adaptabilidade sem precedentes. A cada momento, a herança acumulada de ideias, instituições, invenções e artefatos formou um trampolim para a mudança social acelerada, deixando na poeira processos muito mais graduais de evolução biológica e geofísica. O poder da cultura para moldar e controlar o meio ambiente liberou a humanidade da dependência de nichos ecológicos estreitos, permitindo que o comportamento pré-programado congênito cedesse lugar a formas de conduta e associação mais flexíveis, historicamente construídas.

Em três milhões de anos, não mais que um simples tique-taque do relógio geológico, a sensibilidade primitiva dos primeiros humanos evoluiu para a consciência superior de nossos anatomicamente modernos ancestrais há pelo menos 200.000 anos. Tinha nascido uma criatura que carregava o impressionante poder – e o pesado fardo – da introspecção e da razão. Esse foi um momento luminoso e fatídico na longa saga de emanção cósmica. Quando o universo deu à luz um primata capaz de contemplar o mistério da existência, iluminou-se a si mesmo.

A chegada dos humanos modernos, o último hominídeo sobrevivente, trouxe o novo fenômeno da história da humanidade para a cena que se desenrolava e, com isso, um tipo de transição qualitativamente diferente: o movimento entre épocas históricas. As transformações sociais de maior alcance foram Grandes Transições que alteraram a matriz sociocultural, produzindo novos relacionamentos entre as pessoas e entre a sociedade e a natureza. Em tais conjunturas, processos de mudança potencializadores se espalharam, atravessando múltiplas dimensões – tecnologia, consciência e instituições – e enfraquecendo estruturas regulatórias e normas sociais.

É evidente que as sociedades nem sempre sobrevivem a essas rupturas sistêmicas; de fato, a maioria das civilizações do passado declinou e desapareceu – espetáculos de colapso que fascinam novamente em nosso próprio tempo de vulnerabilidade. Mas quando elas não desmoronam, uma ordem enfraquecida gesta uma sociedade subsequente, colocando em ação uma nova dinâmica de evolução social. Por meio de mecanismos de conquista e assimilação, a mudança irradia-se aos poucos a partir de centros de novidade, embora épocas anteriores possam sobreviver muito tempo em lugares fisicamente remotos e culturalmente isolados. O mundo atual, de múltiplas camadas, sobrepõe às dinâmicas globalizadas um mosaico de culturas modernas, pré-modernas e até vestigiais da Idade da Pedra.

É evidente que o percurso da História não pode ser organizado nitidamente como as linhas do tempo apresentadas em livros didáticos, com fatos demarcando épocas bem definidas. A História real é um processo complexo e irregular condicionado por fatores locais específicos, acasos felizes e vontade humana. Vários critérios de periodização, tais como o regime político dominante, a tecnologia mais importante e o modo de produção, oferecem *insights* adicionais, mas verdades apenas parciais. Além disso, percepções de mudanças sociais dependem da granularidade das lentes históricas através das quais observamos. Aumentando o *zoom* para obter resoluções espaciais minuciosas e enquadramentos temporais curtos, obtêm-se mais detalhes. Processos de longo prazo e de larga escala são focalizados quando se diminui o *zoom*.

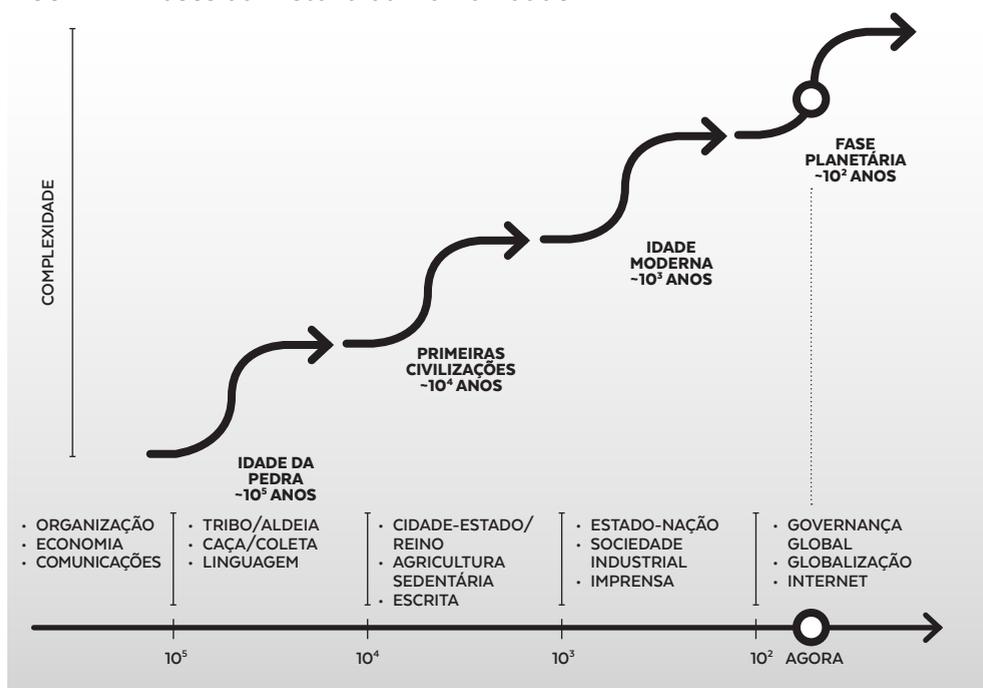
MACROTRANSFORMAÇÕES / Uma visão de longo alcance quanto aos contornos gerais da experiência humana revela duas macrotransformações amplas. A primeira ocorreu há mais ou menos 10.000 anos, quando a cultura da Idade da Pedra proporcionou o surgimento das Primeiras Civilizações. Durante o último milênio², a segunda macrotransformação viu as Primeiras Civilizações cederem seu lugar à Idade Moderna.

Atualmente a Idade Moderna enfrenta profunda crise estrutural induzida por suas contradições e limitações: crescimento contínuo num planeta finito, fragmentação política num mundo interdependente, abismos crescentes entre os privilegiados e os excluídos e a asfixiante cultura de consumismo. Em nosso tempo, a Modernidade exausta está abandonando o palco. Uma terceira

macrotransformação na condição humana está em curso com implicações de tão longo alcance quanto as das grandes transformações anteriores. A História ingressou na Fase Planetária da Civilização.

Ao examinar os contornos das mudanças desde a Idade da Pedra, passando pelas Primeiras Civilizações, pela Idade Moderna, até a Fase Planetária, revela-se uma tendência da sociedade em se tornar mais extensiva e elaborada. A complexidade social (o número de variáveis necessárias para descrever papéis, relacionamentos e o grau de conectividade) aumenta no transcorrer dessas transições. Cada fase emergente absorve as fases anteriores e as transforma, adicionando novos atributos, maior grau de complexidade e novas dinâmicas **(veja figura 1)**. A unidade característica da organização social deixa de ser altamente local para tornar-se global, sobrepondo formas novas às preexistentes. A base da economia desloca-se da caça e coleta paleolíticas para o comércio globalizado altamente diversificado e de longo alcance. Inovação nas comunicações – linguagem, escrita, imprensa e tecnologia da informação – anuncia maneiras progressivamente mais poderosas de relacionamento social.

FIGURA 1 – Fases da História da Humanidade



A complexificação e a expansão da sociedade também aceleram o ritmo da evolução social. Assim como a mudança histórica se movimenta mais rapidamente que a mudança biológica (e muito mais rapidamente que a mudança geológica), também a própria História acelera. Como a figura 1 sugere, a Idade da Pedra durou cerca de 100.000 anos; as Primeiras Civilizações, aproximadamente

10.000 anos; e a Idade Moderna, atualmente chegando ao fim, deu os primeiros sinais de declínio há quase 1.000 anos. Se a Fase Planetária se prolongasse por 100 anos, persistiria essa sequência de intervalos exponencialmente menores de tempo. Seja esse longo padrão de aceleração mera coincidência ou manifestação de um princípio histórico subjacente, permanece o fato de que o redemoinho da mudança agora gira em torno de nós com uma urgência nunca vivida antes.

A Fase Planetária – Uma formação unitária

Extraterrestres, observando desdobramentos ocorridos na terceira rocha mais próxima do Sol, notariam com assombro a rápida ascensão e primazia de uma única espécie bípede. Em um piscar do tempo histórico, a humanidade tornou-se uma força geológica e sua pegada, outrora diminuta cresceu à escala planetária. Estamos na crista de uma Nova Era e sua característica definidora é que o próprio globo vem se tornando o *locus* da evolução social e de formas rivais de consciência.

Diante de nossos olhos, o mundo se torna cada vez mais complexo em um borrão de mudança social e ambiental. Circuitos de quase tudo – mercadorias, dinheiro, pessoas, informações, ideias, conflitos, agentes patogênicos, emanções – percorrem o planeta cada vez mais longe e mais rapidamente. Múltiplos fios entrelaçados de conectividade ficam mais longos, resistentes e grossos, formando o ligamento de um sistema socioecológico integrado.

Seja negado, bem-vindo ou temido, um fenômeno de extrema relevância está em andamento, transformando de modo irreversível nossas vidas e o planeta. Até o momento, seria razoável descrever o mundo como um conjunto de entidades semiautônomas – estados, ecossistemas, culturas, territórios – sujeito a interações externas. Agora, à medida que se forma um sistema supraordenado e que processos em escala global influenciam crescentemente a operação e a estabilidade de subsistemas, tal fracionamento reductivo se torna inexato e enganoso.

O sistema global em processo de cristalização compreende subsistemas diferenciados – econômico, ambiental, tecnológico, cultural e político – em interação. Corporações transnacionais teceram teias extensas de nós de produção e canais de distribuição, despejaram rios de capital internacional e geraram uma perturbadora gama de instrumentos financeiros para investimento especulativo. A transformação da natureza pelo homem alcançou o nível da biosfera – a fina concha planetária que sustenta toda a vida. A revolução na informação e na tecnologia da comunicação encurtou distâncias culturais e físicas, penetrando sociedades remotas e expandindo redes e comunidades transnacionais. Governos criaram novas estruturas internacionais de diálogo (e, eventualmente, de governança) em número e diversidade sincronizados com a multiplicação dos desafios. A porosidade das tradicionais fronteiras geográficas e culturais gera novas fissuras de conflito entre estados poderosos e com atores não estatais.

A Fase Planetária está enredando pessoas e lugares em um único sistema global com destino compartilhado. Observadores enfatizam diferentes aspectos – economia, corporações, mudança climática, saúde, tecnologia, terrorismo, sociedade civil, governança, cultura –, todos eles iniciados pela palavra “global”. Olhando através de janelas especializadas, economistas veem globalização, tecnólogos evidenciam conectividade digital, ambientalistas destacam a transformação da natureza pela ação do homem e geólogos proclamam a chegada de uma Nova Era geológica, o Antropoceno. Cientistas sociais heterodoxos sugerem outros apelidos: o Econoceno, dominado pela falsa ideologia da economia neoclássica, ou o Capitaloceno, definido por relações capitalistas de produção e poder³. Ao mesmo tempo, filósofos e teólogos visionários apontam para sinais de um *ethos* global emergente, enquanto analistas da *realpolitik* enxergam apenas choques entre civilizações e grandes potências.

Cada um desses olhares sobre a condição humana ilumina um aspecto crítico do todo socioecológico; no entanto, mais do que fenômenos independentes, esses aspectos são manifestações variadas de um processo unitário de transformação. A Fase Planetária imprime significado renovado à velha máxima da teoria dos sistemas – o todo é mais que a soma das partes; há algo fundamentalmente novo na face da Terra. O sistema global e seus componentes moldam-se mutuamente em uma dança complexa e recíproca que transforma tanto o todo como suas partes.

A mudança climática global, impulsionada por um sem-número de ações locais, retroalimenta as alterações locais na hidrologia, nos ecossistemas e climas. A internet conecta indivíduos em uma pulsação cultural intercontinental desde grandes cidades até vilarejos e postos avançados isolados, turvando valores e culturas tradicionais. Mecanismos supranacionais de governança contrariam as prerrogativas de estados soberanos. A globalização econômica impulsiona e ocasionalmente atrapalha mercados nacionais e locais. Os pobres globais, inundados por imagens de abundância, exigem justiça e buscam acesso a países ricos, enquanto o desespero, a raiva e os deslocamentos alimentam a globalização do terrorismo.

Esse aumento na escala das interconexões no espaço palpável de instituições ecoa no espaço subjetivo da consciência humana. A nascente Fase Planetária provoca respostas contraditórias, já que alguns resistem e outros comemoram a interdependência crescente. Reações antagônicas à intromissão cosmopolita têm muitas faces: fundamentalismo, nativismo, isolacionismo e antiglobalização. Essas poderosas forças centrífugas poderiam ganhar a batalha.

Todavia, ao mesmo tempo que a reação se avoluma e supura, uma força centrípeta igualmente poderosa está em ação: a expansão do projeto humano pressiona a expansão correspondente da identidade humana. Os destinos entrelaçados de pessoas, gerações e de todas as criaturas estendem um abraço empático através do espaço, do tempo e do mundo natural. A Fase Planetária liberou uma possante dialética de caos e de ordem que impulsiona, ao mesmo tempo, tanto na direção de futuros estilhaçados quanto de futuros integrais.

O dilema fundamental da jornada por vir é como navegar essas poderosas correntes cruzadas a caminho de uma Terralanda civilizada.

PRENÚNCIOS / A Fase Planetária não chegou despercebida. Tentáculos de conectividade remetem às primeiras migrações para fora da África na longa marcha da humanidade até os confins da Terra. Ao longo do milênio, o intercâmbio humano estendeu-se por continentes e oceanos. Antigas rotas de comércio levaram pessoas, produtos e ideias a grandes distâncias; impérios conquistados abarcaram grande parte do mundo então conhecido; e as grandes viagens de exploração teceram os primeiros fios da rede que chegaria finalmente a envolver o planeta inteiro.

Esses foram os precursores ancestrais, mas a Fase Planetária é filha direta da Idade Moderna. A Modernidade minou a autoridade da sabedoria recebida e o entorpecimento do tradicionalismo e pisou fundo no acelerador, na corrida em direção a um sistema mundial. Ela injetou o reino do pensamento com conceitos radicais como progresso, razão, democracia, direitos individuais e o estado de direito. Acendeu revoluções na ciência e na tecnologia que aprimoraram poderosamente a compreensão e o comando da natureza pelo homem. Economias capitalistas, impulsionadas pela busca do lucro, liberaram vasto potencial humano para inovação e empreendedorismo, expandindo a produção a níveis sem precedentes. O estrondo da Revolução Industrial desencadeou um recrudescimento antes inimaginável de aquisição e acumulação, crescimento e colonização.

Apesar de toda riqueza criada e ignorância vencida, os séculos de “destruição criativa” impuseram incontável sofrimento humano e abuso ambiental sem precedentes. A inevitável expansão do capitalismo absorveu sociedades tradicionais nos confins de sua mais recuada periferia para o nexo das relações de mercado ou as subjugou como colônias em impérios comerciais. À medida que as revoluções na ciência, na religião e na sociedade espalharam-se e ganharam ímpeto, encontraram forte resistência na fronteira móvel entre as mentalidades modernista e tradicionalista – ainda uma fissura cultural irregular atravessando o campo global. Ao longo de uma linha de falha diferente – aquela entre a humanidade e a natureza –, o sistema moderno, com sua fome insaciável por terra e recursos minerais, estava dilapidando as dádivas da natureza. Olhos fixos no resultado financeiro eram cegos para os custos não contabilizáveis que se acumulavam fora dos livros, na forma de empobrecimento social e degradação ecológica.

Enquanto pessoas e produção preencheram o mundo, presságios da Fase Planetária chegaram com maior frequência e intensidade. O século XX teve início com grande aumento do comércio internacional, renunciando a poderosa globalização com que terminaria, mas tal comércio logo se tornou um dano colateral do inferno nacionalista de duas guerras mundiais. A Organização das Nações Unidas foi construída sobre essas cinzas para garantir a paz

para “nós, o povo” (ou, ao menos, foi o que seus fundadores visionários desejavam), e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, alertou para um *ethos* supranacional de dignidade e de liberdade, direitos para todos em virtude apenas de sua condição de pessoas.

Ao mesmo tempo, a exploração de pessoas e da natureza inspirou campanhas populares por justiça e pelo meio ambiente, precursoras dos movimentos contemporâneos da sociedade civil, mas elas conseguiram domar apenas os mais flagrantes insultos aos vulneráveis e subalternos. A resistência à voracidade do industrialismo acendeu-se nos surtos políticos e contraculturais da década de 1960. Um espírito cosmopolita foi alimentado pelas imagens do nosso planeta azul sem fronteiras, uma joia frágil flutuando na escuridão sem fim, transmitidas pelas naves espaciais Apollo. O tempo todo, no entanto, a Guerra Fria e a propagação de armas nucleares alimentaram o pavor do Armagedon global.

Até a década de 1980, sinais claros e insistentes de uma mudança global estavam piscando por todo o espectro dos assuntos humanos. A preocupação com o meio ambiente espalhou-se do local para o global: da poluição do ar e da água para a desestabilização da ecossfera. A diminuição de recursos naturais trouxe a consciência da iminência dos limites do petróleo, da água potável e da terra cultivável. Populações em movimento e a liberação de agentes patogênicos de ecossistemas fraturados trouxeram epidemias assustadoras. Novas tecnologias de comunicação colocaram pessoas e organizações em contato, em uma malha que globalizou tanto os bons quanto os maus – redes sociais e gangues criminosas, desenvolvimento econômico e volatilidade financeira, pesquisa colaborativa e ciberterrorismo. Em outra frente, a União Soviética e experimentos afins em outros lugares, asfixiados pela burocracia e envergonhados pelo Gulag, desperdiçaram os sonhos do século XX quanto a alternativas socialistas democráticas.

A marcha do capitalismo em direção à hegemonia mundial não poderia ser negada. Nos círculos do poder e na academia, celebrantes triunfalistas declararam “o fim da História”, tendo o mundo chegado a um sistema em relação ao qual Margaret Thatcher proclamou que “não havia alternativa”. Nas ruas, entretanto, manifestantes insistiam que “outro mundo seria possível”. No apagar das luzes do século XX, a exuberância do mercado permeou a atmosfera. Os ricos estavam cada vez mais ricos e proliferavam em crescentes bolsões de riqueza no Sul Global; a estrutura do mundo prometia maior cornucópia no futuro; e corporações galopavam pela Terra moldando uma economia globalizada à sua imagem. Ao mesmo tempo, crises agudas e simultâneas estavam sendo gestadas e viriam à tona no novo milênio, para desmascarar ilusões neoliberais.

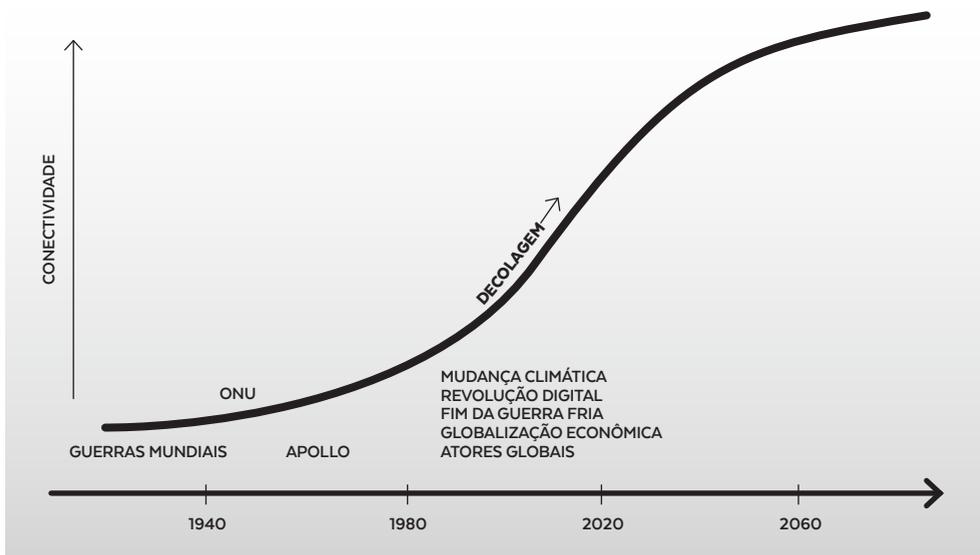
Neste século, enfrentamos um momento de incertezas e oportunidades inédito. Acontecimentos velozes e sequenciais, distantes e espalhados propagam-se em ondas através do espaço e permanecem ao longo do tempo, alterando as próprias coordenadas da História. O passo acelerado da mudança amarra o futuro mais firmemente ao presente; a atração gravitacional da co-

nectividade encolhe o espaço social, arrastando lugares e pessoas distantes para a órbita de um sistema mundial integrado. Mais profundamente, a Fase Planetária fomenta a consciência da interdependência de gerações e espécies, do local com o global. O mundo torna-se uma arena privilegiada para as formas de consciência rivais que determinarão se a Fase Planetária será uma era de evolução ou de involução social, de restauração ou de degradação ambiental.

Essa configuração globalizada não elimina, de forma alguma, comunidades e nações que permanecem como lugares centrais de identidade e engajamento. Terralanda, ao contrário, forma um círculo exterior, lugar global de fato, embora ainda não seja um “país” de direito, o lugar de grandes lutas culturais e políticas emergentes. Mesmo que alguns países ainda tenham que passar por suas revoluções modernas, a História está ultrapassando a Modernidade a uma velocidade mais que vertiginosa. A Fase Planetária chegou como fenômeno histórico perceptível.

Em qualquer época, a transitoriedade dos assuntos efêmeros obscurece acontecimentos históricos mais profundos e lentos. Na atualidade, sinais pontuais incessantes e distrações tornam particularmente difícil que a História Maior da atualidade seja percebida. Imagine um jornal – vamos chamá-lo de *O jornal dos tempos longos* – que publicasse em grandes intervalos, digamos, a cada meio século. Somente as notícias mais abrangentes teriam destaque, enquanto as manchetes diárias que antes pareciam importantes seriam confinadas às páginas finais ou se tornariam detalhes insignificantes e esquecidos da História. É possível argumentar que a manchete principal da edição do milênio seria: *O mundo entra na Fase Planetária da Civilização*. Uma questão motiva este ensaio: Qual seria a matéria principal da edição de 2050?

FIGURA 2 – Fase Planetária Ascendente



UM TEMPO TURBULENTO / Que tipo de país é Terralanda hoje? Um visitante astuto, vindo para aferir a importância da jovem nação, encontraria muito para elogiar: natureza de magnífica beleza e generosidade; economia colossal transmutando montanhas de recursos em rios de produtos, fluindo incessantemente para seus quatro cantos; extraordinárias realizações científicas; e culturas ricas e diversas. Todavia, a franqueza obrigaria esse Alexis de Tocqueville dos tempos modernos, após ter narrado esses ativos, a catalogar também um inventário desanimador de passivos.

Um defeito fundamental encabeçaria a lista: Terralanda enfrenta os desafios do século XXI presa às ideias e instituições do século XX. Ideologias mortas-vivas – chauvinismo territorial, consumismo desenfreado e a ilusão de crescimento ilimitado – habitam os cérebros dos viventes. Respostas coerentes aos riscos sistêmicos de mudanças climáticas, instabilidade econômica, deslocamentos populacionais e terrorismo global, para citar apenas os mais emblemáticos, estão além do entendimento de uma ordem política míope e direcionada para a disputa.

A disjunção entre meios antigos e novas realidades ameaça o bem-estar planetário, até mesmo o próprio prosseguimento da civilização. Uma Terralanda estável, pujante, da mesma maneira que em qualquer país, depende de governança eficaz apoiada por uma coletividade política bem informada. Esse alicerce ainda não foi estabelecido. As consequências – pobreza galopante, degradação da natureza, facções hostis, ausência de autoridade constitucional legítima – evocam imagens de outros países sem comando, disfuncionais. Por ora, Terralanda se parece com um Estado fracassado.

Os ataques decorrentes nos laços de convivência e amizade são muitos. Uma economia “de todos contra todos” gera abismos de classe e devasta a natureza, enfraquecendo a coesão social e a integridade da biosfera. Os longos tentáculos de Hollywood e da avenida Madison divulgam imagens de opulência inatingível, turvando culturas tradicionais e atizando a hostilidade. Multidões deslocadas movem-se rumo aos centros de riqueza onde xenófobos alimentam um protecionismo reativo. A internet serve como um *shopping center* planetário lubrificando o consumismo, como uma cena de crime onde bandidos exercem nefastos ofícios. A luta geopolítica para o controle de recursos naturais minguados se intensifica enquanto economias em crescimento exigem cada vez mais energia, terra, minerais e água.

A escandalosa desigualdade de renda em Terralanda faz com que um país como o Brasil, quintessência da disparidade social, pareça relativamente igualitário. Na base da pirâmide econômica, 800 milhões de pessoas vivem mergulhadas na fome crônica, e, como resultado, 161 milhões de crianças são prejudicadas. Quase metade da população mundial sobrevive com menos de US\$5 por dia, a renda mínima razoável para um padrão de vida adequado. No topo, o 1% mais rico controla tanta riqueza quanto os outros 99% somados – e os 62 bilionários do topo são tão ricos quanto os 50% da base⁴.

A transformação da Terra representa a crise mais vívida de Terralanda. Uma questão emblemática é a mudança climática, com suas “verdades

inconvenientes”: o grande perigo de impactos perturbadores, a necessidade de ação maciça e rápida e a exigência de cooperação internacional sem precedentes. Outra questão é o empobrecimento dos recursos biológicos – ecossistemas, habitats, espécies –, vítimas da conversão de terras, superexploração e, cada vez mais, mudança climática. A toxificação, o caldo crescente de poluentes químicos injetados no meio ambiente, traz uma terceira ameaça fundamental. Quando éramos liliputianos em um planeta amplo, uma civilização que devastava seu meio ambiente ameaçava somente a si própria. Hoje somos gigantes calçando botas de tamanho planetário esmagando a terra, saqueando o mar e alterando a química da biosfera.

Muita atenção foi dada a cada um desses males e à multiplicidade de outros males globais, muito menos do que à subjacente perturbação sistêmica que interliga todos. Adaptando uma parábola respeitável: os especialistas iluminam várias partes do elefante global, mas não conseguem apreender a totalidade do animal. A soma do conhecimento que eles geram sobre perna, cauda e tronco não representa o paquiderme como um todo. Analogamente, prescrições políticas parciais e paliativas podem aliviar esse ou aquele sintoma da doença, mas permitem que a patologia subjacente infeccione.

A Fase Planetária, nascida de crises sistêmicas, exige uma resposta também sistêmica e urgente. Feedbacks estão em toda a parte: o estresse ambiental exacerba a pobreza e provoca conflitos, ameaçando a estabilidade econômica; a instabilidade econômica enfraquece os esforços para proteger a natureza e reduzir a pobreza; camadas populares desesperadas degradam o meio ambiente e buscam acesso a países ricos, estimulando reações que enfraquecem a cooperação geoeconômica. A pressão crescente fragiliza a estrutura do sistema socioecológico, à medida que sua resiliência – a capacidade de se recuperar de um distúrbio – torna-se comprometida.

Sob essas condições cada vez mais vulneráveis, estímulos variados poderiam induzir uma crise geral, sistêmica, a saber: *mudanças climáticas abruptas* poderiam gerar escassez de alimentos, instabilidade econômica, migrações em massa e conflitos. Uma *pandemia*, espalhada pelos ricos viajantes e os pobres desenraizados, poderia se generalizar, sobrecarregando instituições de assistência à saúde. O caos induzido por um *macroataque terrorista* poderia dar lugar a um ciclo degenerativo de violência e desordem. A absoluta *escassez de recursos vitais* como água, petróleo e terra cultivável poderia gerar um tsunami de caos. Um *colapso do sistema financeiro global* poderia provocar uma ruptura de efeito cascata⁵.

O mundo tornou-se lugar único e interconectado, mas não é ainda uma nação integral. Anos de negação e à deriva permitiram que pré-condições para catástrofes fossem fortalecidas. Mesmo assim, não é tarde demais para voltar-se em direção a soluções para o sistema como um todo. Muitos meios estão à disposição para mitigar riscos e perseguir objetivos comuns. Inovações são relatadas diariamente. Mas dobrar a curva do desenvolvimento rumo a uma

civilização pujante demandará Grande Transição de um mundo de desconhecidos para uma comunidade de cidadãos. Esse desfecho mais digno, latente na matriz histórica em evolução, está à espera de visão arrojada e ação coletiva para fazê-lo surgir.

Terras do amanhã – Cenários ramificados

Para onde, Terralanda? A única certeza sobre o futuro é a surpresa; a única constante, a mudança. Indeterminação e dinamismo estão entrelaçados ao tecido da realidade, da escala quântica até a global. Sistemas complexos de muitos tipos podem cruzar limiares críticos de instabilidade onde antigas estruturas desmoronam e novas estruturas se formam, com o desfecho inerentemente incerto e sensível a pequenos desvios.

A evolução social em particular, um processo altamente complexo, ziguezagueia por uma emaranhada árvore de possibilidades, onde os principais pontos de ramificação marcam a transformação de uma época para outra. A forma da próxima sociedade não é predeterminada – nem é sem restrições. Conforme uma tirada de Marx, as pessoas fazem sua própria história, mas não a fazem segundo sua vontade. A necessidade histórica restringe a liberdade humana, enquanto a interação de intenção com circunstância afrouxa as amarras da necessidade, abrindo uma gama de futuros possíveis. O caminho efetivamente tomado fica gravado na linha do tempo da História, enquanto as alternativas que foram deixadas de lado caem no esquecimento ou servem como material para os cenários especulativos de histórias contrafatuais.

Portanto, tentar prever a forma final do mundo do século XXI é uma perda de tempo. O destino de nosso século “não análogo” fica além do alcance da projeção científica e profecia social. Embora a presunção de prognóstico deva ser abandonada, ainda assim podemos explorar possibilidades alternativas, não para prever o que será, mas para vislumbrar o que poderia ser. Cenários são próteses para a imaginação, conferem amplidão e especificidade a nossos horizontes de mais longo prazo. Ricas visões, quando influenciam consciência e ação, injetam uma dimensão teleológica na dinâmica de mudança social, puxando a História em direção a resultados desejáveis⁶.

Uma simples “taxonomia do futuro” ajuda a organizar a profusão ramificada de possibilidades. No topo, abrem-se três largos canais a partir do presente inquieto em direção ao futuro imaginado: mundos de ajuste incremental (*Mundos Convencionais*), mundos de descontinuidades catastróficas (*Barbarização*) e mundos de transformação progressiva (*Grandes Transições*). Essa tríade arquetípica – evolução, declínio e progressão – repete-se ao longo da História das Ideias, encontrando nova expressão na literatura contemporânea sobre cenários. Para acrescentar textura à tipologia, ela é expandida com duas variantes para cada categoria, conforme indicado na figura 3⁷.

FIGURA 3 – Taxonomia do Futuro



Mundos Convencionais evoluem sem uma mudança fundamental no paradigma social ou na estrutura do sistema mundial predominantes. Apesar de contratempos episódicos, as tendências persistentes – como globalização corporativa, difusão de valores dominantes e imitação, pelos países pobres, dos padrões de produção e consumo de países ricos – empurram o modelo dominante para frente. Não é necessário dizer que poderíamos tecer variações infinitas sobre esse tema, ajustando os pressupostos tecnológicos, ambientais e geopolíticos, entre muitas outras variáveis. Para salientar uma clivagem ideológica central no discurso dominante, destacamos duas subclasses dentro dos Mundos Convencionais. Variantes do tipo Forças de Mercado (FM) vislumbram, como vetores primordiais do desenvolvimento, mercados livres globalizados e desregulamentação. Em contrapartida, variantes do tipo Reforma de Políticas, enraizadas em sensibilidades mais sociais e democráticas do que neoliberais, envolvem ações governamentais abrangentes, coordenadas para reprogramar o capitalismo moderno, a fim de atenuar a pobreza e poupar o meio ambiente.

Entretanto, cenários de Barbarização, os primos diabólicos de Mundos Convencionais, espereitam o tempo todo, alimentando-se de crises não atendidas. Nessas visões sombrias, um dilúvio de instabilidade – polarização social, conflitos geopolíticos, degradação ambiental, fracasso econômico e a devastadora macrocrise das mudanças climáticas – inunda os mecanismos corretivos de mercados livres e as políticas governamentais. Desse modo, uma crise global sistêmica cresce fora de controle enquanto normas civilizadas se dissolvem. Igualmente, futuros barbarizados podem assumir várias formas (suficientes para inspirar inúmeros romances e roteiros apocalípticos), mas dois tipos idealizados – *Mundos Fortaleza* e *Colapso* – capturam as linhas principais. Nas variantes do tipo *Mundos Fortaleza*, as elites recuam para enclaves protegidos, deixando de fora a maioria empobrecida, à medida que poderosas forças globais mobilizam-se para impor ordem e controles ambientais. Em variantes do

tipo *Colapso*, tal intervenção autoritária coerente não se materializa (ou prova ser insuficiente), o caos se intensifica e as instituições desmoronam. Uma nova Idade das Trevas sobrevém.

Grandes Transições imaginam como as poderosas exigências e as novas oportunidades da Fase Planetária podem favorecer o avanço de anseios mais esclarecidos. Um conjunto de valores em ascensão – solidariedade humana, qualidade de vida e sensibilidade ecológica – contrapõe-se à convencional tríade de individualismo, consumismo e dominação da natureza. Essa mudança na consciência fundamenta mudança correspondente em instituições, em direção a uma governança global democrática, economias orientadas para o bem-estar de todos e sólida custódia ambiental. Dois tipos de cenários de Grandes Transições – Eco-comunalismo e Novo Paradigma – sublinham uma distinção-chave dentro da imaginação contemporânea radical.

O Eco-comunalismo reflete o aguerrido localismo, que é uma forte corrente filosófica e política nas subculturas ambientalista, da justiça social e da anti-globalização. Com certeza, a visão pela qual luta, de comunidades autônomas e empresas em pequena escala guiadas pela democracia presencial, permanecerá como elemento vital em qualquer projeto de Grande Transição. (Aliás, é um elemento de destaque no “destino” que imaginamos para Terralanda, na Parte III.) Mas igualmente deve permanecer a sensibilidade cosmopolita que acolhe a identidade e a cidadania globais como desejáveis e necessárias: a fundação de uma verdadeira civilização planetária e uma força contrária a sectarismos provincianos. De toda forma, neste mundo cada vez mais interdependente, é difícil identificar um caminho convincente rumo a uma Terralanda totalmente eco-comunal, exceto talvez um que passe antes pelo mundo estilhaçado de *Colapso*.

O Novo Paradigma – a visão de Grande Transição adotada neste ensaio – imagina um mundo simultaneamente plural e unificado. Ele rejeita a falsa polaridade de comunalismo de baixo para cima e a hierarquia de cima para baixo, convidando à busca por caminhos que reconciliem e equilibrem os dois. Celebra, assim, lugares prósperos em um sistema aninhado de comunidades do local ao global, enquanto nutre uma coletividade política mundial como uma camada circundante de comunidade e identidade. Em vez de recuar para um localismo radical, esse tipo de Grande Transição busca remodelar e guiar o caráter da civilização planetária. Essa visão, agora não mais utópica, está ancorada nas condições objetivas da História: os destinos entrelaçados das pessoas e da Terra.

DRAMATIS PERSONAE* / Embora histórias bem contadas sobre o futuro, na forma de escatologia religiosa ou ficção especulativa, possam inspirar ou fascinar, cenários motivadores do mundo real precisam persuadir. Modelos de simulação ajudam a esclarecer a *viabilidade técnica* de diferentes cenários,

* Nota de edição: As personagens de uma peça teatral.



avaliando, à luz das restrições ambientais e de recursos, o realismo dos padrões econômicos que pressupõem – um exercício analítico trabalhoso, mas relativamente simples. O desafio mais difícil é o de arguir de maneira defensável a *viabilidade social*, o que requer um retrato da “história do futuro” que seja condizente com a dinâmica emergente da sociedade e com “a madeira torta da humanidade” a partir da qual, disse Kant, nenhuma coisa reta jamais foi feita.

Um passo-chave é a identificação dos agentes de mudança de cada cenário: que *dramatis personae*, plausivelmente, poderia impulsionar sua narrativa⁸. Alguns protagonistas principais já se encontram no centro, enquanto outros se reúnem à margem dos acontecimentos. Os personagens principais que encabeçam as Forças de Mercado – corporações transnacionais e seus aliados políticos – são os conhecidos atores que têm impulsionado a primeira fase da globalização corporativa. A influência desses colossos cresceu de mãos dadas com a economia sem fronteiras, com as maiores empresas tornando-se atores economicamente mais poderosos do que muitos países⁹.

Sem plano ou modelo, a complexa arquitetura de circuitos de produção, de mercados de trabalho e de fluxos de capitais surge como uma estrutura construída por agregação sobre as incontáveis ações de empresas descompromissadas. Em um mundo ao estilo das Forças de Mercado, o desenvolvimento continuaria orientado por atores corporativos à procura de lucros em um empório planetário, aplicando vastos recursos para garantir dóceis tomadores de decisões.

Os relatos baseados em Reforma de Políticas são protagonizados por governos rejuvenescidos que corrigem vigorosamente as instabilidades induzidas pela dependência excessiva de mecanismos de mercado. Regulamentos, incentivos e acordos sincronizados globalmente restringem o capitalismo e guiam o desenvolvimento para uma gama de objetivos ambiental e socialmente sustentáveis. As Nações Unidas tornam-se o polo multilateral para a formulação e implementação desse Novo Acordo Global. Um segundo ator crucial, a sociedade civil – um vasto poliglota de organizações e campanhas – influencia a ação governamental por todo o espectro de questões através da educação e pressão política, além de protestos, quando necessário.

O cenário do tipo Mundos Fortaleza apresenta uma nova aliança global – organizações militares, entidades de comércio, unidades de planejamento, associações multilaterais – no coração de um regime autoritário global que impõe uma ordem severa em estreita colaboração com as grandes empresas. Num cenário do tipo *Colapso*, legiões desagregadoras – ultranacionalistas, redes criminosas tirando proveito da feira global, fundamentalistas militantes e propagadores de ideologias atávicas e atividades assassinas – multiplicam-se nos interstícios da sociedade global, alimentando-se de suas desavenças e crises. Essas legiões anunciam o fim da civilização, ao menos por um tempo.

Nenhum dos principais personagens da cena global de hoje é forte candidato a desbravar uma Grande Transição. De maneiras diferentes, as preocupações que expressam são estreitas demais e suas visões, míopes demais para a

tarefa. Dessa maneira, a ONU, dependente da cooperação dos seus relutantes países-membros, defensores ardorosos dos seus próprios interesses nacionais, não consegue montar uma resposta à altura da crise e da promessa da Fase Planetária. A primeira prioridade das corporações permanece sendo maiores dividendos para seus acionistas, não o bem comum. As organizações institucionalizadas da sociedade civil, cuidando dos seus quintais separadamente e concorrendo para obter financiamentos de doadores, estão despreparadas para o projeto maior de conceber e promover uma mudança coerente de sistema.

Movimentos de “transformação pessoal” oferecem alternativa escapista e despolitizadora para os desanimados por esse vácuo de liderança. De acordo com alguns professores da Nova Era, a busca individual de sentido e consolo através de práticas psicológicas e metafísicas pode mudar não apenas nossas vidas, mas o mundo onde habitamos – e para melhor. De fato, caminhos alternativos para a realização e a paz espiritual são essenciais no combate contra a hegemonia do materialismo. Porém, o pessoal e o político não podem ser desmembrados e a busca por respostas exclusivamente particulares não levará a soluções coletivas sem engajamento e ação.

QUEM FALA POR TERRALANDA? / Dificilmente podemos esperar que as instituições arraigadas da ordem atual – corporações, governos, grandes organizações da sociedade civil – coloquem-se à frente dos esforços para superá-la. Com vultosos investimentos na manutenção do *status quo*, são medrosas e venais demais para enfrentarem profundos problemas ambientais e sociais. Seriam tão mal escaladas para um papel revolucionário quanto teria sido a aristocracia feudal para liderar a arrancada em direção à Modernidade. Precisamos buscar protagonistas em outro lugar. A História oferece uma pista.

Em períodos estáveis, as sociedades mudam gradualmente dentro dos limites resilientes de normas e valores. Então, quando crises sistêmicas irrompem e interrompem a continuidade histórica, tudo muda de repente e o escopo da escolha e liberdade humanas se expande. O interregno, enquanto a velha sociedade desvanece e antes que uma nova se cristalice, pode ser um tempo de grande confusão, medo e polarização. A crise engendra grupos contra-hegemônicos, alguns deles podendo emergir para encabeçar a consolidação de uma nova formação social. E mais, se tais forças revolucionárias não se materializarem, a sociedade esgotada pode entrar em colapso e desaparecer, como já aconteceu com muitas.

Por exemplo, as castas dos sacerdotes e da realeza, os precursores das primeiras civilizações, eram produtos das primeiras sociedades agrícolas suplantadas por elas. Muito mais tarde, as classes empreendedoras, a força motriz do capitalismo nascente, germinaram nas frestas mercantis do sistema feudal europeu que, por fim, enterraram. Mais próximo ao nosso próprio tempo, as convulsões socialistas dos últimos dois séculos expressaram o impulso igualitário da classe trabalhadora, aspirando a transcender o sistema industrial que a

criou. Talvez o mais destacado precursor do desafio contemporâneo possa ser encontrado nos movimentos populares que forjaram os primeiros Estados-nação. Eles surgiram como forças modernizadoras nas entranhas de sociedades arcaicas, para sobrepor identidades e instituições nacionais em comunidades já existentes.

Agora somos nós que vivemos no interregno entre um mundo familiar que existia e outro diferente em formação. Estará a crise da Modernidade nutrindo um protagonista capaz de dinamizar o potencial progressista de nossa época? A marca característica da Fase Planetária – a articulação do todo em um único e englobante protopaís – sugere uma resposta. Da mesma maneira que um dia a Modernidade deu à luz movimentos nacionais, a Fase Planetária clama por um movimento global: um abrangente despertar cultural e político unido sob a bandeira de Terralanda.

Portanto, o agente natural da mudança para uma Grande Transição seria um movimento global de cidadãos, vasto levante cultural e político capaz de redirecionar políticas, domar corporações e unificar a sociedade civil. No palco mundial contemporâneo, falta esse ator crítico, mas ele está despertando em um planeta que ferve com crises cada vez mais intensas e consciência em transformação. Um prenúncio disso é o exército de pessoas engajadas trabalhando em milhares de frentes por justiça, paz e sustentabilidade.

Mas por enquanto, sem um movimento sistêmico capaz de unificá-los e inspirá-los, os ativistas não conseguem fazer mais do que tratar dos epifenômenos, em vez de as causas subjacentes. Na ausência de estratégia coerente, a deterioração sistêmica ultrapassa ganhos fragmentários. Exaustos e frustrados, muitos ativistas se esgotam, enquanto muito mais cidadãos preocupados nunca encontram modo significativo para lidar com uma crise tão amorfa e devastadora. Se um movimento global viesse a se desenvolver, ele falaria em especial para esse crescente bando de desempoderados: para suas mentes, com uma perspectiva unificadora; para seus corações, com a visão de um mundo melhor; e para suas mãos, com um contexto organizacional para a ação.

A sociedade civil surgida no último quarto do século XX pavimentou o caminho para uma configuração oposicionista mais inclusiva – e enfatizou sua necessidade. É tempo de compreender os muitos problemas com os quais nos confrontamos como manifestações de uma crise unitária e assim entender as muitas batalhas como várias tarefas de um projeto comum. Consideraremos, mais adiante neste ensaio, os contornos de um movimento para Terralanda e maneiras de nutri-lo. Antes de tudo, porém, é preciso pontuar que “planetizar nosso movimento” não é mais uma quimera, mas um projeto histórico oportuno¹⁰.



A black and white photograph of a cloudy sky. A power line runs horizontally across the middle of the frame, with a hand silhouette on the left side holding onto it. A vertical power line crosses the horizontal one in the center. The clouds are dramatic and textured.

PARTE II

CAMINHO_
**UMA PASSAGEM
SEGURA**

No século XXI, Terralanda segue seu destino. Estamos suspensos nele, num frágil ponto de equilíbrio, fustigados por ventos cruzados ameaçadores, sustentados por fiapos de esperança. Prognósticos sombrios abundam enquanto o medo do futuro se globaliza junto com tudo o mais. Mas o futuro não é apenas algum lugar para onde estamos indo, sombrio ou não. É um mundo que estamos criando — para pior, se o desânimo enfraquecer os melhores guardiões da nossa natureza; ou para melhor, se nós, viajantes, despertarmos e juntos definirmos o percurso.

Perigo, o novo normal

Existirá um caminho para uma civilização pujante no marco de Mundos Convencionais? Quando oferecem medidas corretivas menores, os formadores de opinião e os tomadores de decisão pressupõem, implicitamente, que sim. Tenham ou não consciência disso, eles estão, em nome da prudência, apostando que as megacrises não sobrecarregarão as respostas graduais do mercado e da política. No curto prazo, pode ser uma boa aposta contar com o ajuste institucional e a continuidade estrutural, mas se torna cada vez mais arriscada em um horizonte de várias décadas.

Com o caminho de longo prazo eivado de armadilhas e pontos de inflexão, a confiança das Forças de Mercado na máxima liberdade do mercado é um credo especialmente quixotesco e, portanto, profundamente irresponsável. É verdade que o poderoso motor do capitalismo com seus imperativos de acumulação e inovação abriu amplas perspectivas para o progresso humano e a liberdade (e, de fato, estabeleceu os alicerces históricos para uma Grande Transição). Mas a tendência do sistema para explorar pessoas, concentrar riqueza e devastar a natureza impulsiona a crise contemporânea; e a prescrição de mais do mesmo só aumentaria a sangria do paciente. Ironicamente, esse cenário, que mina a resiliência socioecológica, nega as premissas que o capitalismo tanto preza, de crescimento econômico perpétuo e continuidade institucional. Ao invés de um caminho para a utopia do mercado, esse caminho irrestrito seria mais plausivelmente um atalho para a Barbarização.

Reconhecendo esses perigos, legiões de reformadores defendem a reafirmação da autoridade de governança para domar o capitalismo corporativo e direcioná-lo para a sustentabilidade. Durante um quarto de século, os formuladores e analistas de políticas, estimulados por ativistas da sociedade civil, geraram um verdadeiro acervo de propostas para influenciar o sistema com incentivos, impostos e regulações. A abordagem baseada em Reforma de Políticas chegou a um crescendo na Cúpula da Terra de 1992, mas depois desapareceu na enxurrada de globalização que se seguiu. A recém-aprovada Agenda para o Desenvolvimento pós-2015, da ONU, traz a reforma de volta para o centro do discurso internacional, embora os compromissos modestos com sua implementação e o seu enquadramento como “negócios da economia verde” possam novamente cortar as asas de seus elevados objetivos.

Apesar dos melhores esforços de dedicados defensores da reforma, a deterioração sistêmica superou o progresso fragmentado feito para reorientar o paradigma convencional. Essa realidade decepciona, embora não deva surpreender ou desencorajar, já que esses são os primeiros dias da fermentação contra-hegemônica. Campanhas para reformas são mais necessárias do que nunca para aliviar o sofrimento humano, diminuir o ritmo da destruição e disseminar consciência. Mas seus sucessos limitados reforçam a preocupação de que, na-

vegando contra os poderosos ventos de um sistema disfuncional, as reformas só podem nos levar até certo ponto.

Uma abordagem do tipo Reforma de Políticas para modelar Terralanda seria tecnicamente viável se fosse implementada rápida e completamente. Estudos mostram que há massivos meios tecnológicos e políticos prontos – e novas descobertas relatadas diariamente – para erradicar a pobreza, reduzir as desigualdades de renda e evitar uma catástrofe ambiental¹¹. Em princípio, pelo menos, uma mobilização baseada em Reforma de Políticas em grande escala poderia alterar o rumo da História para um futuro justo e sustentável. A boa notícia é a viabilidade técnica; a má notícia é a inviabilidade política. Alterar radicalmente as práticas de produção e consumo dentro de um marco convencional seria semelhante a tentar subir uma escada rolante que está descendo. Ao invés de ajudar, o maquinário – obtenção de lucro, poder corporativo, valores consumistas, políticas centradas no Estado – empurra para a direção oposta.

O ímpeto para acumular e expandir está incorporado ao próprio DNA do capitalismo, a um só tempo gênio do sistema e seu calcanhar de Aquiles. Pressionados pela concorrência, os empreendedores em busca de lucros procuram novos mercados, modernizam os processos de produção e concebem novos produtos, ampliando as vendas através do apelo do design e da astúcia publicitária. O setor financeiro aumenta a máquina do crescimento. Governos trabalham para manter a vitalidade da esfera comercial e, quando as crises irrompem, pagam para salvar os “grandes demais” da falência. Pelo lado da demanda, o capitalismo do consumo cultiva a adoração de Mamom e a mania por “coisas”. Na adaptação hedônica, lubrificada pela criação de necessidades e desejos por meio de sofisticadas técnicas de marketing, os bens materiais tornam-se a medida da identidade individual e do status social.

Uma ascensão passo a passo contra essa reação demandaria liderança tenaz e cooperação internacional sem precedentes. De onde viria a necessária vontade política? Não está à vista em lugar nenhum, o que não é nada surpreendente em uma cultura política que tem no crescimento econômico o barômetro do progresso social e associa o consumo material à vida boa, e onde o sacrossanto princípio da soberania do Estado-nação sufoca a cooperação mais ampla. Um relato coerente do cenário da Reforma de Políticas deveria levar em conta a promoção de lideranças políticas corajosas e fortes o suficiente para contraporem-se a essa resistência. Concebivelmente, se as forças sociais do *establishment* e da base popular aumentassem e convergissem, a base política para um Novo Acordo Global poderia ser forjada. O esboço retrospectivo a seguir imagina como a História poderia virar em direção à Reforma de Políticas.

Reforma de Políticas — Uma retrospectiva

XANGAI, 2084

Um século atrás se avolumou uma tempestade perfeita que iria alterar irrevogavelmente o sistema mundial. O vendaval de globalização econômica, inovação tecnológica e mudança ambiental sinalizou o início de uma nova fase histórica. Corporações multinacionais e bancos urdiram longas cadeias de produção e finanças, enquanto arrivistas do dinheiro novo incharam o lado da demanda da equação econômica. À medida que a Guerra Fria perdia terreno, o mantra do Consenso de Washington — livre comércio, desregulamentação, modernização — ecoava pelos corredores do poder.

Esse interlúdio extasiado do final do século XX, com seus arranjos frágeis e ideologia falsa, não podia perdurar. A crise crescente que chegou com o novo milênio (inaugurando o período histórico agora denominado Crise em Propagação) deixou quase todos sóbrios, exceto aqueles mais embriagados com a euforia do mercado livre. No entanto, a globalização impulsionada por corporações cambaleava em uma rota de colisão com os duros fatos da biosfera finita e do mundo polarizado. A negação na esfera pública e o interesse próprio do setor privado reforçaram a enorme inércia integrante do sistema convencional, atrasando em muito a mobilização generalizada para enfrentar os riscos socioecológicos.

À medida que o mundo convulsionava com violência, guerra e privação, as vozes para a mudança começavam a ser ouvidas em duas arenas principais. Na de cima, elites esclarecidas, reconhecendo a ameaça existencial ao próprio sistema de mercado, defenderam a domesticação do capitalismo para o seu próprio bem. Na de baixo, campanhas da sociedade civil e movimentos populares organizaram quadros de cidadãos frustrados com a inépcia do governo e prontos para agir. À medida que as massas clamavam por mudanças fundamentais, os reformistas do *establishment*, temendo um levante revolucionário, buscaram uma “terceira via”. O Novo Acordo Global em torno do qual se reagruparam incluiu mudança institucional abrangente e ação política para melhorar a equidade econômica e fortalecer a resiliência ecológica em suas muitas dimensões.

O discurso de reforma — com raízes na Conferência da ONU, em Estocolmo, em 1972, sobre o Meio Ambiente Humano — continuou durante as reuniões internacionais que se seguiram. Declarações eloquentes enunciaram aspirações nobres, mas a ação não conseguiu acompanhar a retórica: órgãos internacionais fracos não podiam contrariar os defensores do *status quo*. No entanto, o equilíbrio começou a mudar com a Agenda

para o Desenvolvimento pós-2015 da ONU. A peça central foi o conjunto de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que incluiu ampla gama de indicadores ambientais e sociais e metas. No início, os ODS pareciam destinados a se tornar outro decreto impotente, sem compromisso político e recursos financeiros necessários para converter boas intenções em fatos concretos. Todavia, cada choque da Crise em Propagação animou os reformadores e revelou novos líderes. O mais importante: agitou movimentos populares exigindo que a promessa de 2015 fosse cumprida.

Esse despertar cultural e político — muitas vezes chamado Movimento Global de Cidadania (MGC) — desempenhou papel crucial. Com sua gênese no ativismo da sociedade civil, o movimento canalizou a impaciência crescente da população com os líderes que não queriam ou não podiam agir energeticamente. Na década de 2020, redes de ONGs, ativistas locais e movimentos populares se disseminaram e se fortaleceram, utilizando de forma criativa a internet como fórum e espaço de coordenação, como um meio comum para fomentar o sentido de comunidade global. Aproveitando a onda de descontentamento coletivo e esperança reavivada, um coro crescente clamou por ação. O MGC surgiu em pontos onipresentes, adaptado a espaços locais e questões específicas, mas sintonizado com preocupações e oportunidades planetárias. A Primavera Global brotara.

No contexto dessa efervescência popular, a coalizão reformista se fortaleceu, convocando governos, corporações e ONGs voltados para o futuro. A resistência da velha guarda de interesses especiais e reacionários políticos tornou-se feroz. Esse grupo heterogêneo rotulou os reformistas de “socialistas planetários”, enquanto a extrema esquerda os desprezava como lacaios corporativos; no entanto, a facção centrista ganhou força. À medida que a crise se intensificava, seu slogan — “Modernizar ou Barbarizar” — pareceu menos uma hipérbole alarmista e mais uma escolha impiedosa. O crescente MGC assinou embaixo, ajudando a rápida ascensão de líderes progressistas e partidos políticos.

A maré de reformas alterou culturas políticas em quase todos os lugares. A ONU foi reorganizada e dinamizada, a fim de servir como potente autoridade coordenadora para o século XXI. Os países ricos reduziram suas pagas ambientais e ajudaram os países mais pobres a pular etapas rumo a formas sustentáveis de desenvolvimento. O progresso foi monitorado com cuidado e metas ajustadas periodicamente em resposta a novas tendências e conhecimentos científicos. Terralanda estava se tornando uma democracia social global — gradualmente demais para os ativistas irrequietos do MGC revitalizado. Mas isso é outra história...

Se as contradições no *mainstream* se mostrassem politicamente insuperáveis em meio a perigos desestabilizadores – em contraste com o bem-sucedido cenário de reforma esboçado nas páginas 40 e 41 imaginariamente – as instituições estabelecidas perderiam legitimidade e coerência. Então, na ausência de fortes movimentos sociais compensatórios, as condições favoreceriam um desvio histórico em direção à Barbarização. É um sinal de nossos tempos – desanimador, mas pouco surpreendente – que muitos observadores acreditem que o verdadeiro cenário de Forças de Mercado se desvia do território familiar dos Mundos Convencionais para uma paisagem distópica. De fato, é preciso pouco mais do que inclinação matemática e imaginação limitada para extrapolar, com confiança, a partir das tendências atuais, descer a um futuro lúgubre.

Os contos de Barbarização começam – assim como todo cenário – no aqui e agora: um mundo crivado de crise e contenção. Avisos de advertência soam com frequência e urgência cada vez maiores, mas as forças de correção – programas de governo, ativismo da sociedade civil, movimentos populares – permanecem fracas e a instabilidade se espalha. A história da descida, nas versões do tipo Mundos Fortaleza, vê uma poderosa aliança global atuar para impor a ordem diante do caos iminente. A revolução vinda de cima estabelece a autoridade global autocrática que permanece por muitos anos. Finalmente, no entanto, a revolta geral dos excluídos poderia assinalar a retomada do projeto de Grande Transição longamente adiado. Pelo menos, essa parece ser a esperança da nossa correspondente na reportagem “Mundo Fortaleza”, a seguir.

Mundo Fortaleza: olhando para trás e para frente

ZONA LIVRE, 2084

No início da Fase Planetária, as elites sonâmbulas deixaram de enfrentar as perturbações tectônicas em curso. Com toda a justiça, as melhores acionaram o alarme e trabalharam incansavelmente para corrigir a situação, mas só conseguiram arrancar correções fracas de um sistema engessado. O zênite dessa tendência da Reforma de Políticas foi a miscelânea de aspirações louváveis da chamada Agenda de Desenvolvimento pós-2015 da ONU, mas o acordo não abordou os fatores profundos que impulsionam a instabilidade e inequidade socioecológica. Previsivelmente, o compromisso político e financeiro com os “objetivos de desenvolvimento sustentável” logo minguou e tendências perigosas avançaram. A elevada retórica de 2015 tornou-se a elegia para a era perdida da sustentabilidade.

A Crise em Propagação, que estava a todo vapor em meados da década de 2020, desfez a estabilidade social e espalhou um corrosivo espírito de suspeição e desespero. À medida que o caos aumentava, apenas os

neoliberais mais inflexíveis e os economistas envelhecidos se agarravam aos sonhos desacreditados da utopia capitalista. Os progressistas ainda propunham e protestavam, mas com convicção decrescente. O movimento para uma Grande Transição surgiu subitamente e depois se dissipou, enfraquecido pela incoerência ideológica e fragmentação estratégica. O vácuo de liderança tornou-se terreno fértil para o niilismo, o sobrevivencialismo* e a paranoia.

A economia global cresceu lentamente e somente beneficiou 1% da população mundial. Uma classe supranacional afluente se uniu, vinculada por interesses e visões de mundo comuns. As massas excluídas ficaram mais miseráveis, alienadas e enfurecidas. A ajuda internacional, sempre insuficiente, tornou-se mesquinha, à medida que as prioridades se voltaram para a segurança e o gerenciamento de crises. Atormentados por imagens de opulência e oportunidade nos enclaves ricos, bilhões de desesperados procuraram acesso por quaisquer meios. Alguns encontraram refúgio e cidadania de segunda classe; a maioria foi recebida por muros altos e xenofobia virulenta.

Enquanto isso, choques de disfunção sistêmica — desastres climáticos, conflitos sectários, terrorismo medonho, pandemias implacáveis, escassez de alimentos, entre outros — golpearam as sociedades com mais frequência e severidade. O caos era uma dádiva para sindicatos criminosos, redes terroristas e os funcionários corruptos que extraíam escassos recursos do corpo político. A anarquia inflamou as hostilidades étnicas, religiosas e nacionalistas, atingindo seu ponto mais baixo com a batalha nuclear no sul da Ásia. O colapso da ordem civil ameaçou engolir até mesmo os privilegiados.

Enquanto o sistema mundial sangrava, uma aliança por uma nova ordem teve ação vigorosa, ungindo-se como autoridade mundial provisória e agindo com precisão militar para impor sua autodenominada Nova Ordem Global (NOG). O movimento NOG começou como um fórum internacional sobre a problemática global, em que os mestres do universo — líderes corporativos, políticos poderosos, formadores de opinião — deliberaram e construíram redes. Inicialmente inócuo, o palco de conversações se metamorfoseou rapidamente, à medida que a crise geral ganhou força, tornando-se um órgão de coordenação para a ação internacional. Alguns participantes relutavam filosoficamente em dar o passo draconiano que imporia o controle autoritário, mas, em meados da

* Nota de edição: Movimento, predominante nos Estados Unidos, em que indivíduos preparam-se ativamente para sobreviver a catástrofes naturais ou provocadas pela humanidade.

década de 2030, a facção “Não Existe Nenhuma Alternativa” prevaleceu. O golpe de Estado da NOG enfrentou bolsões de oposição. A resistência organizada entrou em colapso e um estado de emergência planetária foi declarado, bem como os direitos civis suspensos. As autoridades unificaram, em uma “brigada da paz”, as forças militares nacionais que estavam dispostas a impor o seu cínico programa “3S”: Solidez, Segurança e Sustentabilidade. Usando a ONU remodelada como uma plataforma de coordenação e cobertura legal, as forças da NOG varreram os focos da crise, lançando ataques esporádicos de choque e pavor. Baseadas em *big data* e vigilância sofisticada, as duras medidas policiais sufocaram o conflito e suprimiram a dissidência, protegendo os recursos naturais vitais para a nova elite do poder.

A Nova Ordem Global (ou *Apartheid Global*, para seus detratores) codificou, em estruturas legais e institucionais assimétricas, duas esferas separadas: “os que têm” e “os que não têm”. Os ricos prosperaram em seu arquipélago de ilhas protegidas — bolhas de privilégio em um oceano de miséria. Do lado de fora, no Estado policial, a maioria estava atolada na pobreza e tinha suas liberdades básicas negadas. A era dos Mundos Fortaleza persistiu por quase meio século, suprimindo as ondas de resistência organizadas que se formavam heroicamente nos interstícios da besta. Agora, porém, à medida que o grito “Basta!” surge nas zonas liberadas e por todo esse mundo inquieto, seus dias podem estar contados. No horizonte, a fênix da esperança desperta e abre suas asas.

Pode um caminho de Mundos Convencionais evitar um futuro opressivo como o esboçado nessa reportagem? Mais ainda, pode tal caminho levar a uma civilização bem-sucedida? A resposta é criteriosa: as chances de sucesso são poucas e esse fracasso seria potencialmente catastrófico. Afirmar o contrário é ignorar, negar ou disfarçar as contradições entre a dinâmica do paradigma e as exigências da Fase Planetária. A acumulação de riqueza concentra poder e influência, enquanto consumismo, polarização e individualismo restringem a ação coletiva. O imediatismo mantém os políticos focados na próxima eleição, não na próxima geração; o lucro triunfa sobre as pessoas e o meio ambiente; e o nacionalismo subverte a ação coletiva.

Em tempos desmesurados, a moderação torna-se imprudente — loucura mascarada de razão. A utopia de um crescimento sem limites, da ideologia das Forças de Mercado, é um caso notório de realismo desvairado (para tomar emprestada uma expressão de C. Wright Mills). Reformadores sensatos reconhecem os perigos, ao menos, mas abraçam sua própria esperança utópica: que uma vontade política suficiente possa se materializar para sufocar adequadamente tendências perigosas, sem alteração fundamental de valores humanos e instituições sociais. Sem dúvida, os esforços de Reforma de Políticas conti-

nuarão a ser, no curto prazo, uma vertente essencial de impulso estratégico da Grande Transição, mas sozinhos representam o perigo de desviar atenções e recursos da tarefa de longo prazo de reformulação profunda. Enquanto isso, as engrenagens das Forças de Mercado giram implacavelmente.

Um cenário pode ser problemático de duas maneiras: como *descrição*, quando a análise sugere que é técnica ou socialmente inviável, e como *prescrição*, quando contraria as aspirações humanas e é considerado indesejável. Até aqui, nossa crítica aos cenários dos Mundos Convencionais se concentrou na primeira delas: seu realismo e viabilidade como descrições do futuro. Mas vamos deixar a descrença de lado apenas por um momento e supor que um futuro convencional seja possível. A questão prescritiva permaneceria: esses caminhos levariam a uma civilização desejável? Ou o mundo, em vez disso, se assemelharia a um shopping bem projetado no qual o meio ambiente continua a oferecer serviços essenciais e poucas pessoas morrem de fome, mas não um lugar onde as pessoas prosperam e a natureza floresce?

Rejeitar as visões truncadas de Mundos Convencionais é acrescentar uma dimensão normativa à crítica instrumental do paradigma dominante. Ao longo do caminho do meio, viajantes astutos e idealistas para Terralanda enfrentam uma dupla questão espinhosa: podemos chegar lá e gostaríamos de morar lá? Buscando respostas persuasivas e reconfortantes, mas encontrando apenas meios dúbios e fins lamentáveis, retornam para procurar um caminho melhor.

Tríades de transformação

Uma Grande Transição é impulsionada por uma força dupla – o impulso da necessidade e a atração do desejo. A urgente necessidade de evitar um futuro empobrecido anima nossos instintos reformistas, mas a reforma por si só não possui potência e inspiração. A atração de um futuro enriquecido excita nosso revolucionário interior, mas confiar apenas na visão implica ter que lidar com incertezas e medos. Melhoria e transformação são os lados opostos de uma moeda estratégica para avançar rumo a uma civilização planetária viável e digna.

Visões de Terralanda servem como bússola social orientando a jornada na direção geral certa, não como um roteiro através do emaranhado de perigos e incertezas que espera na terra desconhecida à frente. Os viajantes não têm escolha a não ser forjar o caminho ao andar, conhecer o terreno e corrigir o rumo, mantendo firmemente o foco. Eles embarcam em uma viagem de descoberta sem garantia de alcançar um mundo futuro desejável. Mas a promessa é real e a busca é emocionante.

Os críticos não estão convencidos. Os mais céticos maculam a empreitada como um sonho utópico (ou loucura perigosa). Esses detratores podem não ter imaginação social, mas sua pergunta implícita – uma Grande Transição é alcançável? – merece uma resposta persuasiva. Afinal de contas, a visão é ousada e

mesmo as visões restritas do tipo Mundos Convencionais desafiam a credulidade, se bem que por razões muito diferentes. Para que o cenário da Grande Transição ganhe adeptos, sua premissa central – a de que o despertar cultural e político possa produzir uma civilização planetária próspera – deve ser vista como plausível, pelo menos. Então, mesmo que sejamos pessimistas quanto às *probabilidades*, nós podemos, como Lewis Mumford, ser otimistas quanto às *possibilidades*.

Os argumentos em favor da *plausibilidade* baseiam-se na nossa leitura do momento histórico. O giro em direção à Fase Planetária traz uma negação do que é e uma afirmação do que poderia ser. Por um lado, a crescente crise da Modernidade deslegitima o sistema atual; por outro lado, as condições embrionárias alimentam o germe de um sistema mais civilizado. A erosão da fé nas abordagens ortodoxas abre espaço psíquico e político para imaginar alternativas radicalmente diferentes, mas o desencanto tomado de modo isolado pode gerar demagogia e anunciar o retrocesso social. A esperança reside nos desdobramentos afirmativos que objetivamente e subjetivamente tornam possível uma Grande Transição.

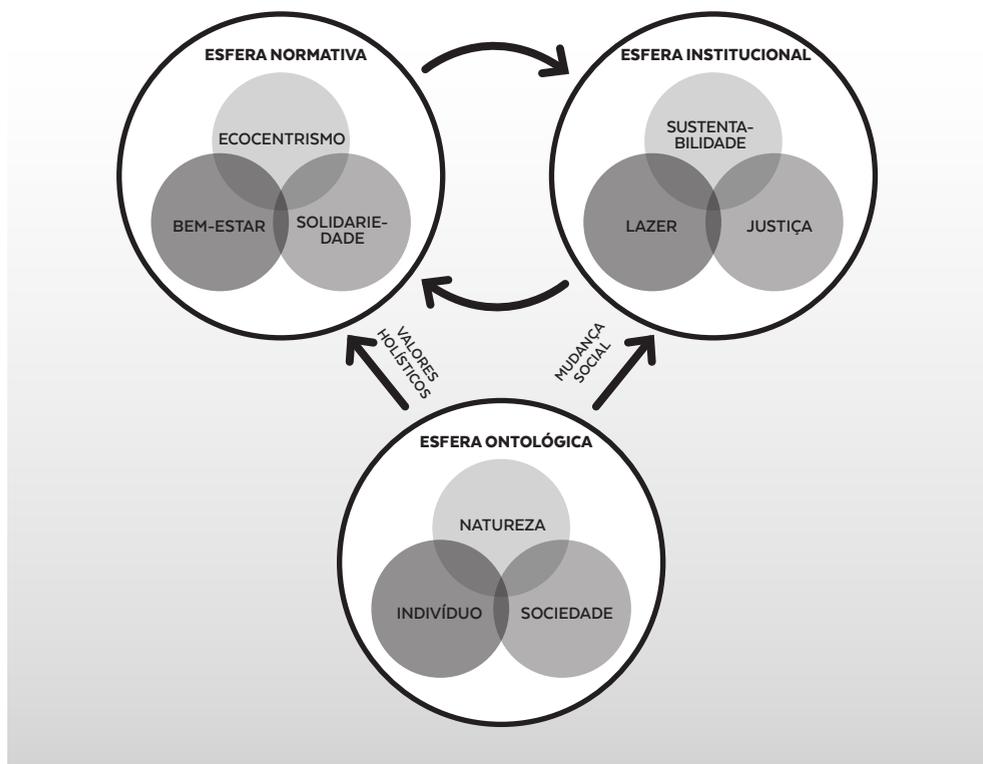
Quais são esses desdobramentos? Um deles: as bases materiais agora existem. A capacidade produtiva espetacular da economia mundial contemporânea poderia sustentar um mundo equitativo e pós-escassez. De igual importância, um mundo de riscos compartilhados, que implora por cooperação supranacional vigorosa, tem colocado a ideia e a prática da governança planetária na agenda histórica. A interdependência no campo objetivo da economia política cultiva, no campo subjetivo da consciência humana, uma compreensão das pessoas e do planeta como única comunidade. O entrelaçamento de destinos exorta a um novo cosmopolitismo que se congratule com a unidade de um *demos* global e a diversidade de suas culturas e lugares – e leva para além da solidariedade das espécies, para a solidariedade com outras criaturas e com todas as formas de vida do planeta.

Cada época gera uma constelação de valores coerentes com seus arranjos sociais. Houve um tempo em que o *ethos* modernista manifestou-se em harmonia com exigências incipientes, mas agora se tornou dessincronizado com as realidades do século XXI. O cânone de progresso perpétuo da Modernidade é pouco vantajoso em um momento de expectativas contrariadas e apreensão existencial. Uma ordem internacional baseada no modelo vestefaliano de soberania inviolável do Estado entra em conflito com a interdependência global e a ideia de Terralanda. A desestabilização da biosfera desmascara a idolatria dos mercados, o mito do crescimento econômico sem fim e o fetiche do consumismo. A desigualdade corrosiva e as comunidades esvaziadas enfraquecem a fidelidade ao capitalismo selvagem.

A lacuna, já perigosa, entre antigas verdades e novas realidades se alargará junto da trajetória histórica em curso. Políticas de aperfeiçoamento podem suavizar as contradições e ajustar a direção, mas não garantir uma passagem segura para um destino decente. Isso exigirá mudanças fundamentais tanto na consciência humana quanto no modelo social: o “campo normativo” interno e o “campo institucional” externo. Como sugere a figura 4, esses modos

coevoluiriam em uma virada sistêmica: valores nascentes impulsionariam a mudança institucional; novas instituições imprimiriam valores na prática social. Assim, os esforços para nutrir valores holísticos e lutas para a mudança social, vertentes centrais de uma estratégia integrada, estariam ligados de modo dialético e se reforçariam mutuamente.

FIGURA 4 – A Via Tripla da Transição



A tríade de valores da Grande Transição mostrada na esfera normativa aplica-se a campos muito diferentes da “esfera ontológica” (veja figura 4). O bem-estar centra-se no indivíduo; a solidariedade, na espécie humana; e o ecocentrismo, na biosfera. Embora abordem dimensões díspares da experiência humana, esses valores compartilham um tema comum: o anseio pela inteireza. O desejo por vidas, sociedades e ecossistemas desfragmentados ancora a visão social e orienta os esforços para moldar a esfera institucional. Realização humana, equidade social e sustentabilidade ambiental, considerações acessórias nos Mundos Convencionais, tornam-se os pilares da boa sociedade. Essas aspirações normativas são a base para a criação de instituições que fornecem tempo e recursos para a busca de vidas realizadas, garantem justiça social e econômica, fomentam engajamento cidadão e governança democrática e fortalecem a resiliência e a biodiversidade do ambiente natural.

O design econômico, em particular, tem significância transversal, porque medeia nossa relação com a natureza e entre nós. As economias da Grande Transição seriam entendidas como as ferramentas imediatas para os objetivos gerais de vidas vibrantes, sociedades harmoniosas, desenvolvimento qualitativo e não quantitativo. A inovação continuaria em uma era pós-crescimento-material – de fato, ela provavelmente aumentaria muito. Mas essas novas economias, seja lá como fossem conhecidas, seriam pós-capitalistas, já que o lucro privado e a acumulação de capital não teriam mais a primazia. Alguns lugares poderiam contar com controles governamentais, outros com acordos descentralizados e outros ainda com propriedade social e controle operário. A Parte III deste ensaio antevê a forma como várias abordagens econômicas poderiam coexistir na Terralanda pós-transição.

A via tripla de mudança engloba um imenso espectro de esforços culturais e políticos. Movimentos e organizações já estão trabalhando em inúmeras frentes para educar, inspirar e reformar. A preocupação com a qualidade de vida se manifesta em comunidades indígenas que lutam para manter seus modos de vida, bem como nas muitas subculturas prósperas que procuram retirar-se do frenético consumismo capitalista para cultivar “economias compartilhadas”, comunidade local e a arte de viver. O espírito de solidariedade manifesta-se nas lutas por direitos universais, erradicação da pobreza e governança global democrática. A sensibilidade ecológica dá vida a inúmeros esforços de reestruturação dos padrões de produção e consumo para adequá-los aos processos naturais.

Essa explosão de energia opositora e prática alternativa poderia aperfeiçoar um despertar sistêmico e afirmativo, mas por enquanto permanece fragmentada e reativa demais. Um movimento maduro para uma Grande Transição traria múltiplas iniciativas e campanhas sob um amplo guarda-chuva de preocupações comuns: O que constitui a vida boa? Como devemos organizar a sociedade? Qual deve ser a nossa relação com o mundo natural? Aprender a tecer os muitos fios em uma práxis planetária sinérgica continua sendo o desafio mais crítico na jornada para Terralanda. Exploraremos maneiras de fazê-lo após estabelecer primeiro a viabilidade técnica de uma Grande Transição.

Fios condutores

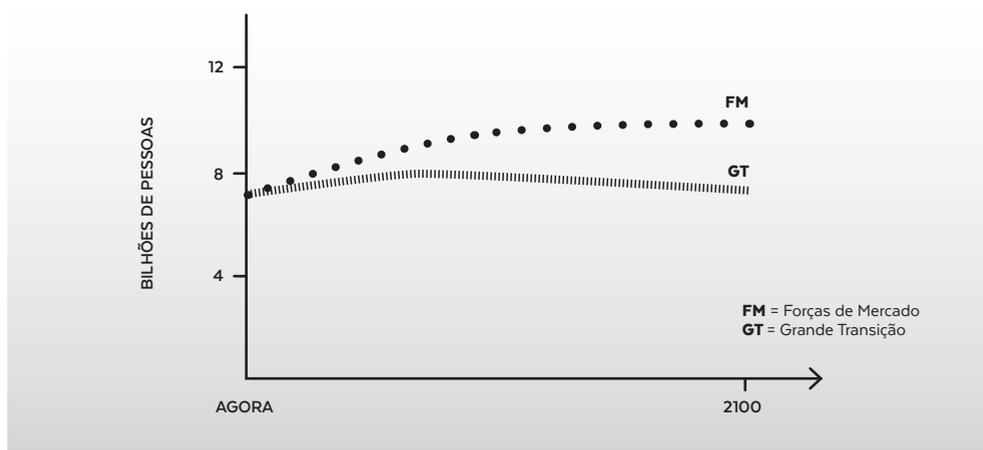
Onde há vontade, há caminho – múltiplos caminhos – para desviar, reverter e transcender as tendências ameaçadoras. Mesmo dentro dos limites ideológicos constritivos de um cenário de Reforma de Políticas, massivos meios tecnológicos e políticos poderiam ser aplicados, em princípio, para gradualmente dobrar as curvas de perigo para longe da calamidade. No entanto, as curvas se dobrariam cada vez mais longe e mais rápido em uma Grande Transição, que desativaria as fontes de pressões socioecológicas perniciosas e expandiria o universo das opções políticas. Para explorar o potencial técnico, suponhamos, por um mo-

mento, que os predicados culturais e políticos transformadores se desenvolvam nas próximas décadas: uma vasta escalada cívica gera ímpeto, limitando corporações, refreando estruturas de poder, propagando empreendimentos sociais e trazendo uma geração de líderes comprometidos com a nova agenda.

Nesse contexto, instituições recalibradas e estruturas de incentivo estimulariam a inovação e a incorporação da tecnologia verde, enquanto fortes políticas redistributivas reduziriam rapidamente a desigualdade e a pobreza. Ao fazer isso, um cenário de Grande Transição poderia se assemelhar superficialmente a um cenário vitaminado de Reforma de Políticas. Entretanto, mudanças sociais potentes – economias pós-capitalistas, estilos de vida de baixo impacto e caminhos para a modernização em países pobres que queimam a etapa do modelo industrial de uso intensivo de recursos – acrescentariam poderosas alavancas de mudança indisponíveis em cenários convencionais. Como resultado, padrões sociais e ambientais se desprenderiam bruscamente das linhas tendenciais, já que o sistema mundial avança em direção a uma configuração diferente para Terralanda. Para ilustrar as possibilidades, os parágrafos seguintes, com base em simulações computacionais detalhadas, comparam as perspectivas da Grande Transição (GT) e das Forças de Mercado (FM), para indicadores selecionados¹².

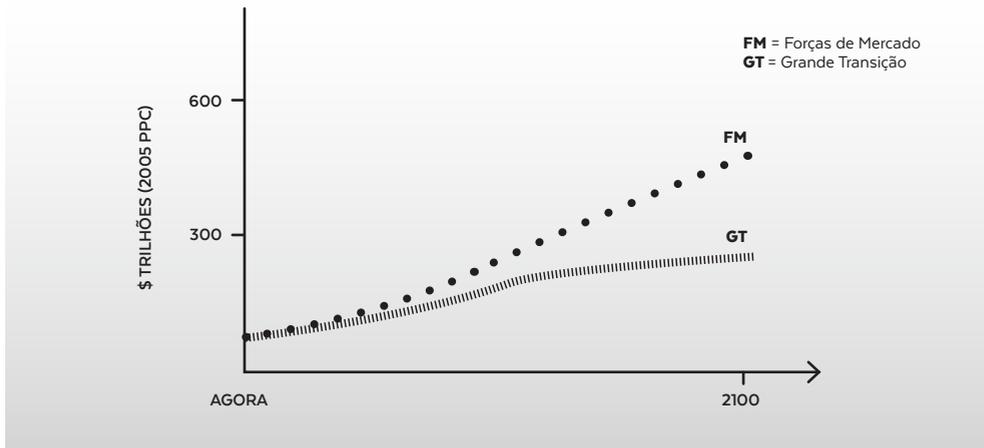
Segundo as projeções, a população mundial, atualmente em torno de 7,5 bilhões de pessoas, deve aumentar em cerca de três bilhões no decorrer deste século, quase toda em países mais pobres¹³. Nas condições de GT, ao contrário, o protopaís Terralanda experimenta uma inversão demográfica com menores taxas de natalidade e mortalidade, não muito diferentes das anteriormente ocorridas nos países ricos, à medida que se industrializaram e modernizaram. O progresso social rápido em várias frentes – educação, saúde, planejamento familiar e oportunidade profissional – liberta e empodera as mulheres, levando a mudanças nas estruturas familiares e à redução nas taxas de fertilidade. Nessas condições, a população mundial atinge um pico em meados do século e depois declina gradualmente.

GRÁFICO 1 – População



QUADRO ECONÔMICO / A escala da economia global na Grande Transição seria substancialmente menor do que as projeções típicas. Um dos principais fatores que explica essa diferença são as imensas despesas não produtivas – armamentos militares, propaganda e inúmeras outras atividades desperdiçadoras – enxugadas da economia. Mais significativamente, os ganhos de produtividade (produção por hora de trabalho), em vez de aumentarem a produção econômica agregada, são usados para diminuir o trabalho socialmente necessário, à medida que o consumismo desaparece e a demanda por tempo de lazer cresce.

GRÁFICO 2 – Produto Mundial Bruto



O aumento da segurança econômica, juntamente com distribuição de renda e riqueza mais equitativa, cria o contexto para mudanças nas prioridades econômicas. À medida que os meios de subsistência tornam-se confiáveis e suficientes em um mundo de GT, cresce nas pessoas a preocupação com a qualidade de vida em suas muitas dimensões: relacionamentos, comunidade, criatividade, recreação e realização espiritual. A crescente preferência por “vidas ricas e não vidas de ricos” está refletida em jornadas de trabalho (e anos de trabalho) mais curtas e, correspondentemente, mais tempo de livre escolha. Mas isso de modo algum implica que Terralanda seria uma terra de ascetas: sua renda média de cerca de U\$30.000 por pessoa no final do século seria comparável à da Itália de hoje. Todos desfrutariam de padrões de vida seguros e confortáveis como base para a busca de satisfações não materialistas.

A luta contra o flagelo da pobreza estaria melhor ou pior em um futuro versus outro? A miséria humana continua a ser uma característica arraigada no futuro das Forças de Mercado. O crescimento econômico agregado reduziria a pobreza mundial, mas o aumento da população e a desigualdade anulariam parcialmente os ganhos, deixando centenas de milhões ainda atolados na fome crônica. Por outro lado, uma Grande Transição, focada no bem-

-estar humano e na segurança econômica, tornaria a eliminação da pobreza uma prioridade dinamizadora. Uma constelação de fatores contribui para a criação de um mundo sem privação, incluindo a estabilização da população, distribuições de renda mais equitativas e mobilização de recursos para o desenvolvimento centrado nos pobres. Até 2100, as disparidades Norte-Sul e regionais teriam praticamente desaparecido.

GRÁFICO 3 — Tempo de Trabalho

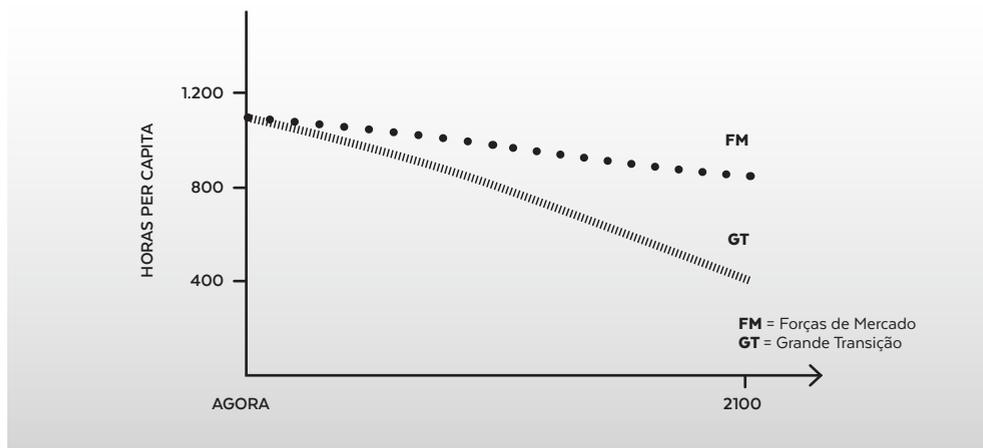
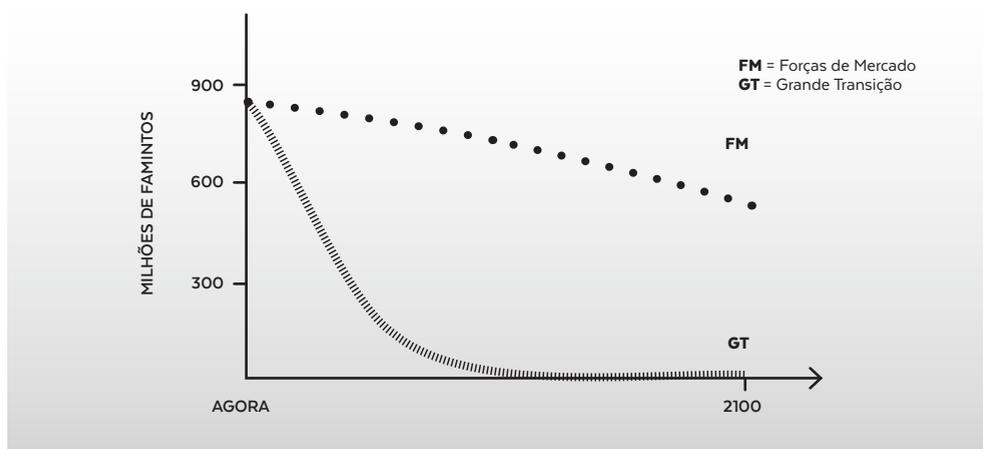


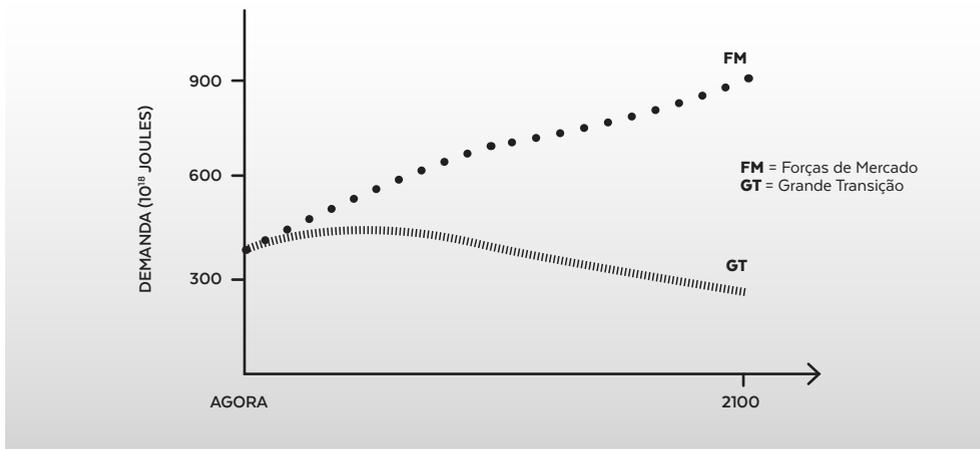
GRÁFICO 4 — Pobreza



E quanto aos requisitos energéticos? A explosão de demanda por energia em um cenário FM se torna fonte de instabilidade, agravando as mudanças climáticas, provocando conflitos por reservas cada vez menores de combustíveis fósseis e intensificando a ligação entre a energia nuclear e a proliferação de armas nucleares. A GT exige dramaticamente menos energia, facilitando o

caminho para soluções ambientais e geopolíticas. A diminuição é, em parte, atribuída à economia mundial reduzida, à ênfase em setores de serviços menos intensivos em energia e a pouca dependência ao automóvel e comércio de longa distância. O comedimento das exigências também reflete maior aproveitamento do imenso potencial inexplorado para o uso eficiente da energia, seja para aquecer e refrigerar edifícios, operar eletrodomésticos, movimentar processos industriais ou acionar veículos.

GRÁFICO 5 – Energia



Poderia o cenário da GT interromper mudanças climáticas perigosas? O cenário FM vê um aumento acentuado da produção de energia nuclear e renovável, mas o crescimento da demanda de energia impulsiona implacavelmente as emissões de gases de efeito estufa. A demanda muito menor de energia no cenário da Grande Transição é satisfeita, em meados do século, quase totalmente por meio de energia solar, eólica e outros recursos renováveis. Políticas econômicas de alto impacto (por exemplo, impostos sobre o carbono), regulações (por exemplo, metas para o setor elétrico), investimentos (por exemplo, redes elétricas modernizadas) e pesquisa e desenvolvimento (por exemplo, combustível de hidrogênio e armazenamento de energia) combinam-se para acelerar a transformação das fontes renováveis. Esforços complementares, como a proteção da terra, o reflorestamento e a agroecologia retêm o carbono na biomassa e no solo, em vez de liberá-lo para a atmosfera. Reduzindo drasticamente as emissões, essas ações mantêm a mudança climática dentro de limites gerenciáveis.

E quanto ao desafio de alimentar Terralanda? Na equação alimentar, os cenários divergem tanto do lado da procura quanto da oferta. As colheitas requeridas pelas FM aumentam com o crescimento populacional e de renda, à medida que sociedades tradicionais adotarem dietas baseadas no con-

sumo intensivo de carne (ampliando assim as necessidades de plantios para alimentação animal). Essas forças motrizes estão ausentes em uma Grande Transição: a população se estabiliza e – motivada por preocupações ambientais, de saúde e éticas – indivíduos abastados adotam dietas muito menos dependentes da carne. Como resultado, a pressão para expandir os rendimentos dos cultivos e das terras agrícolas é aliviada. Do lado da produção, as práticas se deslocam do modelo de agricultura industrial, com suas monoculturas e insumos químicos elevados, para a agricultura ecológica, enfatizando sistemas complexos de culturas múltiplas, gestão integrada de pragas e outras abordagens orgânicas e orientadas para a conservação.

GRÁFICO 6 – Clima

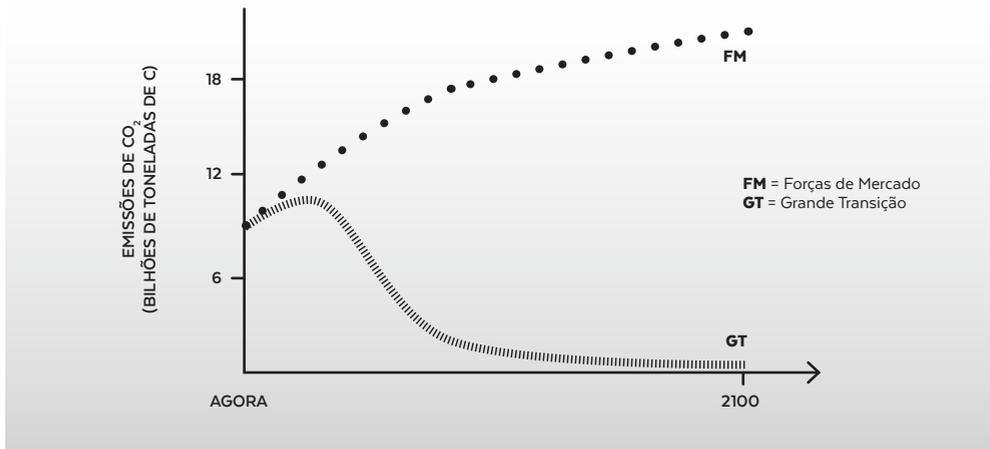
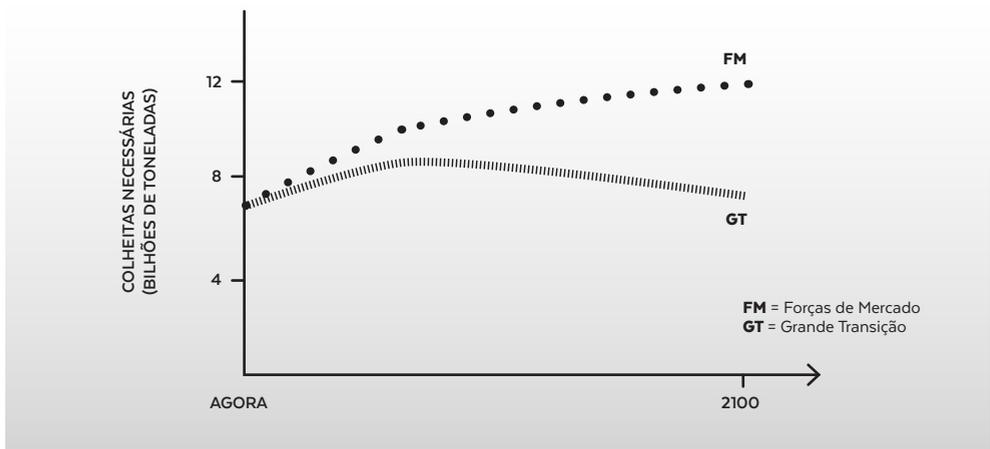
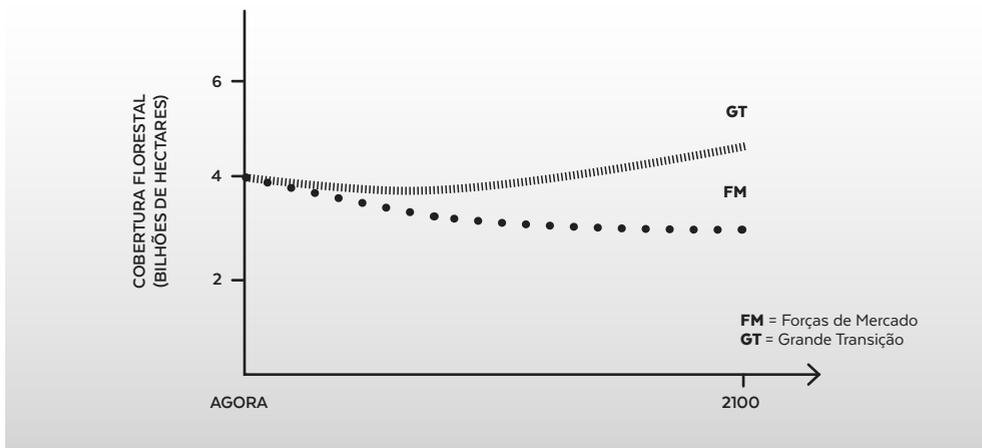


GRÁFICO 7 – Comida



Continuando no modo comparativo, como se saem os habitats naturais nos dois cenários? Em um cenário FM, as pressões que vêm impulsionando o pavoroso declínio dos habitats naturais e dos ecossistemas, e a consequente perda de biodiversidade, persistem. A expansão urbana, exploração madeireira e práticas agrícolas, ambientalmente insensíveis, convertem e degradam terras virgens. Em oposição, sendo a proteção da natureza um princípio ético e econômico fundamental em um cenário de Grande Transição, as cidades tornam-se mais compactas, poupando a terra para a natureza; e a proteção de habitats, uma paixão de comunidades contíguas, é incorporada ao planejamento de projetos. A perda desenfreada de espécies é refreada e depois interrompida, já que o trabalho de restauração da natureza e a reintrodução de espécies animam a nova geração de ativistas e cientistas ambientais.

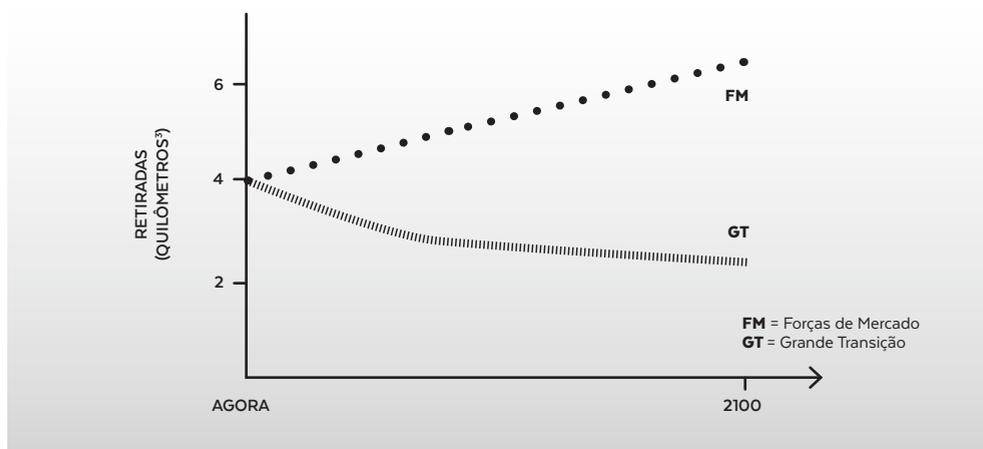
GRÁFICO 8 – Habitat



Por último, mas não menos importante, em nosso olhar comparativo sobre indicadores, está a água doce. Cerca de 2 bilhões de pessoas vivem atualmente em áreas carentes de água, onde o aumento das demandas humanas e os requisitos do sistema ecológico aquático juntos oneram a capacidade hídrica das bacias hidrográficas. De acordo com pressupostos convencionais, esse número aumentará rapidamente, à medida que o crescimento populacional e econômico impulsionarem retiradas de água doce. Além disso, a mudança climática introduz um coringa hidrológico que exacerba as secas e o estresse hídrico em muitas áreas. Uma Grande Transição diminuiria drasticamente as pressões que levam à crise. Populações menores, alta eficiência na utilização da água e reutilização maciça reduzem agudamente as retiradas e, em consequência, o número de pessoas em áreas com estresse hídrico. Mesmo assim, a sustentabilidade hídrica continuaria sendo uma questão premente e persistente.

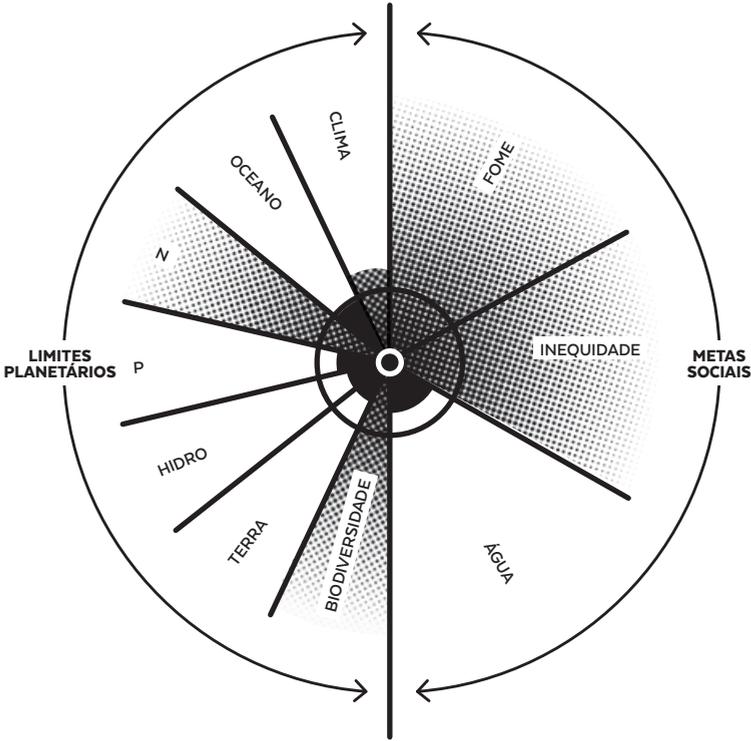
Quais são as implicações mais amplas desses padrões contrastantes? A figura 5 fornece uma vista panorâmica¹⁴. A imagem da esquerda resume o estado atual das coisas em relação às metas-chave ambientais e sociais. As metas ambientais estão especificadas como “limites planetários” que demarcam o espaço operacional seguro para a Terra; as metas sociais refletem indicadores e objetivos amplamente adotados. (O círculo escuro indica a “zona segura” onde as metas são atingidas.) O mundo hoje enfrenta uma emergência de alerta vermelho com cinco das dez metas na zona de perigo (as cunhas vermelhas). O painel inferior direito mostra que, no decorrer deste século, o cenário das Forças de Mercado empurraria o sistema global para a zona vermelha em muitas dimensões ambientais e sociais, enquanto ondas de turbulência se espalham no espaço e no tempo.

GRÁFICO 9 — Água doce



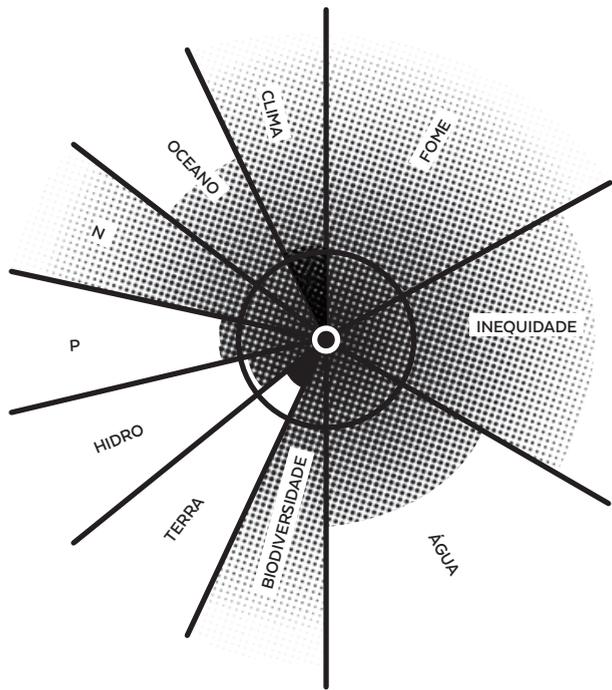
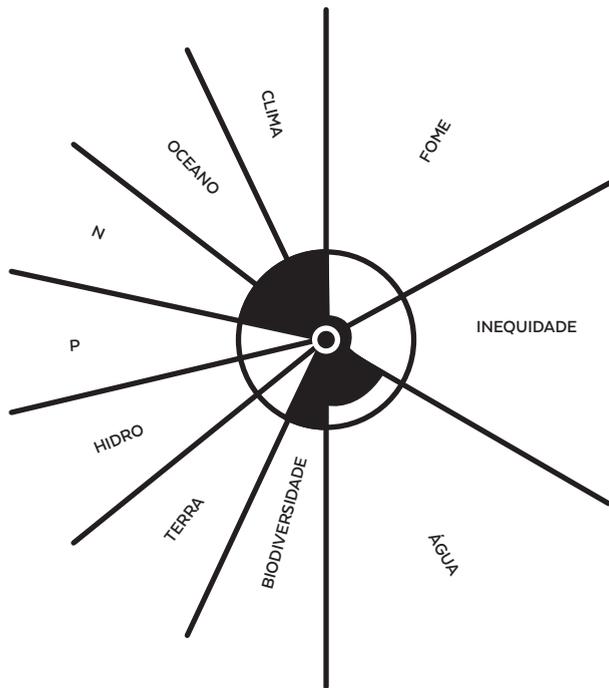
Em contrapartida, a Grande Transição dita um caminho que redirecionaria o itinerário do futuro para a zona segura de uma Terralanda resiliente e equitativa. O resultado da análise quantitativa é extremamente robusto: a grande pergunta não é se os números funcionam sob os pressupostos culturais e políticos da Grande Transição, mas se esses pressupostos podem se tornar válidos. Responder a essa questão nos leva para além da zona de conforto da análise técnica e para o difícil terreno das mudanças culturais e da ação coletiva.

FIGURA 5 – Limites e Metas em Dois Cenários



GRANDE TRANSIÇÃO

FORÇAS DE MERCADO



2100

O levante – Cidadania sem fronteiras

Será que nós, os habitantes de Terralanda, despertaremos como cidadãos de uma comunidade planetária? A esperança recai sobre as raízes cosmopolitas brotando das fundações em ruínas da Idade Moderna. A condição fundamental da Fase Planetária – riscos compartilhados e um destino comum – exige respostas urgentes coletivas que transcendem arranjos políticos conflituosos e visões sociais truncadas. A interdependência aumentada desperta modos de associação e correntes de pensamento sintonizados com a configuração supraordenada de Terralanda (ao mesmo tempo que gera as patologias sociais da Barbarização).

Da maior relevância para as políticas de transição, uma rede de conectividade cada vez mais densa promove a ideia de cidadania global¹⁵. Essa distensão do tecido institucional das estruturas sociais e do tecido afetivo da identidade amplia um processo antigo. Éons de evolução social entrelaçaram grupos maiores e mais complexos e os aninharam em conjuntos hierárquicos. As camadas de famílias, clãs, tribos, aldeias, cidades e nações colocam cada indivíduo no centro de círculos concêntricos de comunidades, equilibrando compromissos e negociando tensões entre eles. À medida que se fundiam, novas solidariedades forjaram lealdades tão fortes que os indivíduos estavam dispostos a sacrificar até mesmo suas vidas pelo bem-estar do grupo. A veneração de ídolos, símbolos e líderes incutiu a força mítica do “nós coletivo” no psiquismo das novas gerações. O frequentemente demonizado “outro”, indigno de igual preocupação moral, residia do lado de fora dos muros. Esses temas rivais – solidariedade de grupo e antagonismo intergrupar – iluminam e escurecem a história humana desde tempos imemoriais. À medida que a complexificação social encorajava a extensão da comunidade de afins, a tenaz influência do particularismo diminuiu o impulso cosmopolita e, às vezes, o reverteu. Por fim, as sociedades dominantes expandiram seus domínios assimilando ou aniquilando contemporâneos mais fracos. Nas sepulturas dos oprimidos e subjugados, abriram-se possibilidades históricas para a construção de novas formas sociais e identidades morais.

Durante muito tempo os filósofos sonharam com um era em que o círculo da comunidade abraçaria toda a família humana. Essa visão universal cativou a imaginação social desde o século V a.C., quando Sócrates proclamou: “Eu sou um cidadão, não de Atenas ou da Grécia, mas do mundo”. Dois séculos mais tarde, os estoicos construíram uma estrutura ética centrada na noção de *cosmópolis* – uma entidade política mundial em harmonia com a razão e o universo.

Com base nessa fonte antiga, a ideia cosmopolita mudou e evoluiu ao longo dos milênios, enquanto os visionários refletiam sobre seu significado e os transformadores do mundo perseguiram sua promessa. O sonho elevado recusou-se a morrer, embora a triste saga da conflituosa espécie humana fizesse

com que Um Só Mundo parecesse uma simples quimera. Mas as críticas dos filósofos céticos e dos adversários ideológicos não impediram a busca por uma civilização mundial, que alcançou novo destaque no humanismo e no universalismo do iluminismo. Depois de uma pausa no século XIX, a busca profética foi retomada em meados do século XX, uma resposta tão corajosa quanto desesperada para a sensação circundante de exaustão cultural em uma era abalada pela guerra mundial e ameaçada pelo holocausto nuclear¹⁶.

Até o momento, a sensibilidade cosmopolita evoluiu em uma esfera de ideias desconectada da esfera material da História real. Cosmópolis flutuava em éter rarefeito acima da arena dividida, onde deveria ser construída. Agora, a Fase Planetária traz o sonho, outrora quixotesco, para o campo prático, ancorando o *ethos* da solidariedade humana na lógica da condição contemporânea – caso os alertas de perigo e os sinos de promessa que ela dispara despertem o cidadão global da inércia. À medida que a conectividade se globaliza no mundo exterior, da mesma maneira a empatia talvez possa se globalizar nos corações humanos.

O que, então, significa ser um cidadão global? A condição de cidadania, mesmo em sua aparência familiar de cidadania de um Estado, escapa a uma definição precisa. No sentido mais amplo, cidadão é o membro de uma comunidade política que concede direitos e prerrogativas ao indivíduo, exigindo que este cumpra com suas responsabilidades e obrigações. Além da relação jurídica com a *polis*, o cidadão, no sentido mais completo, abraça uma relação afetiva de fidelidade e apego à comunidade maior. Mas o significado concreto de cidadania foi construído historicamente, evoluindo em conjunto com sistemas sociais mutantes.

A cidadania moderna de múltiplas camadas foi formada em três ondas sucessivas que ampliaram direitos nas arenas econômica, política e social (pelo menos para aqueles reconhecidos como cidadãos)¹⁷. No século XVIII, a *cidadania civil* outorgou oportunidades econômicas, liberdades individuais e direitos de propriedade. No século XIX, a *cidadania política* difundiu a democracia e o direito ao voto. No século XX, a *cidadania social* trouxe padrões mínimos de bem-estar. A cada onda de mobilização social contra os privilégios tradicionais seguiu-se uma correspondente ampliação de direitos. Dessa maneira, a cidadania civil codificou o triunfo das classes empreendedoras sobre os interesses feudais, a cidadania política anulou os direitos divinos dos monarcas e o despotismo das elites poderosas, enquanto a cidadania social foi conquistada por trabalhadores reunidos na longa batalha contra o capitalismo *laissez-faire*. Evidentemente, muitas décadas se passaram até que as mulheres e os subgrupos excluídos conquistassem esses direitos, uma luta ainda incompleta em muitos países.

Agora que a Fase Planetária turva essas antigas categorias de cidadania, uma quarta onda se avoluma: a *cidadania global*. Tal como acontece com a cidadania de Estado, esse conceito mais amplo tem dimensões afetivas e institucionais. As pessoas se tornam “cidadãos do mundo” – no sentido afetivo – quando suas preocupações se estendem a toda família humana e, mais além, à ecossfera que nos sustenta. Esse sentido de identidade transfronteiriça anima



um crescente bando de “cidadãos peregrinos”, que navegam como os primeiros viajantes em direção a uma comunidade global imaginada¹⁸.

A consciência “planetizada” é um passo importante na maturação da cultura humana. À medida que permeia cada vez mais as mentalidades do século XXI, o trabalho prático de construir o andaime institucional e o aparelho funcional para a democracia planetária pode prosseguir. Com esse objetivo, a Parte III deste ensaio – “Destino” – imagina a arquitetura para o sistema político de Terralanda após uma Grande Transição. Tal configuração supraordenada se inspiraria em precursores que já estão se multiplicando na ordem atual por processos de tomada de decisão multilaterais e redes da sociedade civil. Mas não mais simplesmente equilibrando os interesses de Estados concorrentes ou se curvando aos interesses do poder corporativo, a governança global deveria prestar contas a todo o corpo político.

Do ponto de vista privilegiado do presente antagônico, as perspectivas para a existência de um *demos* global podem parecer remotas, até mesmo improváveis. Mas descartar de saída essa possibilidade seria uma falha de imaginação histórica, semelhante à de um cético do século XVIII descartando, como um sonho inverossímil, a possibilidade de nações soberanas. Desde sempre houve Estados e nações – territórios políticos e grupos culturais –, mas nenhum Estado-nação para tornar os dois congruentes. Contudo, o nacionalismo levou a melhor, consolidando Estados modernos a partir das identidades fraturadas de cidade-Estado, feudo e tribo. Em poucos séculos, redesenhou um mapa mundial com 200.000 territórios em um com 200 países. Os antigos céuticos estão há muito tempo esquecidos, agora que as fronteiras nacionais arbitrárias são consideradas invioláveis, enquanto cada “comunidade imaginada” celebra a visão, o idealismo e o heroísmo de seus patriotas fundadores¹⁹.

Agora, por sua vez, a Fase Planetária está chacoalhando a ordem do Estado-nação e revestindo-a com espessa carapaça de governança global. Mas para os incrédulos, o globalismo ascendente no século XXI parece tão absurdo quanto o nacionalismo ascendente pode ter parecido, pelo menos para os tacanhos, no século XVIII, antes que a História tornasse inevitável o que parecia impossível. Na verdade, circunstâncias externas – competição econômica, rivais belicosos, conquista colonial – estavam em jogo na formação dos Estados modernos, enquanto Terralanda não possui fronteiras territoriais e, portanto, nenhum “outro” em seus portões (excluindo uma invasão extraterrestre) para incentivar a unidade e a coesão. Todavia, poderosas forças centralizadoras – riscos compartilhados e um destino compartilhado – puxam contra a desunião, fazendo do planeta a fronteira natural para assuntos humanos.

De fato, a terra como um todo, oferece a base para uma comunidade planetária imaginada mais ancorada em realidades sociais e ecológicas do que as fronteiras arbitrárias das inexperientes comunidades nacionais. Assim como a cidadania nacional certa vez dissolveu barreiras nos Estados, a cidadania global poderia reduzir as divisões entre eles e, assim, transpor o abismo que separa as estruturas obsoletas do século XX e as duras realidades do século XXI.

DIMENSÕES DA AÇÃO COLETIVA / O emaranhado de pessoas, planeta e descendência grava o impulso cosmopolita no DNA de nossa época. Mas a propensão minguará – ou persistirá, sobretudo, em bolsões culturais isolados – a menos que se una a um movimento social popular. Como as amargas derrotas do passado testemunharam dolorosamente, o descontentamento pode se dissipar e a saudade pode abrandar, deixando que a demagogia surja a partir das cinzas do medo (basta apenas lembrar a incapacidade das forças progressistas em deter o fascismo). Entretanto, episódios de mobilização social pontuam a História. Na vitória e na derrota, o oprimido, o patriota e o idealista se levantaram, com objetivos tão variados quanto as condições históricas que os geraram. Alguns movimentos têm defendido restritas causas étnicas, religiosas, nacionais e ideológicas. Outros procuraram expandir as esferas dos direitos, da justiça, da paz e dos cuidados com o meio ambiente. E é essa a tradição progressista que chama a nossa atenção na busca por modelos eficazes de ação coletiva globalizada.

É claro que as lições extraídas da experiência de movimentos passados só podem ter relevância contemporânea parcial. Todos os movimentos são criaturas de seu tempo e lugar, e um movimento global de cidadãos, tão singular como a Fase Planetária que o desencadeia, não seria uma exceção. Ainda assim, vale a pena indagar aos movimentos precursores: Que condições políticas pavimentaram o caminho? Que estratégias dinamizaram a participação em massa? Que atributos atraíram e retiveram adeptos? Correspondendo a essas três questões, os fatores pertinentes são a *vulnerabilidade do sistema*, a *capacidade organizacional* e a *solidariedade cultural*²⁰.

Uma sociedade estável mantém a lealdade de seus cidadãos, enquanto se considere que os poderes constituídos governam com competência e justiça. O sistema se torna vulnerável quando é amplamente percebido como inepto ou injusto e muitas vezes ambos. Se as estruturas dominantes são incapazes de suprimir o descontentamento ou acomodar as demandas por mudança, a sociedade então se move em direção à beira de uma crise sistêmica. Por fim, se as condições se deteriorarem e a legitimidade da ordem estabelecida se romper ainda mais, a insatisfação individualizada pode ser enquadrada como reivindicação geral e atos isolados de desacato podem convergir em resistência de massa.

Mas a vulnerabilidade do sistema é apenas a condição prévia que pavimentou o caminho para um movimento social consequente; não o garante. A efetivação exige a criação de organizações hábeis que servem para concentrar e amplificar a energia da oposição. Essas organizações são a manifestação formal e o sistema de transmissão do movimento, não o movimento em si. Seu papel é canalizar a indignação, o protesto espontâneo e as demandas e visões circundantes para ações vigorosas. Elas ancoram aspirações sublimes nas tarefas prosaicas de construir competência gerencial, garantir recursos financeiros, exibir astúcia estratégica e gerar um repertório de táticas para difundir a mensagem e vencer batalhas.

A reivindicação generalizada pode ser sua razão de ser e a capacidade organizacional, seus meios. Mas para atar um movimento de massa como uma comunidade humana, a solidariedade cultural é necessária. Um movimento duradouro é mais do que uma arena política impessoal; oferece uma alternativa convidativa à cultura dominante. Forma uma comunidade de opiniões afins em que os participantes podem refazer identidades, estabelecer laços de solidariedade e investir seu compromisso. A cultura contra-hegemônica renova a unidade afetiva por meio de símbolos, mitos e rituais, enquanto cultiva uma estrutura conceitual compartilhada para entender o mundo e como mudá-lo.

Para perdurar e prosperar, um movimento incipiente deve superar o paradoxal “problema de ação coletiva”. Muitos simpatizantes hesitarão em participar até acreditarem que o movimento possa fazer a diferença, mas o sucesso exige um envolvimento em massa. É preciso determinação firme de um núcleo comprometido a construir visibilidade e credibilidade para desarmar o ceticismo de adeptos potenciais. Se as condições são favoráveis e os compromissos tenazes, um movimento crescente pode atingir o limiar crítico para a decolagem. Passado o ponto de inflexão, os poucos dedicados se transformam, qual bola de neve, em uma multidão.

IMAGINE TODAS AS PESSOAS / Pode um Movimento Global de Cidadania (MGC) em prol de uma Grande Transição tomar forma com a velocidade, a escala e a coerência necessárias? A corrida para a alma de Terralanda começou. Presságios perturbadores abundam, mas a consciência cada vez mais difundida e o engajamento cada vez mais amplo sugerem que um movimento sistêmico está em gestação. A questão passa a ser a de como ajudar a trazê-lo para o mundo e dar-lhe vida. Os fatos geradores que atuaram para desencadear os movimentos do passado – vulnerabilidade do sistema, capacidade organizacional e solidariedade cultural precisarão se alinhar na dinâmica necessária, a fim de que um MGC vital tome forma nos próximos anos.

É quase certo que o sistema global reinante, já amplamente considerado ineficaz e ilegítimo, vai se tornar cada vez mais vulnerável. A ordem interestatal carece da autoridade política coordenada e necessária para resolver crises e comandar a confiança pública. O capitalismo corporativo global corre solto, predisposto a espoliar a natureza e gerar desigualdade, e não a promover vidas seguras e gratificantes. O sistema mundial, incompetente e viciado a beneficiar poucos, incuba o descontentamento que chega borbulhando na superfície em miríades de formas – e debaixo dela se revolve no inquieto psiquismo moderno.

A vulnerabilidade palpável do sistema contrasta com o subdesenvolvimento dos outros fatores críticos – fortes organizações mobilizadoras e coesa comunidade de oposição – essencial para fundamentar um MGC vibrante. O desafio não é menor do que o de criar a base para a ação coletiva através das grandes distâncias culturais e espaciais que um movimento global deve circunscrever²¹. Mesmo que a Fase Planetária fortaleça a atração gravitacional

em direção à unidade e a internet encolha a distância psíquica, as barreiras de língua e tradição permanecerão e desconfianças e ressentimentos persistirão.

Ainda assim, o incipiente MGC se manterá sobre as bases bem estabelecidas de princípios universais sociais e éticos, elaborados em acordos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Carta da Terra e postos em ação por um impressionante conjunto de movimentos populares. Pode construir legitimidade e atrair adeptos articulando uma visão rigorosa e inspiradora da civilização planetária. Pode criar uma comunidade atraente de pessoas, incorporando, em sua busca, seus objetivos visionários. Portanto, como a Terralanda que almeja, um MGC promoveria a cultura de não-violência, tolerância, respeito e democracia, aderindo firmemente aos principais valores da Grande Transição: qualidade de vida, solidariedade humana e resiliência ecológica.

Construir e manter solidariedade normativa em um movimento tão diverso seria o maior obstáculo para o sucesso. Um MGC enfrentaria a barreira intimidadora da construção da unidade em uma era de fortes identidades políticas, separação cultural e ceticismo em relação à liderança. Um movimento à altura da tarefa de transformação global teria que descobrir maneiras de equilibrar a necessidade de coerência e o desejo por pluralismo. Ele não pode eliminar o conflito ideológico, os antagonismos regionais e as disputas de poder organizacionais. De fato, essa diversidade seria a fonte da riqueza e vitalidade do movimento. No entanto, encontrar um propósito comum exigirá visão global e cultura de movimento que compreendam a variedade de perspectivas e iniciativas como diferentes expressões de um projeto comum. Ambas – unidade e diversidade – são essenciais e complementares.

Movimentos complexos provocam manifestações organizacionais caleidoscópicas, e o MGC não seria uma exceção. Em lugar de uma única entidade, múltiplos elementos quase autônomos pressionariam em todas as frentes (meio ambiente, justiça, paz, bem-estar humano e igualdade) e lutariam em todas as escalas (local, nacional, regional e global). Assim, um MGC viável, como a Terralanda almeja, seria tão global quanto necessário e tão local quanto possível, uma ecologia policêntrica de associações formais e informais sob um guarda-chuva de identidade e propósito compartilhados. Pode ser imaginado como um experimento coletivo eletrizante em formas de ação conjunta a caminho de uma civilização planetária.

Esse tipo de movimento não será tecido integralmente nem por conspiradores de cima, nem surgirá espontaneamente da “agitação abençoada” dos de baixo²². As estratégias proativas de organização afinadas com a grande complexidade da tarefa precisarão navegar entre as armadilhas polares da rigidez (a Nêmesis do vanguardismo) e a desordem (a maldição do anarquismo). Mas os tempos clamam – a necessidade vem de demasiado longe – pela construção de campanhas em grande escala com o objetivo explícito de catalisar um MGC.

Embora não seja possível existirem desenhos definitivos, podemos imaginar os contornos amplos de uma campanha viva. Em uma das narrativas, ela se aglutinaria como uma rede de redes, atraindo novos adeptos através de nós

locais, nacionais e globais. Ela conectaria todo o espectro de questões em um integrado arcabouço estratégico e intelectual. Estaria ansiosa para experimentar formas organizacionais e tecnologias de comunicação para integrar esforços entre regiões, escalas e questões. Buscaria transpor as cisões de cultura, classe e lugar, valorizando a diversidade e o pluralismo sob um guarda-chuva de princípios e objetivos comuns. Sua estrutura e programa evoluiriam, adaptando-se às mudanças nas circunstâncias internas e externas.

Tudo isso demandará que se cultive e pratique uma “política de confiança” que tolere diferenças menos extremas, a fim de sustentar a base primordial para a unidade. Como todo movimento de transformação social, um MGC deve simultaneamente acolher e resistir – expandindo a participação e forjando alianças, por um lado, e identificando e desafiando as forças enraizadas, por outro. A ênfase na confiança não descarta as realidades do poder e do interesse nem pressupõe que desaparecerão os conflitos que certamente ficam no caminho para Terralanda. Ao contrário, enfatizar a confiança sugere que a inclusão e a reconciliação de pluralismo, unidade e visão são desafios fundamentais para o nascimento e o crescimento de um movimento autêntico.

A nova práxis planetária terá muitas dimensões vitais, incluindo esforços para o avanço do conhecimento sistêmico, a pressão por uma política forte, a criação de nichos locais que prefigurem a transição maior e a articulação de visões globais atraentes e viáveis. Todos esses esforços são necessários, mas não suficientes. A tarefa adicional de construir o movimento global agora convida todos os que se preocupam com a qualidade do futuro. O empreendimento é extraordinário, mas assim também são os tempos: em momentos sociais transformadores como o nosso, os esforços de uma minoria ativa podem se propagar como ondas através do campo cultural, convertendo o potencial latente em ação coletiva. Agora, o projeto de vanguarda deve articular reivindicações e ações díspares em um movimento de e para Terralanda, a busca coletiva por uma civilização digna desse nome.





PARTE III

DESTINO_ CENAS DE UM FUTURO CIVILIZADO

CIDADE MANDELA, 2084 / Vamos parar, neste ano de 2017, no centenário do pesadelo de George Orwell, para lembrar onde estivemos e refletir sobre onde estamos no longo arco da Grande Transição. Este breve tratado considera o atual estado de civilização planetária, esboçando sua estrutura complexa, dinamismo social e promessa inacabada — e, sim, celebrando o quão longe chegamos. Para alguns leitores, o retrato pode parecer excessivamente embelezado, mas este autor, um orgulhoso veterano da batalha pelo século XXI, não pede desculpas. Ele não pode alegar neutralidade, mas também não tem ilusões: não vivemos em Shangri-La, mas em Terralanda, onde pessoas reais enfrentam problemas reais. Ainda assim, quem negaria que o mundo hoje constitui uma refutação viva das premonições apocalípticas que assombravam os sonhos do futuro?

Cem anos que abalaram o mundo

Nosso instantâneo de 2084 consegue enxergar apenas um único quadro do filme da história do século XXI. Aquela história, que já foi tema de um oceano de literatura sondando as raízes e o significado da Grande Transição, avoluma-se diariamente, com novas descobertas, interpretações e controvérsias. Em vez de adicionar mais espuma a essa maré crescente, uma história resumida será suficiente aqui para situar o mundo contemporâneo no contexto da transição em curso. A “teoria dos cinco estágios”, introduzida na crônica seminal *Cem anos que abalaram o mundo*, oferece um marco útil.

FIGURA 6 — Principais Etapas da Grande Transição



DECOLAGEM DA FASE PLANETÁRIA (1980-2001)

Um sistema global socioecológico unitário começou a se cristalizar, sinalizando o início de uma importante nova época. Esse fenômeno holístico encontrou múltiplas expressões, entre elas globalização econômica, ruptura biosférica, conectividade digital, sociedade civil transnacional e terrorismo global. A formação de uma configuração interdependente se acelerou após o colapso da ordem bipolar da Guerra Fria em 1989, quando o capitalismo global ganhou hegemonia, lubrificado pelas políticas do “Consenso de Washington” de desregulamentação, livre comércio, privatização e redução de serviços governamentais. Em resposta, reuniões intergovernamentais foram acompanhadas por explosões de protestos maciços, que só puderam diminuir mas não reverter o rolo compressor da globalização corporativa. Paralelamente, o crescimento das indústrias transfronteiriças de marketing e entretenimento atçou o consumismo dos abastados e os anseios dos despossuídos e frustrou as expectativas dos jovens e indignados. Uma cacofonia dissonante — o estouro de bolhas ponto-com, o estrondo de torres caindo, os latidos de cães de guerra, o colapso de geleiras — anunciou a chegada do novo milênio, estilhaçando sonhos de utopia de mercado.

CRISE EM PROPAGAÇÃO (2001-2023)

O turbo-capitalismo descompromissado desaguou em um rufar incessante de tambores de guerra, violência, deslocamento, pandemia, recessão e ruptura ambiental. Os anúncios de más notícias, percebidos inicialmente como desdobramentos estanques, passaram a ser compreendidos, ao contrário, como profundamente conectados, manifestações distintas de uma crise estrutural abrangente. De modo correspondente, as críticas tornaram-se mais sistemáticas e radicais, o mal-estar individual se disseminou e a resistência coletiva ganhou ímpeto. Com a escalada da crise, em 2021, o Movimento Global de Cidadãos (MGC) convocou seu Congresso Intercontinental inaugural, no qual adotou a histórica Declaração de Interdependência, o manifesto eloquente que captou o crescente consenso sobre o “caráter do desafio histórico”, os “princípios de unidade” e as “visões de Terralanda”.* A mensagem do MGC viralizou graças à sua vasta malha de nós vinculados, gerando círculos de engajamento pelo planeta afora. O movimento tornou-se um experimento sociopolítico vivo de criação de uma comunidade terralandesa, e cada choque da Crise em Propagação galvanizava novos adeptos e reforçava sua influência. Por volta de 2023, os “círculos” do movimento eram presentes em todo lugar, promovendo estratégias locais ligadas à mudança mais ampla. O levante popular chegou tarde demais para reverter a queda global em queda livre, mas sem ele o futuro teria sido certamente muito mais sombrio.

EMERGÊNCIA GERAL (2023-2028)

Com suas múltiplas vertentes, a crise avançou inexoravelmente, avolumando-se numa poderosa reação em cadeia de retroalimentação e amplificação em cascata. Cada causa era um efeito, cada efeito uma causa, com os impactos multiplicadores da mudança climática, qual um “bicho de sete cabeças”, no centro do turbilhão do sofrimento sistêmico. Os pobres sofreram mais agudamente, embora ninguém pudesse isolar-se por completo do caldeirão de desestruturação. À luz de qualquer medida, esse foi um período trágico, mas poderia ter sido ainda pior se o mundo não tivesse se mobilizado para dar respostas. O MGC, com sua força em plena ascensão, jogou um papel crucial, empurrando governos confusos e indecisos a atuarem sobre os abrangentes objetivos climáticos e de sustentabilidade que vinham definindo desde que a ONU os adotou em 2015. Essa mobilização de Reforma de Políticas pôs fim ao caos e frustrou a Nova Ordem Mundial (NEO), uma aliança elitista que se preparava para proclamar uma autoridade mundial emergencial. Ironicamente, a ameaça autoritária da NEO desencadeou reação pública maciça que alimentou ainda mais o MGC e as políticas de reforma profunda.

* Embora as referências à “Terralanda” tenham aparecido anos antes, este foi o primeiro documento importante a empregar o termo.

O mundo recuou do abismo, deixando um bom tempo para as NEOs refletirem sobre seus erros de cálculo durante os longos anos de encarceramento.

ERA DA REFORMA (2028-2048)

À medida que a agitação diminuía, a velha ordem começou a se reafirmar. Mas a geração de líderes que atingiu a maioria no calor da crise estava bem escolada nos erros do passado e entendeu a necessidade de uma forte administração governamental, para que a história não se repetisse. A ONU estabeleceu o Novo Acordo Global, a apoteose da governança internacional esclarecida, que incluiu um conjunto de alto impacto de políticas, instituições e financiamentos para cumprir os objetivos ambiciosos da antiga agenda de sustentabilidade. No coração do Novo Acordo Global, estava o esforço concentrado para desenvolver “economias de resiliência”, que canalizariam e restringiriam os mercados para funcionarem de acordo com normas sociais mais humanistas e limites ambientais bem estabelecidos. Passando por cima do veemente protesto de sua ala radical impaciente, o MGC colocou seu considerável peso político em favor dessa iniciativa de domar o capitalismo de livre mercado, considerando a “democracia social planetária” uma estação necessária no caminho da Grande Transição. No entanto, até a década de 2040, a “aliança de necessidade” de Reforma de Políticas tornou-se insustentável: forças retrógradas, acirradas por campanhas revanchistas bem financiadas, tornaram-se mais fortes e as antigas patologias de capitalismo agressivo, cultura consumista e nacionalismo xenófobo recrudesceram. Progressistas em todos os lugares perguntavam ansiosamente: reformar é suficiente? A resposta ressoou pelos continentes: “Terralanda Agora!” O MGC estava preparado, canalizando o descontentamento em estratégia eficaz e ganhando influência política decisiva junto a uma lista crescente de países e organismos internacionais. O corpo deliberativo interno do movimento, a Assembleia Parlamentar de Terralanda (APT), foi reconfigurado para o novo propósito de servir como principal órgão de governança global democrática.

COMUNIDADE DE TERRALANDA (2048-PRESENTE)

O estágio atual da Grande Transição começou quando a APT adotou, por consenso, a Constituição Mundial de 2048 (ver mais sobre a Constituição na página 72), estabelecendo formalmente a Comunidade de Terralanda. A resistência irrompeu entre interesses setoriais e bases nativistas, mas, em resposta, massas de pessoas comuns se mobilizaram para defender a Comunidade. Depois de uma década tumultuada, as novas estruturas institucionais começaram a se estabilizar na estrada para uma *civita humana*. A virada revolucionária para a civilização planetária estava em pleno andamento.

O que importa

Durante todo esse tempo, as expressões políticas e culturais tangíveis da Grande Transição estavam enraizadas numa transição paralela em andamento no campo intangível do coração humano. As pessoas voltaram-se às questões mais fundamentais: Como devemos viver? Quem deveríamos ser? O que importa? A busca coletiva por novas respostas proporcionou a bússola moral para a jornada através do redemoinho de mudança planetária.

Agora todo o edifício da civilização contemporânea eleva-se sobre uma fundação de valores humanos poderosos. O *ethos* predominante na pré-transição – consumismo, individualismo e antropocentrismo – cedeu lugar a uma tríade diferente: qualidade de vida, solidariedade humana e ecocentrismo. Estes valores nascem de um sentido de – e de um anseio por – inteireza como indivíduos, espécie e comunidade de vida. Certamente, nossas diversas regiões e culturas dotam esses valores de matizes únicos de significado e pesos variados, mas eles permanecem como condição *sine qua non* em quase todos os lugares.

O aprimoramento da “qualidade de vida”, em lugar da antiga obsessão com o PIB e a mera expansão quantitativa de bens e serviços, passou a ser amplamente entendido como a única base válida para o desenvolvimento. Agora, essa convicção parece tão evidente que existe o perigo de se perder de vista sua relevância histórica. É preciso lembrar que, no decorrer da História, o problema da escassez e da sobrevivência – aquilo que Keynes chamou de “problema econômico” – dominou a existência. Em seguida, a cornucópia industrial abriu caminho para uma civilização pós-escassez, pelo menos em princípio. Mas o sonho foi longamente adiado, já que divisões de classe profundamente inscritas trouxeram não meios de vida decentes para todos, mas consumo excessivo para os privilegiados e privação para os excluídos. Agora a sinergia de dois fatores – uma ética de suficiência material (“já chega”) e uma distribuição equitativa de riqueza (“o suficiente para todos”) – possibilitou maneiras de viver mais satisfatórias do que a escravizante rotina do trabalhar-e-comprar para o abastado e o desespero para o economicamente marginal. Atualmente, as pessoas são tão ambiciosas como sempre, mas a realização – e não a riqueza – é a principal medida de sucesso e fonte de bem-estar.

O segundo pilar do *zeitgeist* contemporâneo – a solidariedade humana – reforça a forte conexão que sentimos em relação a desconhecidos que vivem em lugares distantes e aos descendentes que habitarão o futuro longínquo. Essa camaradagem abrangente baseia-se em mananciais de empatia que jorram das profundezas do psiquismo humano, expressas na Regra de Ouro que atravessa as grandes tradições religiosas e os ideais seculares de democracia, tolerância, respeito, igualdade e direitos. Essa solidariedade aumentada é o correlato, na consciência, da interdependência no mundo externo. A Fase Planetária, ao misturar os destinos de todos, estendeu o *esprit de corps* através

do espaço e do tempo para abraçar toda a família humana, existente e ainda não nascida, e além.

O ecocentrismo, nosso terceiro valor determinante, afirma o lugar da humanidade na teia da vida e estende a solidariedade às criaturas, nossas companheiras, que nos acompanham e que compartilham a frágil pele do planeta. Estamos perplexos e horrorizados com a indiferença irresponsável das gerações anteriores pela integridade da natureza e do tesouro de sua biodiversidade. A lição foi duramente conquistada e muito foi perdido, mas a razão predatória do passado – dominar a natureza – foi despachada para a lata de lixo da História. Não mais voraz, nossa relação com a Terra é moderada pela humildade, que vem com a compreensão de que dependemos de sua resiliência e generosidade. As pessoas, hoje, mantêm uma profunda reverência pelo mundo natural, encontrando nele maravilha, sustento e prazer infinitos.

Um Só Mundo

A consciência mais ampla de lugar impeliu um *ethos* de globalismo tão fortemente sentido quanto já o foi o nacionalismo – talvez muito mais. Afinal, olhando para baixo, a partir de voos orbitais e excursões espaciais, contemplamos um planeta integral e não limites imaginários de Estados. Profetas sociais há muito anteviram uma família humana – “Misturar novamente a parentela das nações na alquimia do amor”, Aristófanos provocou –, mas o sonho de Um Só Mundo teve que esperar seu parceiro nada sentimental: o interesse individual mútuo. A Fase Planetária acendeu aspirações cosmopolitas, articulando-as com a exigência de cooperação em um mundo de riscos compartilhados. O ideal subjetivo agora estava ancorado em condições objetivas.

Assim, tornou-se axiomático que o globo é a unidade política natural a partir da qual gere assuntos comuns: sustentar a biosfera e manter a paz, sem dúvida, mas também cultivar uma civilização planetária orgânica em suas muitas dimensões. De fato, a cultura e o *demos* mundiais prósperos de Terralanda representam a apoteose da transformação. Pelo menos, essa seria a visão das gerações grisalhas da Grande Transição, se não a dos jovens desassossegados que, dando como certa a Comunidade, buscam novas fronteiras de transformação na colonização espacial (e, certamente, não nos partidos eco-comunais marginais que favoreçam a retórica da Balcanização).

O quarteto de princípios subjacente à nossa comunidade política global tem raízes nas grandes lutas de nossos antepassados por direitos, paz, desenvolvimento e meio ambiente. A Constituição Mundial de 2048 baseia-se nessa herança indispensável, codificada em acordos históricos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, a Agenda 21 da Cúpula da Terra, de 1992, e a Carta da Terra, de 2000. Seu preâmbulo foi fortemente inspirado na Declaração de Interdependência do MGC, de 2021, com seu chamado por uma

Terralanda de direitos, liberdade e dignidade para todos em uma comunidade mundial vibrante e sustentável.

Esses princípios unificadores teriam permanecido pouco mais do que boas intenções, caso não estivessem enraizados no compromisso de seres humanos vivos. Em última análise, o intensamente sentido espírito de solidariedade com as pessoas e o mundo vivo maior liga e sustenta nossa sociedade planetária. Os cidadãos globais da atualidade absolveram, na prática, os velhos visionários e sonhadores de uma nova consciência: “Pensemos em toda a Terra, golpeando com amor a mesa” (Pablo Neruda*).

Muitos Lugares

Esse compromisso com Um Só Mundo é combinado com um mesmo compromisso com Muitos Lugares. A celebração tanto da unidade quanto da diversidade anima nossa “política de confiança” com suas duas vertentes: a tolerância das diferenças próximas e o cultivo de solidariedade distante. A transformação demonstrou que a tensão entre globalismo e localismo, embora muito real, não precisa ser antagônica. De fato, os dois sentimentos estão dialeticamente interligados, como mútuas condições prévias para uma cultura política estável e pujante. Por um lado, a integridade de Um Só Mundo depende de regiões vibrantes para inovação cultural, coesão da comunidade e renovação democrática. Por outro, a vitalidade de Muitos Lugares depende da comunidade política global para garantir e enriquecer nossa civilização e nosso planeta compartilhados.

Há um século era comum falar de um projeto unitário de “Modernidade” no qual todas as nações finalmente replicariam as instituições, normas e valores das sociedades industriais avançadas. Após o colapso da União Soviética, alguns estudiosos chegaram a proclamar o “fim da História”, a fase final do Projeto Modernista. Embora interesseira e a-histórica, a teoria (e ideologia) de que todos os países convergiriam para o modelo dominante continha um núcleo de verdade. A lógica expansionista do capitalismo procurou incorporar periferias e transformá-las à sua própria imagem – quer dizer, ao menos na medida em que lhe foi permitido agir livremente.

A crise do sistema mundial martelou os últimos pregos no caixão de tal determinismo histórico, expondo-o como a presunção conveniente da ambição imperial em um período hegemônico. Em nosso tempo, a Comunidade está confirmando na prática a contraproposta, há muito tempo postulada por pensadores da oposição, de que vários caminhos para a Modernidade estão disponíveis. Hoje os ideais primordiais de Modernidade – igualdade, tolerância,

* Nota de edição: Poeta chileno, considerado um dos mais importantes escritores em língua castelhana. Recebeu o Premio Nobel de Literatura em 1971.

razão, estado de direito e cidadania ativa – são onipresentes, mas encontram expressão diversa em uma paisagem social diversificada.

O pano de nossa sociedade global é uma tapeçaria deslumbrante tecida a partir de centenas de lugares distintos. Muitas regiões de Terralanda se formaram em torno de fronteiras nacionais existentes ou de centros metropolitanos, algumas acompanharam os perímetros das bacias hidrográficas ou de outras “biorregiões” e algumas poucas já existiam como áreas semiautônomas dentro de antigos Estados-nação*. Elas se apresentam em todos os tamanhos e variedades, desde pequenas comunidades homogêneas até territórios amplos e complexos, eles próprios salpicados de sub-regiões semiautônomas.

A consolidação do mapa regional de Terralanda ao longo das últimas décadas não ocorreu sem conflito. Tensões sociais e disputas de terras foram inevitáveis, algumas irrompendo em torno de teimosas controvérsias sobre fronteiras herdadas do passado e outras engendradas por limites mais porosos, uma vez que a cidadania global liberalizou o direito de reassentamento. Ajudada pela simples alquimia do tempo que transforma os estranhos de ontem nos vizinhos de hoje, e serenada pela mediação persuasiva da Comunidade e por incentivos financeiros, nossa constelação de regiões, em grande medida, tem se estabilizado. Tristemente, no entanto, a discórdia persistente em um punhado de focos de crise continua a ser uma ferida dolorosa no corpo político e um desafio demorado para as decisões do Tribunal Mundial.

Qual é o caráter das regiões de Terralanda? Embora uma pesquisa exaustiva esteja além do escopo deste ensaio, é útil organizar o caleidoscópio de lugares em uma taxonomia manejável de formas sociais. É provável que um viajante do mundo de hoje encontre três tipos de regiões, aqui denominadas *Agória*, *Ecodemia* e *Arcádia*. Essas denominações fantasiosas se baseiam em raízes gregas para evocar o ideal clássico de uma comunidade política – cidadãos ativos, propósito compartilhado e relações sociais justas – que inspira todas as nossas regiões.

Na Atenas antiga, a *ágora* serviu tanto de mercado quanto de centro de vida política; assim, em Agória, o comércio e o consumo figuram de forma proeminente. O neologismo Ecodemia é uma palavra-valise que combina as partes iniciais das palavras economia e democracia; assim, nessas regiões, a democracia econômica é uma prioridade. Arcádia era o lugar bucólico do mito grego; assim, aqui, comunidade local e estilos de vida mais simples são particularmente valorizados.

Deve ser ressaltado que essa trindade de tipos regionais tem como objetivo fornecer um mapa genérico dos lugares de Terralanda. Um exame mais

*Nota de edição: Este ensaio refere-se a demarcações subglobais como “regiões” em fidelidade à nomenclatura recomendada pelo Fórum Mundial sobre Padrões. Embora os tradicionalistas ainda falem em “nações”, o termo evoca uma era passada de guerras interestatais, colonialismo e nativismo que já foi superada historicamente e também deve sê-la linguisticamente.

minucioso revelaria as incontáveis maneiras pelas quais as regiões reais se desviam dessas idealizações. Além disso, regiões maiores, ao invés de serem homogêneas, muitas vezes contêm sub-regiões que variam do padrão dominante (um exemplo impressionante é o Arcadiano, distrito noroeste da agoriana América do Norte). E uma última ressalva: nossa tipologia nítida exclui as poucas zonas voláteis que ainda não estabeleceram uma identidade regional estável.

Mesmo assim, os três arquétipos capturam distinções críticas para a compreensão da estrutura geográfica plural de Terralanda. Agória, com seu estilo de vida e instituições mais convencionais, seria mais reconhecível para um visitante do passado (de fato, alguns críticos radicais menosprezam essas regiões, referindo-se maliciosamente a elas como “Suécia Suprema”). Ecodemia, com seu *ethos* coletivista e economia política socializada, é a que se desvia mais fundamentalmente do capitalismo clássico. Arcádia acentua economias autossuficientes, pequenas empresas, democracia presencial, frugalidade e reverência pela tradição e pela natureza. Na verdade, todos são invenções sociais do fim do século XXI, exclusivas do nosso tempo singular.

O reacionário Instituto de Restauração pediria permissão para discordar. Sua diatribe recente, *A grande imposição*, argumenta que a Comunidade de Terralanda não possui legitimidade histórica, alegando que nossas regiões são meras perversões dos três grandes “ismos” políticos do passado: capitalismo, socialismo e anarquismo. Não surpreende que essa provocação superficial tenha sido energeticamente criticada na mídia popular e execrada por um pequeno exército de estudiosos. A reação é bem merecida, mas deve ser dado ao diabo o que lhe é devido: a tese do Instituto contém uma ponta de verdade. Afinal, a ênfase dada por Agória ao mercado lhe dá uma tonalidade capitalista, a insistência de Ecodemia no primado da propriedade social faz eco ao socialismo clássico e o entusiasmado pequeno-é-belo de Arcádia canaliza a essência da tradição anarquista humanista.

Essas associações ideológicas mascaram tanto quanto revelam. A dedicação de Agória à sustentabilidade, justiça e solidariedade global é de outra ordem que a das mais notáveis democracias sociais do passado (“Suécia x 10” para os entusiastas de Agória). O compromisso de Ecodemia com democracia, direitos e meio ambiente tem pouca semelhança com os experimentos socialistas autocráticos do século XX. As sociedades altamente sofisticadas de Arcádia são participantes entusiastas dos assuntos mundiais e não simples utopias pastorais como as dos antigos sonhadores anarquistas.

A diversidade regional reflete a liberdade de Terralanda e é essencial para sua vitalidade cultural. Mas a ênfase na diferença deveria ser contrabalançada por uma lembrança de características compartilhadas. Comparadas com as nações de um século atrás, quase todas as regiões são socialmente coesas e bem governadas. Todas oferecem aos cidadãos um ambiente saudável, educação universal e assistência médica e segurança material como base para a busca de vidas realizadas. Quase todas estão em paz. Sobretudo, Um Só Mundo vincula

os Muitos Lugares como uma civilização planetária. Somos habitantes regionais com lealdade ao lugar e também cidadãos globais construindo uma comunidade mundial. A experiência estimulante dá uma forma viva à esperança profética de Sócrates: “Eu sou um cidadão, não de Agória, ou Ecodemia, ou Arcádia”.

Governança – O princípio do pluralismo com restrições

Fique claro que o ideal harmonioso de Um Só Mundo, Muitos Lugares deve inevitavelmente desembarcar na realidade discordante da política contenciosa. O maior dilema da Comunidade tem sido o de criar arranjos viáveis para equilibrar os imperativos rivais de responsabilidade global e autonomia regional. Nas primeiras décadas da Fase Planetária, o debate político sobre essa questão, mesmo em círculos progressistas, dividiu-se em antigas dualidades: cosmopolitismo *versus* comunalismo, estatismo *versus* anarquismo, de-cima-para-baixo *versus* de-baixo-para-cima. A solução para superar essas polaridades foi surpreendentemente simples, mas difícil de enxergar por entre as mistificações nacionalistas da Guerra Fria, do Tempo do Hegemon, da Crise em Propagação e da Era da Reforma.

A filosofia política de Terralanda baseia-se nos *princípios do pluralismo com restrições*, composto por três subprincípios complementares: *irreduzibilidade, subsidiariedade e heterogeneidade*. A irreduzibilidade afirma Um Só Mundo: necessária e corretamente, o julgamento de certas questões é reservado ao nível global de governança. A subsidiariedade afirma a centralidade de Muitos Lugares: o alcance da autoridade global irreduzível é bastante limitado e a tomada de decisões é encaminhada para o nível mais local e viável. A heterogeneidade concede às regiões o direito de procurar formas de evolução social em consonância com valores e tradições determinados de modo democrático, limitadas apenas pela obrigação de se adequarem às responsabilidades estabelecidas globalmente.

Os princípios do pluralismo com restrições estão consagrados na Constituição Mundial e poucos os consideram objetáveis. No entanto, o consentimento filosófico pode mascarar demônios ideológicos que espreitam nos detalhes. A aplicação dessa estrutura na esfera política tem sido uma arena de contestação pública (quase sempre pacífica). A questão mais controversa – O que deve ser considerado irreduzivelmente global? – provocou um vaivém entre os campos em luta defendendo ou um Estado mundial mais amarrado ou uma Federação mais descentralizada.

O debate sobre o equilíbrio adequado entre Um Só Mundo, Muitos Lugares não diminuiu, de fato talvez nunca encontre solução. No entanto, um grande consenso estabeleceu o conjunto mínimo de preocupações legítimas e universais que não podem ser efetivamente delegadas às regiões. As “Esferas de Responsabilidade Global” irreduzíveis estão resumidas no quadro 1.

QUADRO 1 — Esferas de Responsabilidade Global

| | |
|------------------|--|
| Direitos | Liberdades civis; participação política; educação; saúde; bem-estar material. |
| Biosfera | Recursos compartilhados; clima; ecossistemas e biodiversidade; abrigos e parques. |
| Segurança | Desarmamento; resolução de disputas; planejamento para emergências; assistência em catástrofes; intervenção humanitária. |
| Economia | Comércio e finanças; comunicações e transportes; ajuda ao desenvolvimento; proteção ao consumidor. |
| Cultura | Exploração espacial; preservação do patrimônio; sistema universitário mundial; propriedade intelectual. |

O pluralismo com restrições é a expressão política concreta do antigo slogan “unidade na diversidade”. O compromisso com a unidade implica que a governança planetária estabeleça “condições-limite” na atividade regional para assegurar a congruência de resultados agregados e objetivos globais. O compromisso com a diversidade impede que as autoridades centrais ditem como essas condições serão atendidas, deixando ampla margem para que as regiões adotem diversas abordagens compatíveis com tradições culturais, preferências valorativas e recursos locais. Por sua vez, cada região contém uma hierarquia de entidades sub-regionais, aninhadas como bonecas *matryoshka* russas, de províncias a povoados; o princípio do pluralismo com restrições aplica-se a cada nível. Em qualquer ponto dessa linha, nosso sistema político delega a tomada de decisões ao nível mais local possível, reservando a autoridade em níveis superiores quando necessário.

No domínio ambiental, a regulamentação da Comunidade sobre as emissões de gases de efeito estufa ilustra a forma como o princípio do pluralismo com restrições funciona na prática. As emissões totais são limitadas globalmente e atribuídas proporcionalmente à população de cada região; para cumprir essas obrigações, as políticas regionais podem acentuar mecanismos de mercado, regulação, inovação tecnológica ou mudanças no estilo de vida. Exemplos abundam na esfera social: o dispositivo do “direito a um padrão digno de vida para todos” da Constituição Mundial é universalmente aplicável, operacionalizado globalmente como conjunto de metas mínimas e, então, implementado regionalmente por estratégias tão diversas como garantia de emprego, programas de assistência social e renda mínima. Finalmente, para citar um exemplo subglobal, as autoridades de bacia hidrográfica estabelecem padrões de qualidade da água e restrições da retirada de água, repartindo obrigações para comunidades ribeirinhas que, por sua vez, respondem com estratégias e políticas localmente determinadas.

Todos os processos de tomada de decisão refletem os princípios centrais de governança da Comunidade de democracia, participação e transparência; qualquer político que tente burlar as regras certamente será responsabilizado por um público vigilante. Fora das esferas oficiais, as redes da sociedade civil trabalham assiduamente para educar os cidadãos, influenciar os tomadores de decisão e monitorar as práticas empresariais e o comportamento governamental – e, quando necessário, organizar protestos. E, é claro, o MGC não desapareceu após os dias gloriosos de 2048. O movimento continua a ser uma força poderosa para desafiar o *status quo* e estimular a mudança, para o desgosto de seus muitos detratores, que consideram seu idealismo radical um incômodo atávico.

A Assembleia Mundial fica no topo da estrutura política formal. É composta por representantes regionais e membros importantes escolhidos por votação popular em eleições mundiais. A representação em colégio único dá voz para a política de Um Só Mundo estimulando a formação de partidos mundiais como contrapeso ao paroquialismo regional. Uma forte representação regional assegura que os “Muitos Lugares” não sejam esquecidos. Juntos, eles constituem salvaguarda eficaz contra a tirania vinda tanto de cima como de baixo.

Nas regiões, as formas de democracia variam, incluindo os sistemas de representação típicos de Agória, os nós do local de trabalho proeminentes em Ecodemia e o envolvimento direto em Arcádia. Em nível local, os encontros presenciais ou reuniões virtuais de conselhos locais são a norma. Em última análise, a vitalidade e a legitimidade de Terralanda vêm do engajamento esclarecido de pessoas comuns, um objetivo poderosamente alavancado pela tecnologia avançada de comunicação que encolhe o espaço psíquico entre organizações políticas e dissolve barreiras da língua. O princípio físico na base do ciberespaço moderno – entrelaçamento quântico – faz eco ao entrelaçamento político do demos global.

Economia

O tamanho da economia mundial quadruplicou desde os primeiros anos do século XXI e a renda média triplicou. Por si só, esse crescimento do *bolo da economia* não seria nada para gabar-se, porque, todos os outros fatores permanecendo iguais, maior produção se correlaciona com maior dano ambiental. O que vale a pena comemorar é que o *bolo* se tornou mais equitativamente compartilhado, à medida que as distribuições de renda se ajustaram, tanto entre as regiões como dentro delas. Todos têm direito a um padrão básico de vida e a pobreza absoluta foi quase erradicada, com as pouquíssimas exceções encontradas em bolsões de disfunção que estão desaparecendo.

Hoje o bem-estar material do cidadão global típico é muito maior do que era na virada do século, quando Terralanda era um proto-Estado falido, habitado por uma minoria obscenamente rica e por bilhões de empobrecidos. É

verdade que, em certos lugares, como a região norte-americana, a renda média é um pouco menor do que era. No entanto, a comparação é enganosa em dois aspectos importantes. Primeiro, naqueles dias, a renda média era elevada em razão da antiga classe dos super-ricos. Em segundo lugar, os antigos PIBs foram inchados pelas transações de mercado (“valor de troca”) que não contribuíram para o bem-estar humano (“valor de uso”), como despesas com Forças Armadas, limpeza ambiental e segurança pessoal. Corrigida por tais fatores, a renda real de uma família típica, na realidade, aumentou ligeiramente.

Em termos mais gerais, o tamanho do mercado (PIB) sempre foi um fraco representante do bem-estar social, embora essa desconexão dificilmente dissuadesse os políticos da pré-Comunidade em fazer do crescimento o princípio e o fim da política pública. Em contrapartida, nossas métricas abrangentes de desenvolvimento, como o Índice de Qualidade de Desenvolvimento (IQD)*, amplamente utilizado, sintetizam múltiplas dimensões da condição humana. Naturalmente, o padrão de vida econômico ainda é importante, mas também o são: qualidade ambiental, coesão da comunidade, participação democrática e direitos humanos, saúde e felicidade. As medidas holísticas confirmam quantitativamente o que a vida cotidiana nos diz intuitivamente: o estado de desenvolvimento mundial nunca foi tão bom e continua a melhorar.

Um *zoom* na escala regional fornece uma visão mais texturizada da variedade de arranjos econômicos. Em Agória, empresas privadas continuam a desempenhar um papel importante e a maior parte do investimento de capital ainda é de propriedade privada. Mas há muito tempo o contrato social das corporações foi repactuado para colocar o propósito social no centro de suas missões e exigir a participação significativa de todas as partes interessadas em suas tomadas de decisões. Além disso, elas operam em um quadro regulatório abrangente, projetado para alinhar o comportamento do negócio às metas sociais, estimular a tecnologia ecológica e convidar as famílias a moderarem o consumismo. Apoiados por valores populares, os governos canalizam as economias de mercado de Agória para a construção de sociedades equitativas, responsáveis e ambientais. A democracia social radical funciona, e funciona bem. (Com transparência total, afirmo que o autor mora satisfeito em um distrito agoriano.)

*Nota de edição: O Índice de Qualidade de Desenvolvimento (IQD) combina subíndices que representam três aspectos fundamentais do desenvolvimento sustentável: bem-estar humano, coesão da comunidade e proteção ambiental. O sub-índice de bem-estar material inclui indicadores de Afluência do Tempo (essencialmente tempo de lazer) e Prosperidade (uma função logarítmica da renda para explicar retornos decrescentes bem documentados ao bem-estar); o subíndice comunitário inclui indicadores de Redução da Pobreza e Coesão social (correlacionados com a disparidade de renda); o sub-índice de meio ambiente inclui indicadores para o Clima e Habitat. Para obter detalhes, consulte o artigo “The Century Ahead: Searching for Sustainability”, de Paul Raskin, Christi Electris e Richard A. Rosen. Disponível em: </www.mdpi.com/journal/sustainability>.

O sistema de “democracia econômica” de Ecodemia assume as mais variadas formas, à medida que muda e evolui em contextos culturais e políticos distintos. A característica comum é a expulsão do capitalista de duas áreas-chave da vida econômica: propriedade de empresa e investimento de capital. Grandes corporações, baseadas em proprietários privados e empregados contratados, foram substituídas por empresas de propriedade de trabalhadores e comunitárias, complementadas por organizações sem fins lucrativos e pequenos negócios altamente regulamentados. Em paralelo, processos socializados de investimento deslocaram os mercados de capitais privados. Bancos de investimento regionais e comunitários, controlados publicamente, determinam como reciclar a poupança social e os fundos de capital gerados por impostos e contam com processos decisórios que incluem ampla oportunidade para a participação da sociedade civil. Tais bancos são obrigados a rever as propostas dos empreendedores que buscam capital e a sujeitar sua aprovação a uma demonstração de que os projetos são financeiramente viáveis e promovem os objetivos sociais e ambientais maiores da sociedade.

Pequenas empresas de propriedade privada constituem a espinha dorsal das economias relativamente independentes de Arcádia. Mas mesmo na terra do pequeno-é-belo, os monopólios naturais, como serviços públicos, portos e transporte de massa, são exceções grande-é-necessário. Com base espiritual no local, Arcádia participa ativamente dos assuntos mundiais e da cultura cosmopolita. Algumas regiões ostentam centros de nível mundial de inovação em tecnologias em escala humana: agricultura ecológica em pequenas fazendas, dispositivos solares modulares, sistemas de transporte em escala humana e muito mais. Arcádia, fervilhando com intensidade artística, dá uma contribuição muito além do esperado para a riqueza cultural de Terralanda. Exportações de produtos e serviços de nicho, juntamente com o ecoturismo, ajudam a suprir as modestas exigências comerciais dessas sociedades relativamente ricas em tempo e de movimentos lentos.

Até agora, ressaltamos o importante papel das corporações em Agória, das cooperativas de propriedade dos trabalhadores em Ecodemia e dos estabelecimentos artesanais em Arcádia. Mas, no lugar de um único modelo, diferentes formas de empreendimento proliferaram em todas as regiões. Certamente, a ecologia organizacional tornou-se muito mais diversificada do que quando era dominada por grandes corporações. Em especial, o número e a relevância das entidades sem fins lucrativos continuaram a aumentar (particularmente em Ecodemia e Arcádia, mas também em Agória), refletindo o desejo das pessoas por um trabalho com propósito e “cultura corporativa” enraizada em uma missão social.

E não nos esqueçamos da “economia popular”, de uso intensivo de mão de obra, que prospera ao lado da base de alta tecnologia, produzindo uma gama estonteante de produtos com alto componente estético e serviços qualificados. Esse mercado informal complementa os rendimentos de muitas famílias, ao mesmo tempo que oferece aos milhares de tipos de artesãos

diferentes saídas para a expressão criativa. A economia popular continua a ser viabilizada e encorajada pelas políticas sociais que promovem “riqueza de tempo”, especialmente diminuindo a jornada de trabalho e assegurando renda mínima. Seu papel certamente crescerá de forma significativa na economia de “estado estacionário” do futuro, enquanto o avanço tecnológico reduz ainda mais as exigências de trabalho da economia formal.

Seja qual for a arquitetura econômica regional, um princípio comum orienta a política: as economias são meios para alcançar fins sociais e ambientais, e não fins em si mesmas. Do mesmo modo, as práticas empresariais responsáveis, codificadas em lei e aplicadas por fortes processos regulatórios, são a norma para todas as empresas. A aprovação de investimentos de capital depende de uma demonstração de compatibilidade com o bem comum, uma determinação feita diretamente pelos bancos públicos em Ecodemia ou indiretamente por mecanismos regulatórios e legais participativos em Agória e Arcádia. Em todos os lugares, a aplicação do “princípio do poluidor-pagador” internaliza os custos ambientais através de impostos ecológicos, licenças negociáveis, padrões e subsídios. Densas redes de organizações da sociedade civil, preparadas para responsabilizar os mal-intencionados, monitoram diligentemente relatórios detalhados de desempenho socioecológico e respondem de forma apropriada.

Comércio mundial

Para o nosso foco regional não dar a ideia errada de que a economia mundial é apenas a soma de suas partes, vale a pena reiterar o papel essencial das instituições globais. As entidades mundiais mobilizam e organizam o fluxo de “fundos de solidariedade” para áreas carentes, implementam projetos de infraestrutura transregional, realizam exploração espacial e oceânica e promovem educação e pesquisa para o bem comum. Além disso, o comércio mundial continua sendo uma característica importante, embora controversa, de nossa economia interdependente.

O quanto de comércio é desejável? Como o sistema deve ser projetado? Alguns poucos pequenos partidos anticomércio defendem a autossuficiência extrema, temendo um retorno ao tempo desacreditado quando o “livre comércio” era equiparado à eficiência e ao desenvolvimento orientado para o crescimento. Mas com pouca probabilidade de que voltemos a confundir dinheiro com progresso, a maioria das pessoas acredita que o comércio governado por regras possa dar contribuições importantes para os valores fundamentais de Terralanda.

Primeiramente, o intercâmbio inter-regional pode aumentar a solidariedade global ao anular os nacionalismos anacrônicos – já se disse que, quando os bens param de atravessar as fronteiras, as balas começam a fazê-lo. Em segundo lugar, ele pode contribuir para a realização individual, dando acesso

a recursos e produtos que não estão disponíveis localmente, enriquecendo assim a experiência humana. Em terceiro lugar, pode propiciar transações boas para ambas as partes, que também reduzam o estresse ambiental: importações de alimentos para áreas de secas, exportações de energia solar dos desertos e exportações de animais das terras onde a pastagem sustentável é viável.

Por essas razões, é forte o consenso de que, em princípio, o comércio teralândês tem um papel legítimo. Mas, na prática, o debate sobre como definir as regras pode ser feroz. O dilema fundamental do comércio mundial persiste: como equilibrar melhor a atração por uma relação econômica aberta com os direitos das localidades de se protegerem do poder desestruturante dos mercados selvagens. Negociações comerciais trazem à tona a tensão entre globalismo e regionalismo, não admitindo solução fácil.

A tendência atual é a formação de um regime comercial circunscrito que procura equilíbrio entre sensibilidades cosmopolitas e comunitárias. Regras estritamente aplicadas proíbem barreiras regionais injustas, especialmente ações que servem apenas para melhorar a posição competitiva dos negócios locais. No entanto, as regras permitem interditar importações que prejudicariam planos e aspirações locais legítimos. De fato, o sistema de resolução de disputas da Comunidade está muito ocupado, mediando o limite nebuloso entre o protecionismo perverso e o virtuoso.

Como ocorre com muitos outros aspectos, a política comercial varia de acordo com as regiões. Agorianos cosmopolitas tendem a apoiá-la, acolhendo a vitalidade econômica e a diversidade de produtos que ela traz. No outro extremo, alguns lugares arcadianos ergueram barreiras muito elevadas às importações. A maioria das regiões se enquadra entre os polos de livre comércio e protecionismo e todos, evidentemente, devem aderir a restrições e regras arbitradas globalmente.

No agregado, o comércio mundial, embora ainda importante, desempenha papel menor do que o fazia no auge da globalização na virada do século. A atenção aos direitos das regiões de protegerem a integridade de seus modelos sociais limitou o escopo para o intercâmbio de mercado. Do mesmo modo, o aumento nos custos de transporte, à medida que os preços dos combustíveis passaram a incorporar plenamente as externalidades ambientais, adicionou uma vantagem econômica ao esforço para a produção mais local. Finalmente, o imposto da Comunidade sobre o intercâmbio de bens e serviços e transações monetárias e financeiras transfronteiriças restringe o comércio enquanto gera receita para programas globais.

O jeito que somos

Até aqui olhamos nossa História, valores, geografia e economia política através de uma lente ampla. Com esse pano de fundo, vamos nos concentrar agora nas dimensões sociais de Terralanda e nas pessoas que aqui vivem.

POVO / A população de Terralanda está estabilizada em pouco menos de 8 bilhões de pessoas. Realmente este número é grande para uma espécie ávida por recursos em um pequeno planeta. Mas o ponto a destacar é que somos muito menos do que a projeção pré-transição de, talvez, 11 bilhões de pessoas até o final deste século. Por qualquer medida, essa foi uma mudança demográfica notável, tornada ainda mais impressionante pelos aumentos acentuados da expectativa média de vida. A juventude, que se beneficiará de novos avanços na ciência biomédica, pode confiar que estará em ótima forma aos 100 anos de idade. E nós, os centenários de hoje, nascidos no início da Grande Transição, temos a intenção de participar da sua próxima fase.

A história da estabilização da população teve um lado sombrio – as décadas de crise e medo que custaram vidas e desencorajaram a procriação – que não deve ser esquecido. Ainda assim, o impulso primário e duradouro tem sido o progresso social generalizado. As mulheres optaram por ter menos filhos em resposta a três fatores interligados: empoderamento feminino, controle de natalidade e eliminação da pobreza. À medida que as meninas e as mulheres obtiveram igualdade de acesso à educação, aos direitos civis e a carreiras, as famílias tornaram-se menores em todos os lugares, reproduzindo um padrão já observado em países ricos da pré-transição. Além disso, os serviços de planejamento familiar levaram opções reprodutivas para os locais mais distantes e isolados e os redutos culturais mais recalcitrantes, eliminando grande parte das gestações indesejadas. Finalmente, a erradicação da pobreza, um pilar central do paradigma do novo desenvolvimento, correlacionou-se com a mudança demográfica, como sempre ocorre.

Terralandeses moram em Agória, Ecodemia e Arcádia em números aproximadamente iguais. As atuais distribuições regionais de população refletem o considerável reassentamento inter-regional (cerca de 10% da população mundial), à medida que as pessoas foram atraídas para lugares aprazíveis nos anos pós-criação da Comunidade. O fluxo agora diminuiu muito, mas um filete de migrantes continua exercendo o direito de se mudar, como cidadãos de Terralanda. Felizmente, os antigos motores de deslocamento – pobreza extrema, desequilíbrio ambiental e conflito armado – desapareceram em grande medida.

Agória tende a ser altamente urbanizada, os arcadianos se aglomeram principalmente em torno de pequenas cidades e Ecodemia exhibe um padrão misto. A “nova visão metropolitana” que guia o design urbano tem o objetivo central de criar uma constelação de bairros que integram casa, trabalho, comércio e lazer. Essa proximidade de atividades fortalece a coesão dessas cidades-dentro-da-cidade, ao mesmo tempo que diminui a infraestrutura e os requisitos energéticos. Para muitos, esses nós urbanos equilibram, idealmente, a proximidade de uma comunidade em escala humana com a intensidade cultural de uma metrópole. Mas outros são seduzidos pela vida rural, um sentimento especialmente poderoso em Arcádia. Seja qual for o cenário, os cidadãos se envolvem ativamente em projetos comuns que promovem o orgulho cultural e um senso de lugar.

As estruturas familiares evoluíram ao longo dos anos para acomodar mudanças nas realidades demográficas, especificamente vidas mais longevas e menos crianças. Naturalmente, o *ethos* socialmente liberal de Terralanda acolhe um espectro de maneiras de conviver, com a ressalva de que a participação não seja coercitiva. A tradicional família nuclear persiste, especialmente em Agória, ajustando-se a papéis altamente fluidos de gênero e cuidados, à medida que as mulheres obtêm o mesmo status em todas as esferas – ou, pelo menos, estão caminhando para isso em culturas tradicionalmente machistas. Arranjos alternativos também proliferam, especialmente as comunidades intencionais de Ecodemia e a mistura de experiências comunitárias de Arcádia. Diversidade nas escolhas de vida, orientação sexual e identidade de gênero é parte integral da idade de tolerância e pluralismo. As abordagens podem variar, mas a prioridade social – cuidar de crianças, idosos e necessitados – é uma constante.

TEMPO / O objetivo central do Novo Paradigma tem sido modelar sociedades que permitem às pessoas levar vidas ricas e realizadas. Esse esforço teve vertentes econômicas e culturais, respectivamente, proporcionando aos cidadãos a oportunidade para essa busca e cultivando sua capacidade de aproveitá-la. Em suas primeiras décadas, a Comunidade se concentrou nas precondições econômicas para garantir padrões de vida seguros e adequados a todos. Esse empenho constante reduziu radicalmente a desigualdade e a pobreza e garantiu uma renda básica, além de proporcionar às pessoas cada vez mais tempo de lazer.

O aspecto cultural de alimentar as potencialidades humanas tem sido mais desafiador e continua sendo um trabalho em andamento; de fato, pode sê-lo para sempre. Ainda assim, nunca tantas pessoas se engajaram tão apaixonadamente nas dimensões intelectual, artística, social, recreativa e espiritual de uma vida bem vivida. A maioria dos terralandeses e quase todos os jovens optam por estilos de vida que unem suficiência material básica com bastante tempo para entrar de cabeça nas dimensões qualitativas de bem-estar. Os poucos que ainda estão fascinados pelo consumismo exibicionista em geral são considerados um tanto ou quanto esteticamente e espiritualmente subevoluídos.

O modo de vida contemporâneo depende da abundância de um bem outrora escasso: tempo livre. Os cidadãos de hoje são altamente “abastados em tempo” em relação a seus antepassados. A semana de trabalho na economia formal geralmente varia entre 12 e 18 horas (mas muito mais para o patologicamente ganancioso). O orçamento de trabalho social – e, portanto, o tempo de trabalho necessário por pessoa – diminui continuamente. A aritmética é simples. Do lado da produção da equação econômica, o progresso tecnológico aumentou a produtividade (a quantidade de bens e serviços produzidos em uma hora de trabalho). Do lado da demanda, estilos de vida de moderação material requerem menos produtos de consumo, e esses produtos são feitos para durar. Além disso, antes proeminentes setores improdutivos, como a propa-

ganda e o complexo militar-industrial, murcharam, reduzindo ainda mais o tempo de trabalho socialmente necessário.

A recompensa desse ciclo virtuoso é uma moeda de duas faces: menos trabalho necessário e mais tempo de livre escolha. Crucial para essa mudança de estilo de vida foi a transformação social, que distribuiu o tempo de trabalho – e, portanto, o tempo livre – de forma equitativa. As bases foram assentadas pelas políticas trabalhistas para assegurar emprego decente ou renda básica para todos, políticas de assistência social para atender às necessidades dos idosos e enfermos e políticas de justiça econômica para reduzir disparidades. Os valores pós-consumistas estimularam a busca por alta qualidade de vida, mas a equidade econômica foi o pré-requisito.

O fim da época de longos trajetos diários para o trabalho também contribuiu para a riqueza de tempo – e saúde ambiental e mental. Para viagens locais, caminhamos, andamos de bicicleta e usamos nossa densa rede de nós de transporte público. Para distâncias mais longas, as redes rápidas de *mag-lev** ligam as comunidades aos polos e os polos às cidades. As estradas congestionadas e o caos dos aeroportos que torturaram nossos avós foram abolidos. As pessoas ainda dirigem, mas com moderação, acessando veículos por acordos de compartilhamento de carro para passeio, emergências e encomendas especiais.

O que as pessoas fazem com seu tempo livre? Muitos artesãos e prestadores de serviços dedicam esforços consideráveis à “economia popular”, intensiva em mão de obra. Mas quase todos reservam amplo espaço de seu dia para empreendimentos não comerciais. A busca por dinheiro está dando lugar ao cultivo de habilidades, aos relacionamentos e à vida da mente e do espírito. Os cínicos de antigamente, que temeram que as massas indolentes desperdiçassem seu tempo livre, permanecem desmentidos. Os humanistas, que falaram de nosso potencial inexplorado para cultivar a arte de viver, eram os clarividentes. Os limites à aspiração e realização humanas, se existem, não estão à vista em lugar algum.

EDUCAÇÃO / Se for verdade que a educação transforma espelhos em janelas, Terralanda está se tornando uma casa de vidro. Entendemos bem as lições da História: uma cidadania informada embasa a verdadeira democracia; pensamento crítico abre mentes fechadas; conhecimento e experiência são os passaportes para uma vida vivida plenamente. Essas convicções abastecem a paixão das pessoas pelo aprendizado e o compromisso da sociedade em oferecer uma experiência educacional rica aos jovens e uma oportunidade generosa para a aprendizagem durante toda a vida.

* Nota de edição: Trens de levitação magnética conseguem atingir altas velocidades, com relativo baixo consumo de energia e pouco ruído.

A missão educacional em todos os níveis se expandiu e mudou durante a transição. Aqui traçamos um perfil da educação superior, uma vez que as universidades contribuíram poderosamente para a Grande Transição, liderando a mudança progressiva nos campos da educação, pesquisa e ação. Nas décadas da pré-transição, as forças de mercado tinham subordinado os objetivos tradicionais da educação humanística às necessidades de pesquisa e treinamento profissional do Estado corporativo. Educadores e estudantes inconformados desafiaram a mudança em direção a uma McUniversidade, mas uma reavaliação e reformas profundas teriam que esperar a reviravolta cultural dos anos 2020.

Empurradas e inspiradas pelo movimento global de cidadãos em erupção, as universidades desempenharam papel vital educando alunos, disseminando conscientização pública e gerando conhecimento para o mundo em transformação. Os currículos básicos começaram a enfatizar grandes sistemas, grandes ideias e uma grande História, conectando assim Cosmologia e História Social com a compreensão da condição contemporânea e realçando o problema do futuro. Preparar os alunos para uma vida de reflexão e de apreciação das artes fundamentou o foco das disciplinas e a preparação vocacional. Programas de ponta capacitaram novas gerações de profissionais da área de sustentabilidade para gerenciar sistemas complexos, e cientistas, humanistas e artistas ávidos por enriquecer a cultura terralandesa.

Paralelamente a essa mudança pedagógica, houve significativa mudança epistemológica que enfatizou o estudo transdisciplinar do caráter e da dinâmica dos sistemas socioecológicos. É desnecessário dizer que todos os antigos campos especializados continuam a prosperar, embora alguns como a Economia e o Direito tenham passado por reconstrução radical. Mas a corrida é ganha não por habitantes de ilhas disciplinares, mas por exploradores de estruturas integradoras de conhecimento. A emoção da aventura intelectual de Terralanda é uma reminiscência da revolução científica desencadeada pela Grande Transição anterior rumo à Idade Moderna. A nova revolução transcende os antigos modelos reducionistas e mecanicistas para colocar o holismo e o vir a ser nas fronteiras da teoria contemporânea.

Não deixemos de mencionar que a nova universidade, além de servir de fonte de ideias e centro de aprendizagem, tornou-se ator importante na transição que se desdobrava fora de seus muros. Especialistas acadêmicos acrescentaram uma perspectiva sistêmica à sua assessoria sobre a transformação para governos e grupos de cidadãos. Uma diversidade de programas públicos promoveu a conscientização sobre os grandes desafios da mudança global. Mais significativamente, as instituições educacionais foram motores de mudança e lugares de ação. Elas ainda o são, pela educação que dão aos líderes, empreendedores sociais e cidadãos ativistas do futuro. A universidade totalmente humanista chegou, realizando sinergicamente uma tripla missão – educação de massa, produção rigorosa de conhecimento e o bem comum – antes pensada como contraditória.

ESPIRITUALIDADE / A transição não deixou intacto nenhum aspecto da cultura, e as formas de religião e prática espiritual não são exceções. Esse é o caminho do mundo: as transformações sociais causam – e, por sua vez, são causadas por – transformações nos sistemas de crença. As Primeiras Civilizações produziram as grandes religiões do mundo, que suplantaram o paganismo com novas compreensões de divindade e propósito humano. Então, a Modernidade ascendente transformou essas poderosas instituições e circunscreveu seu domínio de autoridade, enquanto se adaptavam à separação entre Igreja e Estado, à visão científica do mundo, aos costumes sociais libertários e a uma cultura secularizante.

Quando a Fase Planetária começou a revolver culturas nas décadas próximas à virada do século, correntes decididamente intolerantes permeavam a maioria das religiões, resistindo à Modernidade globalizante. O fundamentalismo surgiu em reação à penetração do capitalismo desestruturante, que dissolveu as consolações da tradição com a duvidosa promessa de um saco de moedas de ouro. No vácuo de significado que se seguiu, o absolutismo religioso irrompeu oferecendo conforto para os perdidos e alívio para os desapontados – e uma bandeira de oposição para os zelosos.

Até hoje, seitas fundamentalistas atávicas ainda praticam seus costumes rígidos e proferem interpretação literal de textos sagrados. Esses pequenos grupos talvez rejeitem os princípios fundamentais de tolerância e pluralismo de Terralanda, mas se beneficiam deles. Seus direitos são estritamente protegidos, sujeitos apenas à proibição da imposição coercitiva de crenças sobre outros. O fundamentalismo do final do século XXI, um curioso retrocesso a uma era menos esclarecida, faz-nos lembrar a intemporal saudade de uma certeza inatingível.

Na corrente geral da Grande Transição, as pessoas estavam ajustando valores e questionando pressupostos. A busca por novas formas do material e do espiritual, e o equilíbrio entre elas, levou muitos para além, tanto do materialismo hedonista como da ortodoxia religiosa. O despertar gerou três tendências centrais: *secularização*, *experimentação* e *reinvenção*.

A prática espiritual organizada encontra menos adeptos à medida que, a cada nova geração, o interesse diminui. Desconfiados da autoridade recebida e dos pressupostos sobrenaturais, mais de nós procuramos fontes de significado e transcendência nas admiráveis maravilhas da arte, da vida e da natureza. Estudiosos discutem os motivos da diminuição do poder de atração da religião institucionalizada (eles vêm discutindo isso desde que a tendência veio à tona na Europa Ocidental e em outros lugares no século XX). É indiscutível que a secularização se correlacionou com a melhoria da educação e a segurança reforçada – e, é claro, com o crescente poder explicativo da ciência natural.

À medida que formas tradicionais encolheram, novos sistemas religiosos proliferaram, alguns inteiramente inventados e outros, como misturas sincréticas de tradições antigas, modernas e da Nova Era. A variedade deslumbrante dessa experimentação reflete o amplo leque de fermentação espiritual e exploração cultural estimulada pela transição. Cada teologia oferece aos seus

discípulos uma metafísica única e, talvez o mais importante, uma comunidade de crenças, rituais e identidade compartilhados. Alguns grupos veneram objetos sagrados ou prestam obediência a líderes espirituais, enquanto aqueles com orientação mais panteísta procuram a experiência direta do divino, muitas vezes por meio da comunhão com a natureza. As novas religiões vêm e vão, metamorfoseando-se à medida que evoluem e se espalham.

Entrementes, as antigas religiões estavam se transmutando e se reinventando como portadores fortes dos valores planetários em que elas têm se transformado. A Grande Transição foi, em boa medida, uma luta pela alma da igreja, mesquita, templo e sinagoga. Até o início do século XXI, vozes proféticas em todas as religiões estavam revirando a doutrina tradicional em busca das raízes da agenda moderna – tolerância, equidade, ecologia, fraternidade – e encontrando prenúncios. À medida que a transição se desenrolava, as vozes se tornaram coros de conjuntos inter-religiosos, espalhando a palavra e marchando nas ruas.

Alguns historiadores fazem pouco dessa “Nova Reforma”, considerando-a um ajuste defensivo às mudanças culturais que ameaçavam tornar obsoletas as teologias reacionárias. Mais do que isso: a renovação religiosa foi o motor primordial do novo consenso cultural. Não tivessem essas instituições à altura da ocasião e tivesse o particularismo prevalecido, estremeceamos ao imaginar quão sombrio o mundo poderia ser agora. Em qualquer caso, as antigas religiões resistem, ainda que em tamanho reduzido, atendendo ao bem-estar de suas congregações e à comunidade mundial em geral.

JUSTIÇA SOCIAL / O impulso igualitário da Grande Transição carregou em seu rastro firme compromisso com a justiça social. Qualquer que seja a medida, Terralanda tornou-se mais equitativa e tolerante do que qualquer país do passado, o fruto da longa campanha para reparar profundas fissuras de privilégio de classe, dominação masculina e intolerância de todos os matizes. O triunfo é real, mas, com o trabalho de melhoria por concluir, é cedo demais para declarar a derrota final do preconceito. Os libertários civis têm razão em advertir sobre os perigos de apatia e retrocesso.

Todavia, a eliminação extraordinária de grotescas disparidades entre ricos e pobres de Terralanda não deve ser minimizada. Particularmente, as distribuições de renda tornaram-se muito mais rigorosas em Terralanda do que no passado: em uma região típica, os 10% mais ricos têm rendimentos de três a cinco vezes maiores que os 10% mais pobres (há um século as proporções nacionais eram de 6 a 20%). O fosso de riqueza entre os-que-têm e os-que-não-têm também foi fechado, aparando tanto do topo quanto da base. Tetos máximos sobre ativos pessoais totais e limites para heranças transformaram o super-rico em uma espécie extinta, enquanto as estruturas fiscais redistributivas e a garantia de um padrão de vida mínimo quase erradicaram a miséria.

A justiça econômica não é mais do que um aspecto da equidade social. Mais amplamente, o princípio ético de que cada pessoa merece igual preocu-

pação moral tem profundas raízes filosóficas. A luta por igualdade de direitos, independentemente de gênero, raça, religião, etnia e orientação sexual, tem longa e árdua história. Os movimentos dos oprimidos e desfavorecidos estiveram na vanguarda, e muitos heróis silenciosos pagaram com suas vidas para que todos pudessem ser livres. O igualitarismo de Terralanda e as distinções de classe atenuadas abriram nova frente nessa luta, dissolvendo estruturas de poder arraigadas, embora por um longo período as elites se agarraram tenazmente aos privilégios. De forma mais significativa, talvez, segurança material universal e acesso à educação reduziram o medo e a ignorância, os principais ingredientes que alimentam a xenofobia e a intolerância.

No nível mais profundo, o *ethos* predominante da solidariedade constitui o alicerce para uma cultura de respeito e cuidado para cada membro da família humana. Por fim, o sonho de plena igualdade está próximo à realização, e nossos vibrantes movimentos por direitos merecem grande parte do crédito. Sem sua persistência e vigilância, esse marco imponente no caminho da evolução social não estaria no horizonte e até agora permaneceria vulnerável à estagnação ou reversão. Preconceito e dominação, os antigos nêmesis da justiça, finalmente, estão em fuga.

MEIO AMBIENTE / Nós somos as “futuras gerações” mencionadas nos panfletos de sustentabilidade de outrora, as que sofreriam as consequências da negligência ambiental. De fato, desde a sua origem, Terralanda enfrentou o terrível legado da biosfera degradada e do clima desestabilizado. A emergência ecológica das primeiras décadas deste século ameaçou remoldar o planeta em um caldeirão borbulhante de ruptura, dor e perda. Felizmente, essa quase calamidade para a civilização despertou as pessoas do mundo para o horrendo perigo de continuarem acomodadas, à deriva, no modo de desenvolvimento convencional e gerou o vibrante ambientalismo, que foi central para o movimento da Grande Transição.

Não satisfeitos em apenas lamentar o tesouro perdido de criaturas e paisagens, ativistas se mobilizaram para proteger e restaurar o que restava, e para colocar nosso planeta danificado no longo caminho da recuperação. A formação e consolidação da Assembleia Global para Ação Integrada (GAIA, em inglês), na década de 2020, foi um marco na criação da poderosa frente unificada para esse esforço. Sua campanha multifacetada – “o equivalente moral da guerra” – tornou-se a principal iniciativa coletiva do início da Comunidade, empenho que continua até hoje.

Uma medida do sucesso da GAIA tem sido o encolhimento significativo da “pegada ecológica humana”, mesmo quando a economia mundial aumentou. Esse desacoplamento marcante entre escala econômica e impacto ambiental foi de importância crucial para atingir e conciliar os objetivos de sustentabilidade ecológica e equidade global. O fator-chave determinante foi a virada na cultura e valores que atenuou o desejo por produtos materiais. A mudança nos

padrões de consumo trouxe a mudança correspondente na estrutura econômica: setores com pequeno impacto sobre o meio ambiente – serviços, artes, saúde, conhecimento – tornaram-se mais prevalentes à custa de indústrias altamente dependentes em recursos naturais.

Paralelamente, uma série de inovações tecnológicas, como a nanotecnologia e a biofabricação, trouxe produtos mais enxutos e duradouros, enquanto crescentes custos do carbono e rápidas melhorias nas energias renováveis e bioaplicações apagaram as luzes da era do combustível fóssil. O “fluxo de resíduos” foi transformado de um rio de efluentes em um fluxo de insumos primários para a indústria. Agricultura ecológica e dietas conscientes são hoje os pilares duplos de nosso sistema de agricultura sustentável. Além disso, aumentaram também técnicas avançadas para a remoção de gás carbônico da atmosfera, através de solos enriquecidos, bioenergia e dispositivos de sequestro e fixação de carbono.

Essas incisivas ações climáticas nos colocaram numa trajetória para alcançar, no futuro previsível, concentrações de carbono atmosférico de 350 ppm, um objetivo anteriormente ridicularizado por “realistas” da virada do século XX. Na verdade, visionários do clima lançaram recentemente a 280.org, uma campanha de cem anos para levar as concentrações de volta aos níveis pré-industriais. No horizonte também estão outros marcos. O uso de água doce está gradualmente chegando ao equilíbrio com recursos hídricos renováveis em quase todos os lugares. À medida que os ecossistemas terrestres e os habitats se recuperam, as espécies estão sendo removidas, uma a uma, da lista de risco de extinção. Os oceanos, o sangue vital da biosfera, estão mais saudáveis do que foram durante décadas, menos ácidos, menos poluídos e lares de uma vida marinha cada vez mais variada.

O projeto de restauração da riqueza, resiliência e estabilidade da biosfera continua sendo vasto empreendimento coletivo cultural e político. As pessoas monitoram indicadores de sustentabilidade tão atentamente quanto resultados esportivos ou previsões do tempo, e quase todas estão ativamente envolvidas em iniciativas comunitárias ou campanhas globais da GAIA. A humanidade entende, finalmente, o imperativo moral e biofísico de cuidar da ecosfera, uma lição duramente aprendida que não será esquecida – as gerações futuras podem estar certas disso. Em nosso tempo, a terra machucada está se curando; um dia, as cicatrizes amargas do passado desaparecerão como o pesadelo de ontem.

Em louvor às gerações passadas

O estado da Comunidade é forte e as perspectivas dos nossos netos são brilhantes. Mas a complacência seria loucura. A tarefa imediata é tratar dos ferimentos persistentes do passado – erradicando os últimos bolsões de pobreza, apaziguando

antigos antagonismos que ainda irrompem em fronteiras em disputa e curando feridas ainda purulentas da natureza. Fortalecer programas educacionais e processos políticos é vital para solidificar os ideais de Terralanda em mentes e instituições. O capital social torna-se a melhor vacina contra o ressurgimento dos mercadores da ganância, demagogos do ódio e de todos os que convocariam os tenebrosos espíritos malignos dos confins do psiquismo humano.

O giro do tempo revelará, sem dúvida, os desafios do século XXII agora em gestação no tecido social contemporâneo. Nesses dias, estamos inundados em ficção especulativa sobre a forma do futuro (ou “cenários analíticos” na terminologia de modeladores sempre ambiciosos). Os ávidos colonizadores espaciais do Movimento Pós-Mundial sonham contatar com uma comunidade de vida cada vez maior. (Aqui, a velha guarda do MGC, observando o trabalho inacabado no planeta natal, excepcionalmente aconselha cautela.) Os otimistas tecnológicos – de maneira arrogante aos olhos de muitos humanistas – preveem a evolução guiada de uma nova espécie pós-hominídea.

Na verdade, a História humana não terminou; no sentido mais pleno, ela acaba de começar. Estamos encarregados do legado inestimável de cem milênios de evolução cultural e luta emancipatória que afrouxou os grilhões de ignorância e privação. Agora – por improvável que talvez pareça – alcançamos o desenlace auspicioso de um século que começou pouco promissor. O drama atemporal da condição humana continua, em triunfo e tragédia, mas quem de nós trocaria o teatro de possibilidade histórica que agora se abre diante de nós?

Como é diferente o vibrante sentido de expectativa que nos rodeia atualmente da trilha sonora agourenta que chacoalhava a juventude dos nossos avôs e avós, quando o mundo derrapava ao toque dos tambores do juízo final rumo à calamidade! Mas aqueles que escutaram, puderam ouvir os acordes da esperança e sentir o crescente ritmo da mudança. A Fase Planetária estava forjando incansavelmente a única comunidade de destino, mas quem daria o tom? Os povos do mundo dançariam juntos ao encontro de um futuro decente?

Victor Hugo observou certa vez que nada é mais poderoso do que uma ideia cujo momento chegou. Na Fase Planetária, a ideia de Um Só Mundo finalmente vingou, mas a realidade não caiu do céu. Levou uns poucos perseverantes a lançarem as sementes, enquanto as condições sociais enriqueciam o solo; o resto, como dizem, é História. Com profunda gratidão, honramos as gerações cruciais da transição que responderam à altura da promessa de Terralanda quando o século ainda era jovem. Vivendo no amanhã de ontem, confirmamos orgulhosamente o que elas puderam apenas imaginar: outro mundo era possível!



EPÍLOGO_
VIAJANTES
AGONISTAS

*De quem tenho que reclamar
senão de mim mesmo?*

John Milton, *Samson Agonistes*

Todas as poderosas forças da História nos colocaram na soleira da Fase Planetária, órfãos com perspectivas duvidosas. Herdamos um mundo contraditório, ao mesmo tempo interdependente e discordante, opulento e miserável, iluminado e vulgar. Fissuras profundas racham a estrada à frente, enquanto oportunidades extraordinárias a pavimentam com esperança. Nosso vasto e compartilhado tesouro de riqueza e *know-how* poderia vencer os antigos flagelos, mas uma cultura de ganância subverte a determinação coletiva de mobilizar meios técnicos para fins morais. Temos todo o necessário para construir a Casa da Terra, mas ainda habitamos uma Torre de Babel.

Em meu país de origem, a “geração grandiosa” atingiu a maioria em um mundo atordoado pela Depressão e devastado pela guerra mundial, mas encontrou força de espírito para ganhar paz e prosperidade. Seus filhos, os da geração *baby boom*, agora envelhecendo, enfrentaram sua própria versão do pior e do melhor dos tempos, nos bipolares anos da década de 1960. A Era de Aquário logo se metamorfoseou na euforia bem diferente da Era do Turbo-capitalismo e, à “paz, amor e compreensão” dos *hippies*, seguiu-se a “ganância é boa” das barracudas. No meio da ruidosa celebração de Mamom, os Quatro Cavaleiros do Apocalipse modernos – degradação ecológica, polarização social, crise econômica e terrorismo fundamentalista – cavalgavam furtivos para seu encontro com as crianças de um novo século.

O que nos aguarda adiante? Nossa exploração da paisagem do futuro não nos trouxe conforto e certeza, mas apenas indicações do bom, do mal e do feio. Encontramos razões para desmascarar o falso deus da moderação que nos convida a segui-lo passivamente pelo mau caminho para a Barbarização. Mais promissora foi a descoberta de que uma Grande Transição, de um mundo atribulado para uma próspera civilização planetária, era tecnicamente viável e socialmente imaginável – se os cidadãos globais se levantarem para fazê-lo assim. Esses *insights* rivais – o mundo anda a toda pela estrada errada, mas outro mundo é possível – provocam, no psiquismo contemporâneo, uma mistura esquizofrênica de desespero e esperança.

Em muitos aspectos, vivemos em tempos exaustos. Uma alarmante sucessão de crises e notícias do pior por vir perturbam a serenidade dos desocupados e enlouquecem os que estão por um fio. Uma cultura de apreensão pode descartar a esperança como sentimento ingênuo que serve para Pollyannas que veem tudo cor-de-rosa ou para alienados que nem sequer olham. Mesmo analistas e futuristas profissionais, pelo menos aqueles com temperamentos dispépticos, não estão imunes ao humor cada vez mais sombrio. Mas a verdade é que ninguém pode saber o suficiente para ser um pessimista rigoroso ou um otimista empedernido, se é que ainda existe algum. Com a roda da mudança global ainda girando, profetas da desgraça falam antes da hora e com convicção ilusória. Cinismo enfatiado e seu contrário, ingênua equanimidade, não ajudam; ambos aprisionam a imaginação e travam a ação.

Profecias lúgubres subestimam uma fonte-chave de surpresa cultural: a capacidade humana de refletir. Quando pensamos criticamente sobre por que

pensamos e agimos da forma como o fazemos, e isto nos leva a pensar e agir de maneira diferente, nós nos transformamos e mudamos o nosso destino. Previsão e intencionalidade, a essência do livre arbítrio, quando exercidas coletivamente, alargam a fronteira do possível. Imaginar o que poderia ser, refletir sobre como chegar lá e agir como se fosse importante dotam a marcha cega da História de alma e visão. Em última análise, premonições distópicas não podem ser refutadas pela lógica, apenas desafiadas pelo espírito e negadas na prática.

Uma proposição central fundamenta a *hipótese da esperança*: as mesmas forças que impulsionam a emergência global também estão assentando as bases para transcendê-la. Justamente quando a calamidade é iminente, os tempos estão combinando o que “deveria ser” com o que “é”, princípios éticos e preocupações prudentes para a sobrevivência. A Fase Planetária estica a malha objetiva de instituições e a esfera subjetiva da consciência, embutindo o *ethos* etéreo da solidariedade humana e ecológica nos tijolos e na argamassa dos riscos compartilhados e futuros comuns. A erosão das fronteiras, tanto nos mapas como dentro das mentes, revitaliza a antiga ideia de comunidade universal como um projeto urgente no mundo real. Avivar a chama cosmopolita que nasce por toda a paisagem cultural pode dinamizar a regeneração social.

Neste momento, Terralanda anda trôpega rumo ao futuro como uma mistura complexa de tendências em disputa. O desenvolvimento e a homogeneização cultural liderados pelas corporações impulsionam em direção ao cenário de Forças de Mercado. Os esforços dominantes para civilizar a globalização empurram para o cenário das Reforma de Políticas. O antagonismo social e a degradação ambiental são presságios de Barbarização. Consciência global, experimentação cultural e lutas populares por paz, justiça e sustentabilidade clamam por uma Grande Transição. Que tendência predominará? Como o destino é inseparável da jornada, a única resposta válida é que isso depende de nós e de como nós, os viajantes, respondemos ao longo do caminho.

A Grande Transição, após seu período de gestação, pode desabrochar rapidamente em um turbilhão de mudanças. À medida que normas dominantes perdem sua hegemonia e elementos e estruturas do sistema começam a romper-se, o momento revolucionário surge. Se estiverem bem preparados, movimentos de oposição e visionários podem influenciar a anatomia do tipo de Terralanda que emergirá do tumulto. Mais importante, para manter em aberto opções progressistas, são decisivas as escolhas que fazemos e as ações que empreendemos agora, antes que as catástrofes irrompam, as antigas instituições desmoronem e as novas se solidifiquem. Essa notícia pode ser desanimadora, reconfortante ou inspiradora, mas não pode ser ignorada, porque isso também seria uma escolha.

Esse desafio histórico testará nossa coragem de espécie humana. Enquanto as macrotransformações do passado foram assuntos lentos, locais e egoístas, a macrotransformação atual precisa desdobrar-se em poucas décadas, abranger o mundo e abraçar o bem-estar de desconhecidos e a comunidade da vida. Nossa

tarefa urgente é dar forma a uma adequada práxis planetária e organizar um movimento global para levá-la adiante. Agora, mais do que nunca, precisamos de visionários pragmáticos para dar o exemplo, combinando idealismo e realismo e, assim, perscrutando a fonte da esperança com rigor científico.

A hora da escolha nos chega rapidamente e o futuro é nosso para ganhar ou perder. Podemos mergulhar à deriva cada vez mais profundamente no redemoinho, cínicos e medrosos demais para agarrar a promessa. Ou podemos, com vigor e visão, escrever a História deste século XXI na linguagem do humanismo e da sustentabilidade. O desejo de uma civilização planetária orgânica se estende diante de nós como possibilidade e exigência. Talvez nunca consigamos alcançar aquela Costa distante, mas o que mais importa é imaginar seus contornos e viajar em sua direção. A busca por uma Terralanda civilizada nos chama; e a própria jornada é nossa recompensa e privilégio.

NOTAS

1 A produção de conhecimento que visa situar o mundo contemporâneo em uma cronologia cosmológica tem se tornado uma espécie de indústria caseira, enfatizando a história humana, a ciência física ou a espiritualidade. Veja, respectivamente, David Christian, *Maps of Time: An Introduction to Big History* (Berkeley: University of California Press, 2004); Eric Chaisson, *Epic of Evolution: Seven Ages of the Cosmos* (New York: Columbia University Press, 2005); e Brian Swimme e Mary Evelyn Tucker, *Journey of the Universe* (New Haven, CT: Yale University Press, 2011).

2 O marco macro-histórico foi introduzido inicialmente na pré-sequência deste ensaio: Paul Raskin, Tariq Banuri, Gilberto Gallopín, Pablo Gutman, Allen Hammond, Robert Kates e Rob Swart, *Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead* (Boston: Tellus Institute, 2002), <http://www.tellus.org/tellus/publication/great-transition-the-promise-and-lure-of-the-time-ahead>.

3 A compreensão da ação humana como força geológica data de, ao menos, a década de 1920, e o trabalho, na União Soviética, de V. I. Vernadsky e outros. Veja a discussão em John Bellamy Foster, “Marxism and Ecology: Common Fonts of a Great Transition”, *Great Transition Initiative* (Outubro de 2015):

5, http://www.greattransition.org/images/GTI_publications/Foster-Marxism-and-Ecology.pdf.

A formulação contemporânea do Antropoceno deriva de Paul Crutzen e Eugene Stoermer, “The ‘Anthropocene’”, *Global Change Newsletter* 41 (2000): 17-18 e Paul Crutzen, “Geology of Mankind”, *Nature* 415 (January 2002): 23. Sobre o Econoceno e Capitaloceno, veja, respectivamente, Richard Norgaard, “The Church of Economism and Its Discontents”, *Great Transition Initiative* (Dezembro de 2015),

<http://www.greattransition.org/publication/the-church-of-economism-and-its-discontents>, e Jason Moore, ed., *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History and the Crisis of Capitalism* (Oakland, CA: PM Press, 2016).

4 O Índice Gini, uma medida-padrão de desigualdade que varia de 0 (perfeita igualdade) até 100 (perfeita desigualdade), é estimado em um pouco mais que 50 para o Brasil. Veja Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento do Banco Mundial, “GINI Index (World Bank Estimates)” [acessado em 21 de Dezembro de 2015], <http://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?locations=BR>). O mesmo índice é estimado em quase 70 para o mundo considerado como se fosse um único país (Branco Milanovic, “Global Inequality: From Class to Location, from Proletarians to Migrants”, *Global Policy* 3 [2012]: 125-134). Dados para a fome em 2015 vêm de World Hunger and Poverty Facts and Statistics (<http://www.worldhunger.org/>). Sobre US\$5 por dia como renda mínima suficiente, veja UNCTAD, *Growth and Poverty Eradication: Why Addressing Inequality Matters* (New York: United Nations, 2013), http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/presspb2013d4_en.pdf. Para o número de pessoas vivendo abaixo desse padrão, veja “Number of poor at \$5 a day”, https://www.quandl.com/data/WPOV/LMY_SI_POV_NOP5-Number-of-poor-at-5-a-day-PPP-millions-Low-middle-income. Para as proporções da riqueza nas mãos dos mais ricos do mundo, veja Deborah Hardoon, Ricardo Fuentes-Nieva e Sophia Ayele, *The Economy for the 1%: How Privilege and Power in the Economy Drive Extreme Inequality and How This Can Be Stopped* (Oxford, UK: Oxfam International, 2016), <https://www.oxfam.org/en/research/economy-1>.

5 A recente literatura futurista transborda com prenúncios de crises massivas. Veja *inter alia*, William Halal e Michael Marien, “Global Megacrisis: A Survey of Four Scenarios on a Pessimism-Optimism Axis”, *Journal of Futures Studies* 16, n. 2 (dezembro de 2011): 65-84.

6 Paul Raskin, “World Lines: A Framework for Exploring Global Pathways”, *Ecological Economics* 65, n. 3 (abril de 2008): 451-470.

7 Formulada primeiramente pelo Global Scenario Group (e resumido em Raskin et al., *Great Transition*), essa estrutura de cenários tem sido muito utilizada em estudos de futuros integrados e servido de modelo integrador para sínteses de uma gama de exercícios em cenários globais. Veja Dexter Hunt et al., “Scenario Archetypes: Converging Rather than Diverging Themes”, *Sustainability* 4, n. 4 (2012): 740-772, <http://www.mdpi.com/2071-1050/4/4/740/htm> e Paul Raskin, “Global Scenarios: Background Review for the Millennium Ecosystem Assessment”, *Ecosystems* 8 (2005): 133-142.

8 A maioria dos cenários projetados baseados em modelos pressupõe implicitamente a persistência de atores sociais convencionais, limitando dessa maneira o escopo de sua narrativa a uma estreita faixa de cenários do mesmo modelo de desenvolvimento. Os tratados futuristas descolados e a ficção científica rompem com tais visões ortodoxas, frequentemente introduzindo uma tecnologia que arrasa (literal e popularmente) uma civilização alienígena ou *outro deus ex machina*. Afora isso, jogam pouca luz sobre as maneiras como agentes sociais históricos e emergentes poderão moldar o século XXI.

9 A ascendência das corporações transnacionais já foi bem documentada. Veja, por exemplo, Peter Dickens, *Global Shift: Mapping the Changing Contours of the World Economy*, 7ª ed. (New York: Guilford, 2015) e William Robinson, *Global Capitalism and the Crisis of Humanity* (New York: Cambridge University Press, 2014).

10 A frase “planetizar nosso movimento” vem de Martin Luther King, Jr., *The Trumpet of Conscience* (Boston: Beacon Press, 2010), 66.

11 Paul Raskin, Christi Electris e Richard Rosen, “The Century Ahead: Searching for Sustainability”, *Sustainability* 2, n. 8 (2010): 2626-2651, <http://www.mdpi.com/2071-1050/2/8/2626>, relata os resultados de simulações em modelagens que mostram ser tecnicamente viável alcançar objetivos ambientais e sociais fortes dentro de um marco institucional da Reforma de Políticas. Veja também R.A. Roehrl, *Sustainable Development Scenarios for Rio+20* (New York: United Nations Department of Economic and Social Affairs, Division for Sustainable Development, 2013) e Mark Jacobson e Mark Delucchi, “Providing All Global Energy with Wind, Water e Solar Power, Part 1: Technologies, Energy Resources, Quantities and Areas of Infrastructure, and Materials”, *Energy Policy* 39 (2011): 1154-1169.

12 Esses esboços são baseados em quantificações de cenários globais realizados durante um quarto de século. Enraizados em dados detalhados nacionais, as simulações são depois desagregadas por onze regiões globais e rastreiam padrões demográficos, econômicos, sociais, de recursos e ambientais em considerável detalhe. O exercício é resumido em Raskin et al., “The Century Ahead”, e os resultados são expostos em <http://www.tellus.org/integrated-scenarios/quantitative-simulations>.

13 A projeção de médio prazo feita pelas Nações Unidas alcança 11,2 bilhões até 2100 (UN Department of Economic and Social Affairs, *World Population Prospects: The 2015 Revision, Key Findings & Advance Tables* [New York: United Nations, 2015], https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/key_findings_wpp_2015.pdf); outros projetam crescimento um pouco mais lento, por exemplo, Wolfgang Lutz, William Butz e Samir KC, eds., *World Population & Human Capital in the Twenty-First Century* (Oxford: Oxford University Press, 2014).

14 Michael Gerst, Paul Raskin e Johan Rockström, “Contours of a Resilient Global Future”, *Sustainability* 6, n. 1 (2014): 123-135, <http://www.mdpi.com/2071-1050/6/1/123>. O artigo citado liga duas vertentes de pesquisa quantitativa: os cenários globais (Raskin et al., “The Century Ahead”) e a abordagem emergente de “limites planetários” (Johan Rockström et al., “A Safe Operating Space for Humanity”, *Nature* 461 [September 2009]: 472-475). Por um lado, a síntese deixa mais claros os riscos biofísicos dos cenários alternativos; e, por outro, ilumina as forças que impulsionam mudanças no sistema Terra.

15 Nas últimas décadas, a literatura de estudiosos da cidadania global tem crescido em sincronia

com o mundo em globalização. Por exemplo, Derek Heater apresenta um panorama majestoso, incluindo a ideia de “círculos concêntricos” de identidade, em *World Citizenship: Cosmopolitan Thinking and Its Opponents* (London: Continuum, 2002). Veja também Bart Van Steenberg, ed., *The Condition of Citizenship* (London: Sage, 1994) e Nigel Dower e John Williams, eds., *Global Citizenship: A Critical Introduction* (New York: Routledge, 2002).

16 Em meados do século XX, Lewis Mumford, Arnold Toynbee, Pierre Teilhard de Chardin e outros trouxeram a paixão e a erudição para o projeto de reimaginar a civilização mundial, chamando cada um, no seu registro cultural e político particular, para uma mudança transformadora. Embora o tom apocalíptico possa ser estridente aos ouvidos contemporâneos, esse trabalho continua de pé como um indicador de caminhos na busca por uma ordem mundial civilizada.

17 Thomas Humphrey Marshall, *Citizenship and Social Class* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1950).

18 A frase apropriada vem do filósofo político Richard Falk, nas suas *Explorations at the Edge of Time: The Prospects for World Order* (Philadelphia: Temple University Press, 1992).

19 Em *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (London: Verso, 1983), Benedict Anderson situa a cristalização da ideia nacional na transição maior para a Modernidade e a associa com as revoluções na ciência e nas comunicações (tais como a imprensa escrita). Os Estados-nação substituíram ordens sociais anacrônicas governadas por líderes que alegavam dispensação divina, mas agora, por sua vez, estão deslegitimados, abrindo espaço para imaginar Terralanda, a comunidade sucessora.

20 Sidney Tarrow, *Power in Movement: Social Movements and Contentious Politics* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998). Tarrow nota que os três fatores têm antecedentes na literatura do movimento clássico: a ênfase de Marx sobre a crise estrutural, a de Lenin sobre a liderança da vanguarda e a de Gramsci sobre a cultura de oposição.

21 John McCarthy, “The Globalization of Social Movement Theory”, em Jackie Smith, Charles Chatfield e Ron Pagnucco, eds., *Transnational Social Movements and Global Politics: Solidarity Beyond the State* (Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1997), 234-259.

22 Título do fácil mas influente hino, de Paul Hawken, à espontaneidade de baixo para cima (New York: Viking Press, 2007).

AGRADECIMENTOS

Minha própria jornada de descoberta teria atolado quilômetros atrás, não tivesse eu tido a boa fortuna de encontrar no caminho um bando extraordinário de companheiros de viagem com ideias semelhantes às minhas. Os ventos de mudança global nos uniram, vindos de todas as regiões e disciplinas, numa diversidade que prefigura a civilização policromática que vislumbramos. Esses colegas, camaradas e caros amigos são centenas – demasiados, infelizmente, para serem nomeados individualmente sem inchar excessivamente este livro fininho. Eles sabem quem são: os participantes do PoleStar Project desde 1990; o Global Scenario Group (1995-2002); as muitas centenas da Great Transition Network, desde 2003; os participantes da oficina de 2014, que ajudou a dar forma a esta sequência; e por último, mas não menos importante, os companheiros e a equipe presente e passada do Tellus Institute.

No entanto, quero agradecer enfaticamente a vários confrades, citando-os. O saudoso Gordon Goodman – nos distantes anos 1980, quando ele (e eu, em menor grau) trabalhava no relatório da Comissão Brundtland, Nosso Futuro Comum – me inspirou a olhar para além dos parâmetros estreitos do relatório e enxergar uma crítica e visão sistêmicas. Dois outros amigos e colaboradores de longa data – e neologistas! – merecem menção especial. Gilberto Gallopín, um pensador de grandes sistemas, como não existe outro, surgiu com o termo exato – a Fase Planetária da Civilização – para nossa época histórica *sui generis*. O estudioso e visionário Tariq Banuri, na sua maneira tipicamente lírica, cunhou o termo Earthland para um mundo em processo de tornar-se parecido com um só país. “A pena do poeta... a essa coisa nenhuma, aérea e vácuca, empresta nome e fixa lugar certo”, escreveu o bardo.

Em 2002, Gilberto e Tariq, junto com Pablo Gutman, Al Hammond, Robert Kates e Rob Swart, uniram-se a mim na coautoria da pré-sequência desta obra, *Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead*, que tem encontrado público leitor amplo e ainda permanece como placa de sinalização na estrada.

Agradeço aos vinte leitores das versões anteriores do manuscrito e, especialmente, a Jonathan Cohn, Steve Kern, Pamela Pezzati e Gus Speth por sua edição minuciosa e pelo feedback profundo.

Se eu tiver feito justiça à história da jornada (e isso requer uma aldeia global), muitos créditos vão para esses companheiros viajantes. É desnecessário dizer que apenas o autor é responsável por quaisquer deficiências de análise ou oclusões de visão. Uma última palavra é lançada a você que está viajando numa direção paralela, com a esperança de que nossos caminhos convirjam na ampla estrada à frente.

ÍNDICE REMISSIVO

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|---------------------|----------------------------|---|
| Agória | descrição de | 74 - 76 |
| | economia em | 78 - 81 |
| | governança em | 76 - 78 |
| | origem do nome | 74 |
| | população de | 83 - 84 |
| | comércio em | 81 - 82 |
| Arcádia | descrição de | 74 - 76 |
| | economia em | 78 - 81 |
| | governança em | 76 - 78 |
| | origem do nome | 74 |
| | população de | 83 - 84 |
| | comércio em | 81 - 82 |
| Barbarização | | 11, 29 , 30, 38 - 42, 58, 94, 95 |
| Colapso | | 28, 30, 31, 33 |
| Capitalismo | agentes de mudança no | 35 |
| | vácuo de governança | 63 - 64 |
| | em Terralanda | 75 |
| | Reforma de Políticas e | 30, 33, 38 - 42, 44, 48 - 49, 69, 70, 95, 98 |
| | economias pós-capitalistas | 48 |
| | papel na Modernidade | 24 |
| | papel na Fase Planetária | 25 |
| | valores e | 46, 48 |
| sociedade civil | como agente de mudança | 33 |
| | globalização de | 22 - 23, 25, 58, 61, 68 |
| | em Terralanda | 78, 80-81 |
| | em Mundos Fortaleza | 42 |
| | em Reforma de Políticas | 39 - 40 |
| mudanças climáticas | carreira do autor e | 10 - 12 |
| | interdependência global e | 11, 22 - 23, 27 |
| | impactos de | 28, 52 - 55 |
| | mitigação de | 52, 69 - 70, 77, 90 |
| | papel em crise sistêmica | 28, 30 - 31, 42 - 43, 69 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|---------------------------------------|--------------------------------------|---|
| ação coletiva | | 12, 15, 29, 44, 55, 62 - 65 |
| pluralismo com restrições | | 76 - 77 |
| consumismo | | 20 - 21, 27, 31, 44, 46, 50, 68, 71, 79 |
| Mundos Convencionais | descrição de | 29 - 30 |
| | limites de | 45 |
| | perigos de | 38 - 39 |
| corporações | em Agória | 79 |
| | em Ecodemia | 79 |
| | influência em governança | 60 - 61 |
| | insuficiência como agente de mudança | 33 - 34 |
| | papel em globalização | 22 - 23, 25 - 26, 68, 95 |
| | papel em Forças de Mercado | 33 |
| | papel em Reforma de Políticas | 39, 41 |
| cosmopolitismo | como identidade | 24, 31, 60 - 61 |
| | aspirações | 14 - 15, 95 |
| | cultura e | 11, 80 |
| | necessidade de | 46 |
| | resistência a | 23, 58 - 59 |
| | ascensão de | 22 - 23, 25, 58 - 61 |
| | versus comunalismo | 76, 82 |
| Declaração de Interdependência | | 69, 72 |
| democracia | democracia econômica | 74, 80 |
| | educação e | 85 |
| | em um MGC | 63 - 64 |
| | em Terralanda | 76 - 78 |
| | Modernidade e | 24 |
| | democracia planetária | 61 |
| | disseminação de | 59 |
| Carta da Terra | | 64, 72 |
| Terralanda | como Estado falido | 27 |
| | agentes de mudança em | 34 - 35 |
| | Comunidade de | 70 |
| | economia em | 78 - 81 |
| | educação em | 85 - 86 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|----------------------------|-------------------------|--|
| | Meio ambiente em | 89 - 90 |
| | cidadania global em | 72 - 76 |
| | governança em | 76 - 78 |
| | história de | 67 - 70 |
| | ideia de | 11 - 12, 17 - 18, 24 - 25 |
| | população de | 82 - 84 |
| | regiões de | 73 - 75 |
| | religião em | 87 - 88 |
| | cenários e | 29 - 30 |
| | justiça social em | 88 - 89 |
| | riqueza de tempo em | 84 - 85 |
| | comércio em | 81 - 82 |
| | valores em | 71 - 72 |
| Cúpula da Terra | | 38, 72 |
| Eco-comunalismo | | 30, 31 |
| Ecodemia | descrição de | 74 - 76 |
| | economia em | 79 - 80 |
| | governança em | 78 |
| | origem do nome | 74 |
| | população de | 83 - 84 |
| Economia | crescimento econômico | 20 - 21, 24 - 25, 27, 38 - 39, 46, 50, 54, 78 - 79, 81 |
| | PIB | 49 - 50, 71 - 72, 78 - 79 |
| | globalização de | 22 - 23, 31 - 33, 40, 46 |
| | em uma GT | 49 - 50 |
| | em Terralanda | 78 - 81 |
| | em Mundo Fortaleza | 42 |
| | em Forças de Mercado | 31 - 33 |
| | em Reforma de Políticas | 39 |
| | periodização de | 20 |
| educação | | 85 - 86 |
| energia | agricultura e | 90 |
| | carreira do autor e | 10 - 12 |
| | mudanças climáticas e | 52 - 53 |
| | demanda em cenários | 52 - 55 |
| | crescimento econômico e | 27 - 28, 52 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|--|-------------------------------|--|
| meio ambiente | Antropoceno | 23 |
| | trabalho do autor e | 10 - 12 |
| | biodiversidade | 18 - 19, 26, 47 - 48, 54 - 55, 71 - 72, 90 |
| | Capitaloceno | 23 |
| | Econoceno | 23 |
| | perda de habitat | 18 - 19, 27 - 28, 52 - 53 |
| | em Terralanda | 89 - 90 |
| | limites planetários | 54 - 57 |
| | projeções de cenários | 48 - 55 |
| Comida e agricultura | terra cultivável | 25, 28 |
| | colheitas necessárias | 52 - 53 |
| | dieta | 52 - 53, 90 |
| | agricultura ecológica | 52 - 53, 80, 90 |
| | escassez de alimentos | 28, 42 - 43 |
| | importações e comércio | 81 - 82 |
| | em cenários | 52 - 53 |
| Mundos Fortaleza | agentes de mudança em | 33 - 34 |
| | descrição de | 30 - 31 |
| | retrospectiva | 42 - 44 |
| água doce | carreira do autor e | 10 - 12 |
| | demanda por | 77, 81 - 82 |
| | em cenários | 53 - 54 |
| | limites de | 25, 28 |
| | qualidade de | 77 |
| | uso sustentável | 90 |
| | poluição da água | 25 |
| Assembleia Global para Ação Integrada (GAIA) | | 89-90 |
| cidadania global | | 56 - 61, 72 - 73 |
| Movimento Global de Cidadãos | descrição de | 63 - 65 |
| | surgimento de | 69 |
| | em Terralanda | 78, 90 - 91 |
| | política de confiança | 64 - 65, 73 |
| | papel numa GT | 34 - 35 |
| | papel em Reforma de Políticas | 41, 70 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|------------------------------|-------------------------------------|------------------------|
| governança | pluralismo com restrições | 76 - 78 |
| | crescimento da governança global | 22 - 23, 30 - 31 |
| | em Terralanda | 76 - 78 |
| | em Reforma de Políticas | 38, 70 |
| | necessidade de governança global | 27, 46 |
| Grandes Transições | agentes de mudança em | 33 - 34 |
| | mitigação de mudanças climáticas em | 51 - 52 |
| | colheitas necessárias em | 52 - 53 |
| | descrição de | 29 - 30 |
| | economia em | 49 - 50 |
| | demanda por energia em | 51 - 52 |
| | uso de água doce em | 54 - 55 |
| | proteção de habitat em | 54 |
| | limites planetários e | 55 - 57 |
| | plausibilidade de | 46 |
| | população em | 49 |
| | erradicação de pobreza em | 50 - 51 |
| | relação com Reforma de Políticas | 44 - 45, 48 |
| | papel do MGC | 34 - 35 |
| | bem-estar em | 49 - 50 |
| hipótese da esperança | | 95 |
| desigualdade | | 27, 46, 49, 63, 84, 97 |
| localismo | | 31, 73 |
| Forças de Mercado | | 95 |
| | agentes de mudança em | 33 |
| | mitigação de mudanças climáticas em | 51 - 52 |
| | colheitas necessárias em | 52 - 53 |
| | descrição de | 30 |
| | economia em | 49 - 50 |
| | demanda energética em | 51 - 52 |
| | uso de água doce em | 54 - 55 |
| | perda de habitat em | 54 |
| | perigos de | 38, 44 - 45 |
| | limites planetários e | 55 |
| | pobreza em | 50 - 51 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|---------------------------------------|----------------------------------|------------------|
| Modernidade | degradação ecológica e | 24 - 25 |
| | ideais de | 73 - 74 |
| | macrotransformações | 20 - 22 |
| | múltiplos caminhos para | 74 |
| | Estado-nação e | 34 - 35 |
| | relação com a Fase Planetária | 24, 25 - 26, 46 |
| | religião e | 87 |
| | ascensão de | 34, 87 |
| | difusão de | 73 |
| | crise estrutural de | 20 - 21 |
| Estado-nação | e ação coletiva | 44 - 45 |
| | nacionalismo como anacronismo | 81 |
| | nacionalismo como identidade | 25, 61, 72 |
| | ordem do Estado-nação | 61 |
| | ascensão de | 34 - 35, 61 |
| | soberania de | 23, 39, 46 |
| | xenofobia | 27 - 28, 43, 70 |
| Nova Ordem Mundial | | 43, 70 |
| Novo Acordo Global | | 33, 39 - 40, 70 |
| Novo Paradigma | | 30 - 31 |
| Fase Planetária da Civilização | descrição de | 22 - 23 |
| | cidadania global e | 59 - 61 |
| | governança e | 72 |
| | introdução do termo | 10 - 12 |
| | limites do Estado-nação em | 61 |
| | origens de | 24 - 26, 68 - 69 |
| | periodização de | 20 - 22, 68 - 70 |
| | possibilidade de uma GT | 46 |
| | possibilidade de crise sistêmica | 28 - 29 |
| | relação com o MGC | 34 - 35, 58 |
| Reforma de Políticas | agentes de mudança em | 33 |
| | descrição de | 30 |
| | história de | 38 |
| | limites de | 29 |
| | relação com a GT | 44 - 45 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|--|---------------------------|---|
| | retrospectiva | 40 - 41 |
| | papel em Terralanda | 69 - 70, 95 |
| população | em Terralanda | 82 - 83 |
| | em cenários | 49 |
| | estabilização de | 49 - 50, 82 - 83 |
| pobreza | meio ambiente e | 27 - 28 |
| | em cenários | 30, 39, 43 - 44, 49, 50 - 51 |
| | solidariedade e | 48 |
| religião | como falsa panaceia | 13 |
| | em Terralanda | 87 - 88 |
| | Modernidade e | 24 |
| | raízes da solidariedade | 71 |
| | secularização | 87 |
| Crise em Propagação | | 40 - 42, 68 - 69, 76 |
| abordagem de cenários | | 29 - 30, 40 - 45, 48 - 55 |
| sistema socioecológico | | 10 - 11, 22, 23, 28, 38, 40, 42 - 43, 49, 68, 80 - 81, 86 |
| socialismo | impulso igualitário | 34 |
| | em Ecodemia | 75, 80 |
| | democracia social | 41, 70 |
| | União Soviética | 25, 73 |
| justiça social | | 88 - 89 |
| movimentos sociais | atributos de | 62 - 63 |
| | problema da ação coletiva | 63 |
| | história de | 62 |
| desenvolvimento não sustentável | Agenda 21 | 72 |
| | trabalho do autor e | 10 - 12 |
| | educação e | 86 |
| | MGC e | 69 |
| | projeções de GT | 48 - 55 |
| | em Terralanda | 89 - 90 |
| | Reforma de Políticas e | 33 - 34, 38 - 41, 69 |
| | qualidade de vida | 48, 49 - 50, 63 - 64, 71, 84 - 85 |
| | valores e | 47 - 48 |
| tecnologia | comunicação | 23, 25, 78 |
| | globalização e | 23 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|--|---|---|
| | tecnologia verde | 49, 77, 79 - 80, 90 |
| | tecnologia da informação | 20 - 21 |
| | internet | 27, 41, 63 - 64 |
| | mão de obra e | 80 - 81 |
| | Modernidade e | 24 |
| | periodização e | 20 |
| | produtividade e | 84 - 85 |
| | papel em Reforma de Políticas | 39, 40, 48 |
| | mudança social e | 20 |
| | otimismo tecnológico | 90 - 91 |
| terrorismo | ciberterrorismo | 25 |
| | terrorismo fundamentalista | 94 |
| | interdependência global e | 10 - 11, 22 - 23, 27, 68 |
| | papel em crise sistêmica | 28, 42 - 43 |
| comércio | energia e | 51 - 52 |
| | meio ambiente e | 81 |
| | livre comércio | 40, 68, 81 - 82 |
| | interdependência global e | 24 |
| | em Terralanda | 81 - 82 |
| Nações Unidas | formação de | 24 - 25 |
| | Mundos Fortaleza e | 43 - 44 |
| | futuro de | 70 |
| | limites de | 33 - 34 |
| | Reforma de Políticas e | 33 - 34, 41 |
| | Declaração Universal dos Direitos Humanos | 24 - 25, 63 - 64, 72 |
| Agenda de Desenvolvimento pós-2015 da ONU | Reforma de Políticas e | 38, 40, 42 - 43 |
| | Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | 41, 42 - 43 |
| valores | ecocentrismo | 30 - 31, 47 - 48, 71 - 72 |
| | em Terralanda | 71 - 72 |
| | mudança institucional e | 47 |
| | valores pós-consumistas | 85, 89 |
| | religião e | 87 |
| | solidariedade | 31, 46 - 48, 59, 62, 71 - 72, 88 - 89, 95 |
| | tríade de valores (GT) | 31, 45 - 48, 63 - 64, 71 |

| Verbetes Principais | Subitens | Página |
|-----------------------------|----------------------------------|---------------------------|
| bem-estar | consumo e | 39 |
| | economia e | 30-31 |
| | realização e | 71-72 |
| | MGC e | 64 |
| | PIB e | 78 - 79 |
| | em GT | 50 |
| | em Terralanda | 78 - 79, 84 - 85 |
| | tempo de lazer | 50, 84 - 85 |
| | suficiência material | 71 |
| | erradicação da pobreza e | 50 - 51 |
| | dimensões qualitativas de | 84 - 85 |
| | papel na tríade de valores | 47 - 48 |
| | jornadas de trabalho mais curtas | 50 - 51, 80 - 81, 84 - 85 |
| | riqueza de tempo | 81, 84 - 85 |
| Assembleia mundial | | 78 |
| Constituição Mundial | | 70, 72, 76, 77 |

iBase.